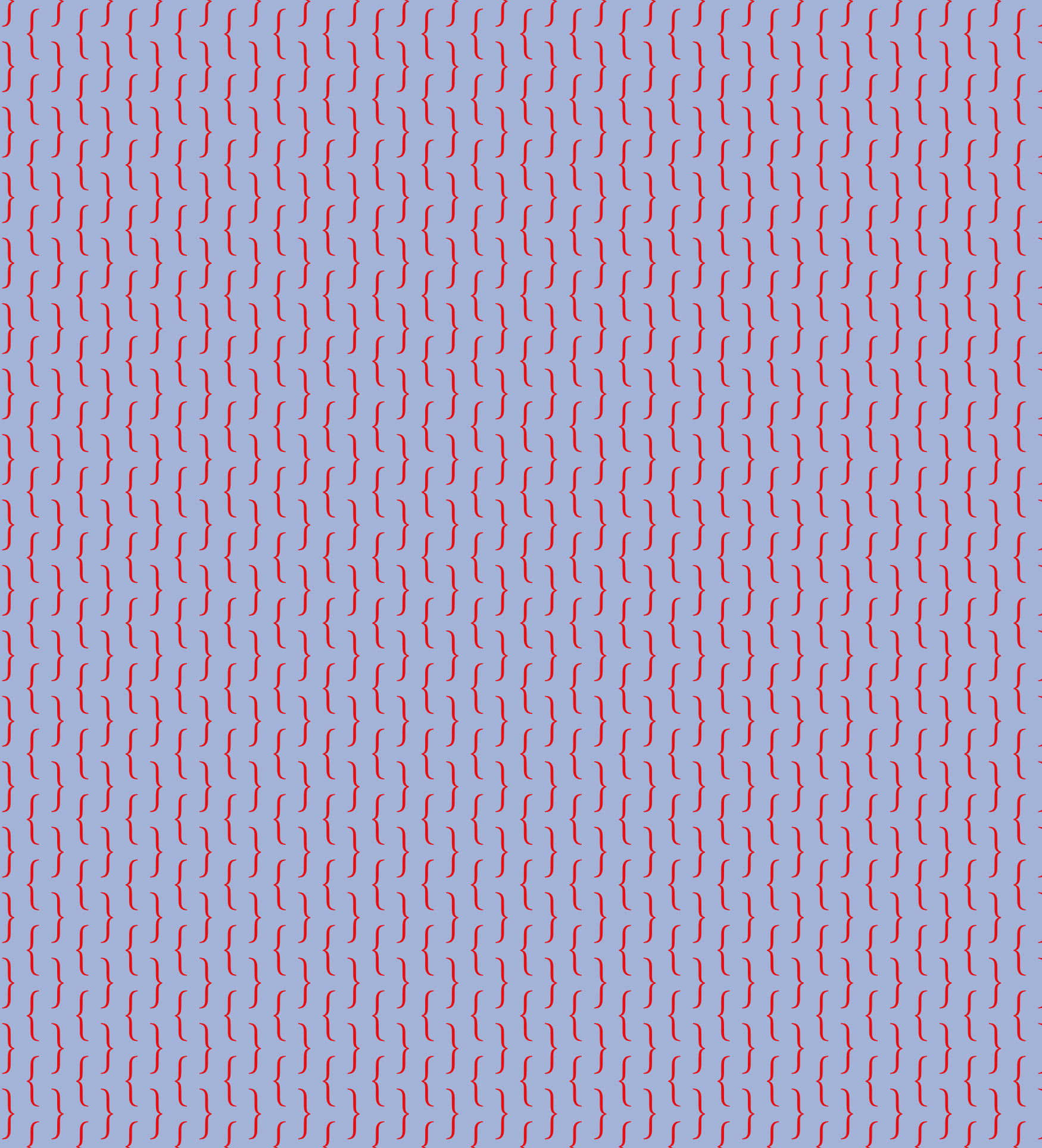
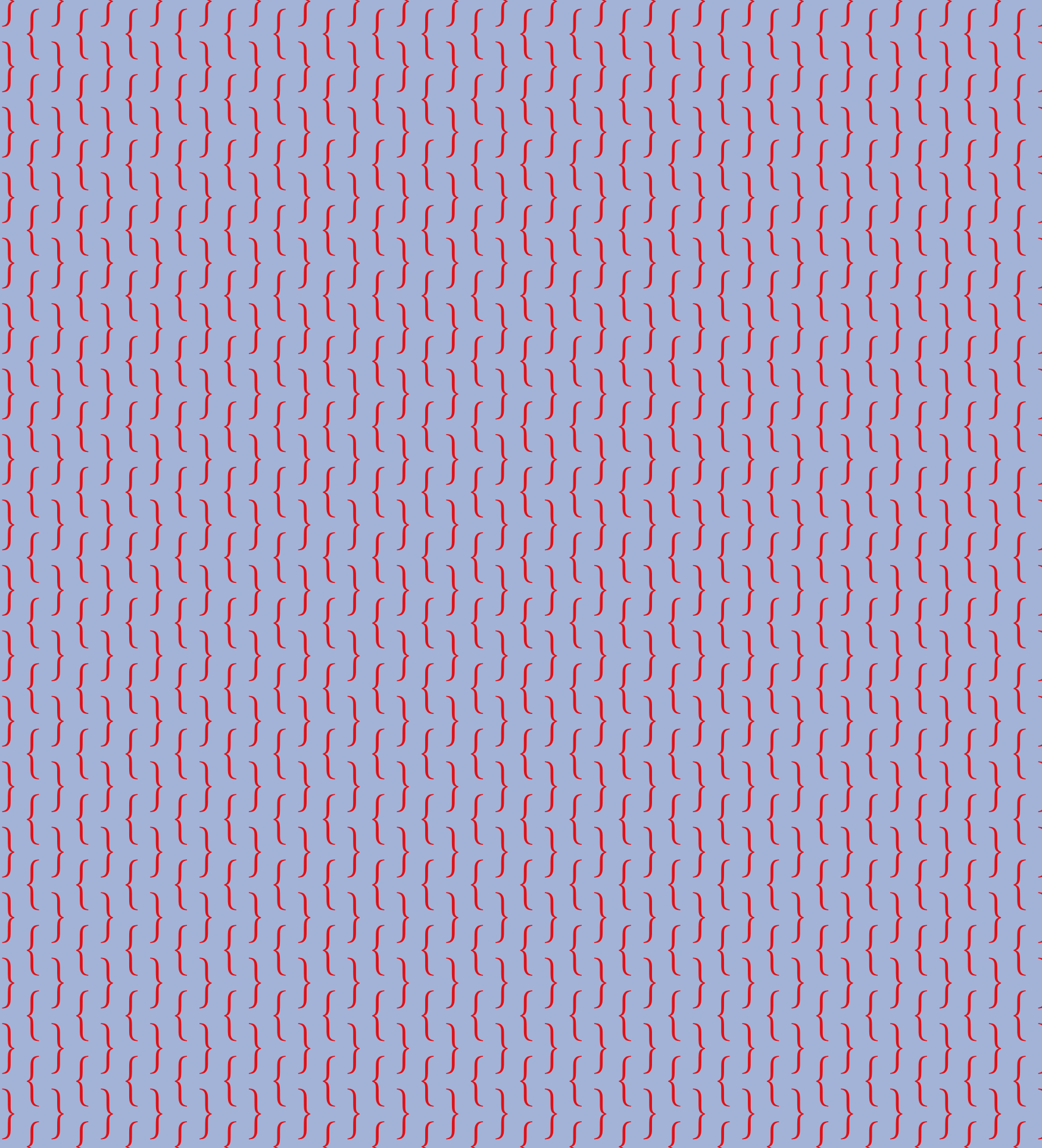


{ Festa do Divino Espírito Santo de
Pirenópolis - Goiás }







DOSSIÊ IPHAN 17 { Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás }



DOSSIÊ IPHAN 17 { Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás }



*Esta festa não se acaba,
esta festa não tem fim.
Esta festa não se acaba,
esta festa não tem fim.
Se esta festa se acabar,
se esta festa se acabar,
ai, meu Deus,
ai, meu Deus,
ai, meu Deus
que será de mim?*

Domínio Público. *Farofada*,
Música da Festa do Divino
de Pirenópolis.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Temer

MINISTRO DA CULTURA
Sérgio Sá Leitão

PRESIDENTE DO IPHAN
Kátia Santos Bogéa

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
PATRIMÔNIO IMATERIAL
Hermano Fabrício Oliveira Guanais e Queiroz

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
ARTICULAÇÃO E FOMENTO
Marcelo José Santos de Brito

DIRETOR DO PATRIMÔNIO MATERIAL
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE
PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
Marcos José Silva Régio

DIRETOR DO PAC DE CIDADES HISTÓRICAS
Robson Antônio de Almeida

SUPERINTENDENTE DO IPHAN EM GOIÁS
Salma Saddi de Paiva

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL –
DPI/IPHAN

*SEPS Quadra 713/913, Bloco D,
Edifício IPHAN, 4º andar
CEP 70.390-135 Brasília – DF
Telefone: (061) 2024-5401
E-mail: dpi@iphan.gov.br*

Departamento de Patrimônio Imaterial

COORDENAÇÃO-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO
E REGISTRO
Deyvesson Israel Gusmão

COORDENAÇÃO-GERAL DE SALVAGUARDA
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

COORDENAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante

COORDENAÇÃO DE REGISTRO
Marina Duque Coutinho de Abreu Lacerda

COORDENAÇÃO DE APOIO À SUSTENTABILIDADE
Natália Guerra Brayner

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR – CNFCP
Claudia Márcia Ferreira

Instrução Técnica do Processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás

Supervisão técnica

DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL
Ana Claudia Lima e Alves
Ana Lúcia de Abreu Gomes

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM GOIÁS

Simone Monteiro Silvestre Fernandes –
coordenadora do Iphan
José Newton Coelho Meneses – Coordenador
da equipe de pesquisa
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante
Maíra Torres Corrêa

ESCRITÓRIO TÉCNICO DO IPHAN EM PIRENÓPOLIS

Paulo Sérgio R. de A. Galeão
Adelmo Carvalho
Catarina Judite Schiffer

COORDENAÇÃO E EQUIPE DE PESQUISA

Restarq/Restauração Arquitetura e Arte Ltda.
Ana Maria Xavier – Coordenação Executiva
Marina A. M. de Macedo Soares (antropóloga)
– Coordenação Técnica
João Guilherme Curado (historiador) –
pesquisador
Teresa Caroline Lobo (cientista social) –
pesquisador
Vanderlei Alcantara Ramos (arquiteto) –
pesquisador



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Edição do Dossiê Interpretativo

COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO

Yêda Barbosa

EDIÇÃO DE TEXTO E COPIDESQUE

Ana Cláudia Lima e Alves

Ana Lúcia Lucena

PREPARAÇÃO DE ORIGINALS E REVISÃO DE TEXTO

Denise Ceron

FOTOGRAFIAS

Arquivo ETEC/IPHAN – Pirenópolis

Arthur Pedreira

Cristophe Scianni

João Guilherme Curado

Leiliane Trindade

Marina de Macedo Soares

Maurício Pinheiro

Saulo Cruz

Silvio Cavalcante

Vanderlei Alcantara

ILUSTRAÇÃO

William Burchell

FONTE DE IMAGENS HISTÓRICAS

Carvalho, A.

PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO

Avellar e Duarte

Inara Vieira

Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás

Processo nº 01450.000715/2010-15

PROponentes

Instituto Cultural Cavalhadas de Pirenópolis

*Prefeitura Municipal de Pirenópolis, Irmandade do
Santíssimo Sacramento.*

DADOS DO PROCESSO

*Pedido de Registro aprovado na 63ª reunião do Conselho
Consultivo do Patrimônio Cultural, em 15 de abril de
2010.*

*Inscrição no Livro de Registro das Celebrações em 13 de
maio de 2010.*

CAPA

*REI CRISTÃO E REI MOURO SE
PREPARANDO PARA AS CARREIRAS.*

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

PÁGINA 2

VESTIMENTA DO REI CRISTÃO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

PÁGINA 4

*DETALHES DA VESTIMENTA DO
CAVALHEIRO MOURO.*

FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

PÁGINA 8

MASCARADO NO ALTO DA MATRIZ.

FOTO: SAULO CRUZ - 2008.

SUMÁRIO



10 APRESENTAÇÃO

12 INTRODUÇÃO

18 UMA FESTA QUE NÃO TEM FIM

20 Que festa é essa: origem e andanças do Divino

22 A Festa do Divino em Pirenópolis: rezar, comer e festar

26 Quem faz a festa

32 Os tempos e lugares da festa

34 O IMPÉRIO DO DIVINO E SEUS RITUAIS

36 A centralidade da festa

37 As atribuições do imperador

39 As primeiras cerimônias do Império

41 O domingo do Divino e o sorteio do novo imperador

43 As últimas cerimônias do Império

44 AS FOLIAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

46 As folias de Pirenópolis e suas hierarquias

48 Junta, saída e giro

49 Os pousos

54 A entrega das folias

56 O IMPÉRIO E AS CAVALHADAS

62 Os protagonistas

64 O grande espetáculo

67 O campo das cavalhadas

70 MÁSCARAS E MASCARADOS

73 “Sair de mascarado”

75 Os preparativos

77 Origens e transformações

80 O REINADO DA SENHORA E DO SANTO

84 Os rituais do Reinado

87 Os reis e rainhas

90 A CAVALHADINHA

93 O início dos festejos

94 A sexta-feira da cavalhadinha

96 O sábado da cavalhadinha

96 O domingo do Divino

98 Do simples folguedo à transmissão da tradição

100 AS ARTES NA FESTA

102 Os sons da festa

105 Autos e folguedos

108 Dramas e operetas

108 Pastorinhas

109 Espaço para todos

109 As artes do Divino em exposição

110 RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

111 Fatores de risco e ameaças

117 Medidas de salvaguarda

120 NOTAS

140 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

143 Anexo 1 – Pessoas entrevistadas durante a pesquisa

146 Anexo 2 – Parecer do Relator

155 Anexo 3 – Certidão de Registro

APRESENTAÇÃO



COROA DO IMPERADOR EM
PROCISSÃO.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

A *Coleção Dossiê dos Bens Culturais Registrados* destina-se a tornar amplamente conhecidos e valorizados como Patrimônio Cultural do Brasil os Bens de natureza imaterial Registrados pelo Iphan.

O Registro foi criado pela Constituição Federal de 1988, art. 216, § 1º, e regulamentado pelo Decreto Presidencial nº 3.551/2000, que também institui o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI). Ele é realizado pela inscrição dos bens em algum dos quatro Livros de Registro: das Celebrações, dos Lugares, das Formas de Expressão e dos Saberes. Os Dossiês publicados têm por base os estudos que fundamentaram o Registro do Bem Cultural e refletem as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio.

A divulgação dos processos de Registro e dos resultados do

trabalho institucional contribui para o reconhecimento desse patrimônio pela sociedade brasileira e favorece condições de sua permanência. São apresentados nos Dossiês elementos que definem a identidade dos detentores dos Bens Culturais e dos grupos sociais envolvidos em sua realização, seu universo de ocorrência, e as práticas e saberes que o constituem.

Este 17º volume da Coleção apresenta o **Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis**, Goiás, inscrito no Livro das Celebrações.

A Festa se confunde com a história e a dinâmica de Pirenópolis. Nela estão envolvidos os diversos atores locais, diversas expressões culturais e são reproduzidas as estruturas sociais que configuram as identidades coletivas e individuais.

A articulação entre passado e presente, a atribuição de novas formas a antigos conteúdos e vice-versa, num eterno refazer, mantém viva a Festa ao longo de gerações.

Sua salvaguarda não tem foco no risco de desaparecimento, pois os mecanismos de transmissão e o engajamento de sua comunidade são fortes e garantem sua continuidade. O desafio é garantir a vitalidade e atualidade da Festa, mantendo seu vínculo e sentido para a comunidade local, mesmo com sua abrangência ampliada. ■

Kátia Santos Bogéa
Presidente do Iphan

INTRODUÇÃO



CAVALEIROS MIRINS.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis é uma das principais manifestações de devoção religiosa popular do Brasil. Seu primeiro registro data de 1819, quando a história local começou a colecionar a lista dos imperadores. Desde então, sua realização é contínua. A celebração articula o passado ao presente, envolvendo permanentemente toda a cidade e determinando os padrões de sociabilidade local. A cidade faz a festa e a festa faz a cidade.

Por meio dela, marca-se o tempo, reproduzem-se estruturas sociais e configuram-se identidades coletivas e individuais.

Muitos eventos e celebrações compõem a festa: as folias da Roça, da Rua e do Padre, que giram¹ pelos bairros da cidade e pela zona rural do município, recolhendo donativos para a festa; as celebrações do império, com os

cortejos do imperador, jantares, novena, missas cantadas, alvoradas, levantamento do mastro e queima de fogos; as cavalcadas (encenações de batalhas medievais entre mouros e cristãos); os mascarados, que, a pé ou a cavalo, circulam irreverentes pelas ruas e participam das cavalcadas; a encenação de dramas, operetas e do auto *As pastorinhas*; ranchões, bailes sertanejos e outras formas de expressão associadas à festa; o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito, antigas festas de pretos, com seus congos, congadas e tradicionais distribuições de doces.

A cavalcadinha complementa a festa. Realizada essencialmente por crianças, é a reprodução mirim dos festejos e o momento máximo de socialização e transmissão, para uma nova geração, dos valores

culturais caros aos pirenopolinos.²

Considerada, por tudo isso, uma das mais tradicionais e expressivas celebrações do Divino Espírito Santo no Brasil, a festa de Pirenópolis demandava havia tempos seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro pela sociedade local, por estudiosos da cultura popular e por instituições culturais goianas. Assim, no final de 2007, por iniciativa da então 14ª Superintendência Regional, atual Superintendência do Iphan em Goiás, teve início o projeto de pesquisa da festa, tendo em vista a oportuna instauração do seu processo de registro. Sob a supervisão do Departamento do Patrimônio Imaterial, foram contratados, mediante licitação, serviços técnicos especializados para a produção de conhecimento e documentação da celebração.

A empresa Arquitetura, Restauração e Arte Ltda. (Restarq)

VISTA DA IGREJA E DA PRAÇA
DO BONFIM.
FOTO: SILVIO CAVALCANTE, 2005.



foi a responsável pelas pesquisas. A Set de Filmagens, por sua vez, encarregou-se da documentação audiovisual. A Restarq constituiu uma equipe multidisciplinar coordenada pela antropóloga Marina de Macedo Soares, composta de três pesquisadores e uma estagiária, todos residentes em Pirenópolis, conforme pré-requisito da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) adotada para a pesquisa e a documentação da festa. A Set manteve em Pirenópolis um fotógrafo, que se incorporou à equipe de pesquisa durante os trabalhos de campo, cobrindo as entrevistas, e depois vários cinegrafistas e fotógrafos, que registraram o período de clímax da festa.³

Os trabalhos foram gerenciados pelo então chefe do Escritório Técnico de Pirenópolis, sob a

coordenação de historiadoras da Superintendência do Iphan em Goiânia (Goiás) e a supervisão da Gerência de Registro do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI/Iphan).⁴

A pesquisa e a documentação da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, feitas em 2008, cobriram todo o período de preparação e de realização das celebrações. Foram identificados e documentados, em fotografia e vídeo, os elementos constitutivos atuais da festa, suas origens, o processo histórico de sua ocorrência e as transformações pelas quais passou, além das motivações dos produtores do evento e dos significados que estes atribuem à sua participação.

Enquanto transcorriam as pesquisas, foram mobilizados os promotores e participantes da festa para a formalização da proposta de

registro, que afinal se concretizou com os pedidos apresentados por imperadores do Divino (de 1970 até 2009), pelo Instituto Cultural Cavalcadas de Pirenópolis – formado pelos cavaleiros mouros e cristãos –, pela prefeitura municipal de Pirenópolis e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento. A estes se juntaram, por meio de manifestações de anuência, o delegado local da Agência Goiana de Cultura, Pedro Ludovico (Agepel), e a Câmara Municipal de Pirenópolis.

A etapa de pesquisa e sistematização do conhecimento foi concluída em dezembro de 2008, com a entrega do relatório do INRC e da primeira versão do dossiê descritivo. As fotos digitalizadas e os documentários audiovisuais, editados em versões longa e curta, foram entregues pela Set na mesma época (final de dezembro de 2008). Sob análise

técnica dos setores competentes, o dossiê e seu material audiovisual sofreram modificações até alcançar a versão definitiva, em outubro de 2009. Por fim, em 25 de janeiro de 2010, a documentação reunida, produzida e sistematizada durante as pesquisas foi encaminhada pela superintendente do Iphan de Goiás ao presidente do instituto, e passou a constituir o processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, Goiás, sob o número 01450.000715/2010-15.

Compuseram o corpo do processo os documentos originais dos pedidos de registro e cartas de anuência, já mencionados, os programas e convites da festa de 2008 e o dossiê descritivo ilustrado, além das correspondências de encaminhamento do Iphan. Os demais documentos e publicações produzidos ou reunidos pela equipe de pesquisa, em diferentes

suportes, constituem 14 anexos do processo, começando pelo relatório do INRC, nas versões impressa (com cinco volumes) e digital.

Desse modo, todo o conhecimento sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis e os requisitos para seu registro, em conformidade com a legislação, foram devidamente contemplados no processo. Cabe destacar que o empenho da equipe de pesquisa foi decisivo para a obtenção dessa documentação completa, visto que a celebração se caracteriza pela dispersão espacial e pelo grande número de eventos e rituais, muitos dos quais ocorreram (e ocorrem) simultaneamente em diferentes lugares.⁵

Mesmo apoiada pelo pessoal do Escritório Técnico do Iphan – que sediou os trabalhos de pesquisa e documentação –, a equipe de pesquisa precisou se desdobrar

para acompanhar os vários eventos intermitentes da festa. Foi necessário, para isso, elaborar um roteiro e um fluxograma situando no tempo e no espaço as numerosas celebrações, que se concentraram em um período de 64 dias – do domingo de Páscoa a *Corpus Christi*. Nesse período, ao mesmo tempo que desenvolvia o trabalho de campo, a equipe de pesquisa atendia os membros da comunidade envolvidos com os festejos, que visitavam constantemente o Escritório Técnico de Pirenópolis como objetivo de contribuir para o conhecimento da festa.

O alto nível de desempenho das equipes de pesquisa e de documentação, como também do escritório do Iphan (que proporcionou o gerenciamento dedicado ao projeto por seu chefe, Paulo Sérgio Galeão), traduziu-se na quantidade e na qualidade

do conhecimento sistematizado e também na documentação produzida pela equipe da Set de Filmagens, que chegou a mobilizar mais de 20 integrantes nos momentos de pico da festa.

A equipe registrou em arquivos digitais com alta resolução cerca de 1.500 fotografias de todos os bens culturais identificados e dos principais rituais e personagens da festa. Além disso, produziu 130 horas de material bruto para editar um vídeo de 1 hora e 50 minutos e outro de 25 minutos, que, com as informações consolidadas nos quatro volumes do INRC, propiciaram o mais amplo conhecimento da festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis e de seu significado como patrimônio cultural do Brasil.

Com base no conhecimento e na documentação produzidos pela pesquisa, elaborou-se o dossiê descritivo, seguindo a estrutura da

festa e dos principais elementos que a constituem. No texto ilustrado, é apresentada uma descrição densa da rede de eventos, das relações e das práticas sociais que dão forma, ano a ano, aos festejos do Espírito Santo, a maior devoção da comunidade local, demonstrando a importância de seu registro como patrimônio cultural do Brasil. Conforme previsto na Resolução nº 001/2006 do Iphan, que regulamenta o registro de bens culturais de natureza imaterial, o dossiê também apresenta as recomendações de salvaguarda necessárias à preservação da Festa do Divino de Pirenópolis.

Devidamente instruído, portanto, o processo de registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis foi apreciado e aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, em sua 63ª reunião, realizada em 15 de abril de 2010. O DPI/Iphan

procedeu à inscrição da festa no Livro de Registro das Celebrações em 13 de maio de 2010 e, conseqüentemente, reconheceu-a como patrimônio cultural do Brasil.

O registro representa um passo fundamental para a preservação dessa celebração e compromete o Iphan e as demais instituições públicas municipais e estaduais a contribuir para as condições de produção e de continuidade da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, cuja realização sempre mobilizou profundamente a sociedade local.

No intuito de contribuir para a valorização e a salvaguarda da festa, esta publicação trata de divulgar o conhecimento reunido no processo de registro, com base no dossiê descritivo que se organizou de modo semelhante à estrutura da festa, com os seguintes tópicos: “Uma festa que não tem fim”; “O Império do



Divino e seus rituais”;
 “As folias do Divino Espírito Santo”;
 “O Império e as cavalhadas”;
 “Máscaras e mascarados”;
 “O Reinado da Senhora e do Santo”; “A cavalhadinha”;
 “As artes na festa” e as
 “Recomendações de salvaguarda”.

A festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis é, certamente, uma das principais demonstrações de devoção ao Divino do país.



Compreendê-la pelo olhar de quem a faz – como a metodologia do INRC propicia – significa desvelar sua grandiosidade, além de sua capacidade de fazer uma cidade, já que permanece profundamente imbricada na rede de sociabilidade local, dando significado e orientando a vida de toda a população.

A pesquisa sobre essa festa também propicia a construção

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
 MASCARADO A PÉ DANÇANDO.
 FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

EXPOSIÇÃO AS ARTES DO DIVINO.
 FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

de um olhar dotado de certo lastro histórico que informa o que é, de onde veio e como veio, guardando em sua expressão contemporânea muitos traços que podem ser encontrados em outras festas do Divino no Brasil, em qualquer tempo. Ela evidencia o eterno refazer das festas religiosas populares, que nada mais são do que um grande diálogo entre as festas medievais europeias, trazidas com a colonização, refletindo as diversas transformações econômicas, sociais e culturais que fizeram das antigas Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meya Ponte a Pirenópolis de hoje.⁶ Em suma, pode-se ler a história da cidade na história da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, que o Iphan tem o prazer de apresentar nesta publicação para a apropriação e a valorização desse patrimônio cultural por todos os brasileiros. ■

UMA FESTA QUE NÃO TEM FIM



DECORAÇÃO EM FRENTE À CASA DO IMPERADOR.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

A MATRIZ E O LARGO DE MEYA

PONTE EM 1825. RETRATADOS

POR WILLIAM BURCHELL.

FONTE: GILBERTO FERREZ, 1981.



Em Pirenópolis, há quem conte o tempo pelas festas. A Festa do Divino Espírito Santo faz parte de uma rede de eventos religiosos que envolve a cidade e seus povoados. Além de várias Nossas Senhoras – do Rosário (a padroeira), de Fátima, Aparecida –, a população local realiza muitas outras festividades: dos Reis Magos, com sua folia, em janeiro, até a Festa de São Judas Tadeu, em outubro.

Além da Festa do Divino, sua maior devoção, merece destaque a da Santíssima Trindade, que dá pretexto à famosa Festa do Morro, na lua cheia de julho, quando boa parte dos moradores da cidade se muda para a serra dos Pireneus. Essa sequência de eventos revela a profunda religiosidade que permeia e organiza a sociabilidade local: as festas organizam a economia e informam a geografia, a história, a tradição e a memória dos habitantes de Pirenópolis e dos arredores.⁷

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis desempenha papel central na formação da identidade cultural local: um jeito próprio de viver e sentir o mundo com base no qual não há um tempo “antes” e um tempo “depois” da festa nem distâncias intransponíveis entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular. A festa apresenta todos os pressupostos que nos possibilitam entendê-la como um “fato social total”: um sistema de produção e circulação de bens e de dádivas baseado na reciprocidade, que interfere em todas as dimensões da vida social.⁸

O Divino Espírito Santo não é santo de procissão nem de romaria. Não tem poder de cura, mas tudo pode curar. Não é santo de brancos ou de negros, nem mesmo santo padroeiro da cidade é. Na forma de pomba, fogo, neblina, nuvem ou

vento, anuncia a chegada de um novo tempo por meio da propagação de seus sete dons: fortaleza, sabedoria, ciência, conselho, entendimento, piedade e temor de Deus. É a chegada do Império do Divino Espírito Santo, marcado pela partilha entre os homens e entre a terra e o céu: o Divino chega ao homem; o homem divino é.

É, portanto, santo mais de agradecer do que de pedir. Na verdade, é santo de festejar. E a Festa do Divino Espírito Santo é a forma que a cidade de Pirenópolis – antiga Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meya Ponte – encontra desde seus primórdios para celebrar sua maior devoção.

Há quem diga que, por sua capacidade de aglutinar outras manifestações religiosas e culturais, de origens as mais diversas, há várias festas em uma. Há quem diga que se trata de uma festa que não tem fim, já que mobiliza durante o ano

QUE FESTA É ESSA: ORIGEM E ANDANÇAS DO DIVINO

inteiro – e não apenas durante os festejos – toda a comunidade.

A festa faz circular as graças do Espírito Santo, que se multiplicam pelo campo e pela cidade, entrelaçando vizinhos e parentes, por meio da fartura, da oração e da comensalidade. A forma de agradecer ao Divino é a festa, e a certeza de receber suas bênçãos vem exatamente da participação no evento como

imperador, cozinheiro, folião, fogueteiro ou cavaleiro.

A festa é solidária: nela só se acumula para redistribuir, não importa o lugar que cada um ocupa nos festejos. É nesse lugar que se realiza a densa troca simbólica entre o Divino Espírito Santo e seus devotos. A devoção ao Divino explica a festa, que explica a cidade, constituindo a fonte principal de sua identidade. ■

As Festas do Divino Espírito Santo são associadas a antiquíssimos festejos realizados em épocas de colheita, como instrumentos de distribuição de víveres e donativos em períodos de “fomes apertadas”.⁹ Elas são fundadas na reciprocidade e na solidariedade e baseadas em relações de parentesco e vizinhança, que se organizam em grandes mutirões.

Uma das versões mais divulgadas sobre sua origem localiza seus primórdios em Portugal, na passagem do século XIII para o XIV. Ela teria sido instituída pela rainha Dona Isabel, esposa de Dom Diniz, o rei lavrador, em franco conflito com a Igreja Católica. Cinquenta dias após a Páscoa, no domingo de Pentecostes, o Espírito Santo – terceira pessoa da Santíssima Trindade – era festejado com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres.¹⁰ O



ESQUERDA

PROCISSÃO DAS VIRGENS NO DOMINGO DO DIVINO, EM 1917, DURANTE O IMPÉRIO DE CHICO DE SÁ.

FORTE: CARVALHO, A., 2007.

DIREITA

FOLIA DO DIVINO NO LARGO DA MATRIZ, NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

FORTE: CARVALHO, A., 2007.



auge do culto ao Espírito Santo em Portugal coincidiu com o período mais intenso da expansão ultramarina. Muito popular na Idade Média, espalhou-se pela África portuguesa, pela Índia, pelos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e ganhou o mundo a bordo das naus portuguesas.¹¹

No Brasil, o culto difundiu-se durante o período colonial e hoje é celebrado em todas as regiões, em variadas versões, podendo ser considerado uma das práticas mais antigas do catolicismo popular. De acordo com relatos de vários viajantes estrangeiros, o Espírito Santo era celebrado de Norte a Sul do Brasil no século XIX, sobretudo no Centro-Oeste, no Sudeste e nas áreas de imigração açoriana, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul. José Alexandre Mello Moraes Filho informa que, “até 1855, nenhuma festa popular no Rio de Janeiro

foi mais atraente, mais alentada de satisfação geral”¹² que a do Divino.

Essas festas e tradições populares tiveram importante papel na mediação entre as culturas que se confrontavam durante o período colonial e na conformação dos padrões sociais locais. Para a Igreja Católica, elas eram frequentemente consideradas situações propícias à evangelização. Foi o que ocorreu em Goiás durante o ciclo do ouro, que propiciou a formação de vilas e cidades. Porém, como destaca a historiadora Mônica Martins da Silva, é importante relembrar as características da Igreja no Brasil naquele período, em que predominava o “aspecto devocional em romarias, promessas, votos e festas dedicadas aos santos, com caráter basicamente social e popular”, em comemorações em que práticas sagradas e profanas se confundiam.¹³ Calcadas “no

sincretismo, na diversidade simbólica e na circularidade cultural”, as festas religiosas foram as principais expressões da sociabilidade das comunidades que então se formavam, gerando “formas específicas de sociabilidade”.¹⁴

A bibliografia consultada e reunida durante as pesquisas realizadas em 2008 indicou a continuidade das Festas do Divino pelo Brasil afora, com variações nos elementos comuns de seus rituais sagrados e profanos, incluindo encenações de cavalcadas e mascarados. A celebração acontecia em algumas cidades do Pará, do Amapá, do Piauí e da Bahia, e era uma referência cultural no Maranhão, onde se celebrava o Espírito Santo com grandes festividades na capital, São Luís, em muitas cidades do interior e em Alcântara, onde as velhas senhoras vestidas de vermelho

A FESTA DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS: REZAR, COMER E FESTAR

batiam caixas em homenagem ao Divino. Ele continuava imperando também em Diamantina, onde era celebrado com tradicional suntuosidade. Com maior ou menor força, a festa continuava ocorrendo em pelo menos mais uma centena de cidades mineiras.

No Rio de Janeiro, o Divino Espírito Santo imperava na cidade histórica de Paraty,¹⁵ em outras cidades do interior do estado e em bairros da capital, como o Catumbi. No Tocantins, separado do estado de Goiás em 1988, a Festa do Divino continuava a ser a mais popular de Natividade. Em Mato Grosso, ainda ocorria em algumas cidades, mas sem expressão significativa. Já em Goiás, o Divino Espírito Santo continuava sendo festejado com pompa nos municípios de Santa Cruz, Pilar, Cidade de Goiás (a antiga Vila Boa), Palmeiras

e Jaraguá, onde mascarados circulavam na véspera do domingo de Pentecostes, assim como em Corumbá, no Mato Grosso do Sul, onde também havia cavalhadas. Em Luziânia, a festa acontecia desde o século XIX, e as cavalhadas do Divino foram revividas na última década do século XX.¹⁶

Em São Paulo, o Divino era festejado em várias cidades do vale do Paraíba, sendo a festa de São Luiz do Paraitinga a principal referência, por conta dos bonecos gigantes, da distribuição gratuita do afogado, prato típico tradicional, e de outras ricas expressões de devoção. Na região Sul, as celebrações do Espírito Santo continuavam ocorrendo em Santa Catarina, onde eram valorizadas como a expressão mais significativa da identidade cultural açoriana, bem como no Paraná e no Rio Grande do Sul.¹⁷ ■

Não são conhecidos registros que indiquem como e quando esses festejos chegaram ao Centro-Oeste do país. Alguns autores consultados durante a pesquisa confiam na hipótese de que, em Pirenópolis, a Festa do Divino venha sendo celebrada desde a fundação do arraial, na primeira metade do século XVIII. Entretanto, o primeiro registro histórico conhecido sobre a realização da celebração nessa cidade é de 1819, em um período particularmente importante para as festas populares, que, com a vinda da família real para o Brasil, intensificaram-se na forma de cerimônias públicas, colaborando para a consolidação de um imaginário no qual “se punha a pátria no altar”.¹⁸ Ao mesmo tempo que enaltecia a pátria e perpetuava a devoção ao Divino, a festa ia se inscrevendo e se refazendo “

CAMPO DAS CAVALHADAS – LARGO DA
MATRIZ – MEADOS DO SÉCULO XX.
FOTO: AUTOR DESCONHECIDO.
FONTE: ARQUIVO ETEC/IPHAN –
PIRENÓPOLIS.



na diacronia, incorporando traços, esquecendo outros, dando novos conteúdos a antigas formas ou, ao contrário, atribuindo novas formas a antigos conteúdos”.¹⁹ Nesse eterno refazer, o evento permanecia dialogando com a história, com as condições locais e com as circunstâncias do cotidiano, que, absorvidas pelos festejos, podiam ou não vir “a integrar o estoque simbólico acessado no ano seguinte”.²⁰ Dessa maneira, atualizavam-se e, ao mesmo tempo, reiteravam-se as tradições locais.

Foi nesse período que a então Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meya Ponte, por sua privilegiada situação geográfica, entrou na rota do Brasil dos viajantes, tornando-se foco da atenção de artistas, cientistas e naturalistas que dela registraram suas impressões em descrições, narrativas, aquarelas e aguadas.²¹ Esse acontecimento

certamente contribuiu para que Meya Ponte iniciasse a construção de um novo olhar sobre si mesma e suas tradições: mesmo sendo anteriormente realizada, foi a partir de 1819 que a Festa do Divino “entrou para a história” local. Essa informação divide espaço com outra: a de que a Festa do Divino é tão velha quanto a própria cidade, compondo, para muitos, seus mitos de fundação.²²

Analisando a literatura relativa a esse período do século XIX, verificam-se semelhanças entre a Festa do Divino Espírito Santo celebrada hoje em Pirenópolis e as que eram realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro: folias em busca de esmolas para o culto, bandeirolas e arandelas no largo da Igreja, instalação do Império,²³ levantamento do mastro com a bandeira do Divino, bandas e orquestras, vendedores de sorte e

de comidas, tabuleiros de doces e “magníficas ceias, trazidas de casa”; barracas de espetáculos, cavalhadas, encamisados, congos e congadas, ópera, circo, teatro e fogos.²⁴

As semelhanças se estendem à estruturação do ciclo da festa, com sua novena e seus picos no sábado do Divino e no domingo de Pentecostes. A diferença marcante entre elas está no fato de que, em Pirenópolis, o imperador nunca foi menino.²⁵ No livro *O Divino, o santo e a senhora*, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão sintetiza a Festa do Divino Espírito Santo como “uma série de sequências simbólicas de atuação, com graus diversos de formação ritual, distribuídas entre comemorações coletivas em situações de rezar, comer e festar”.²⁶ De fato, não há evento da festa que não seja produzido coletivamente e que não implique

CAMAROTE DA BANDA NO CAMPO DAS CAVALHADAS – LARGO DA MATRIZ – FINS DA DÉCADA DE 1950.
 FOTO: AUTOR DESCONHECIDO.
 ACERVO: JOSÉ PERCIVAL AFONSO.
 FONTE: ARQUIVO ETEC/IPHAN – PIRENÓPOLIS.

a circulação de bênçãos por meio da farta distribuição de alimentos. Desde o início dos terços dos cavaleiros, ainda em janeiro, e durante todo o período de efervescência da festa, até a sua finalização, há uma sucessão ininterrupta de grandes e pequenas cerimônias que se desenvolvem – muitas vezes simultaneamente – em torno de orações, de rezas cantadas e de refeições partilhadas, seja na casa do imperador, seja nas farofadas, seja nas folias e nas festas do Reinado.

Para a comunidade local, a eficácia da festa é traduzida na expressão da fé e na manutenção das tradições: “A festa é um compromisso coletivo da cidade para com o Divino” e “o modo próprio de a cidade expressar a sua crença, promovendo uma situação de múltiplos rituais de louvor e homenagem ao Espírito

Santo”.²⁷ Os depoimentos colhidos durante a pesquisa reiteram esses entendimentos, podendo-se afirmar que a festa e a devoção ao Divino marcam profundamente a sociedade de Pirenópolis e estruturam sua identidade e suas representações. Nesse processo, festeja-se a unidade de uma coletividade acima de suas alteridades, ao mesmo tempo em que se confirmam suas diferenças e os numerosos conflitos que, ano a ano, vão conformando a dinâmica da festa.

Por meio da pesquisa, apreendeu-se que, embora a Festa do Divino de Pirenópolis dialogue com outras manifestações culturais locais e sofra transformações ao longo do tempo, sua estrutura mantém-se a mesma. Os numerosos rituais e personagens que a constituem são os seguintes, segundo sua ordem de ocorrência:

- as folias, que “giram” de dia e pousam de noite, na cidade e nas fazendas da região, levando as bandeiras do Divino e angariando donativos para a festa;
- o Império propriamente dito, cujas cerimônias principais se concentram em (cerca de) quinze dias, a partir da saída das folias, com alvoradas, novena, cortejos, levantamento do mastro, queima de fogos de artifício, distribuição de “verônicas”, sorteio e coroação do sucessor, tudo embalado pela centenária Banda Phoenix;
 - os mascarados – bois, onças, capetas, caveiras e monstros, vestidos com roupas coloridas e brilhantes, em bandos –, que saem no sábado, ao meio-dia, anunciando a abertura da festa, e reinam até o sábado de *Corpus Christi*, duas semanas depois;
 - as cavalhadas, na qual mouros e cristãos ricamente



vestidos encenam batalhas e confraternizações do domingo de Pentecostes até a terça-feira, à noite, quando rezam ao Divino e descarregam as armas na frente da Igreja do Bonfim, encerrando o Império;

- as Festas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, santos dos pretos, que foram agregadas ao Império do Divino há décadas e acontecem nas manhãs da

segunda e da terça-feira seguintes ao domingo de Pentecostes;

- outras expressões agregadas à festa, como as peças de teatro (desde 1837), o auto natalino *As pastorinhas* (desde 1923), os congos e congadas, a barraca do padre, a feira, os ranchos dançantes;

- a cavalhadinha, ou cavalhada-mirim,²⁸ que reproduz os rituais da festa para crianças, as quais aprendem, brincando,

os valores e referências da identidade cultural dos pirenopolinos.²⁹

Do mesmo modo que se preservam as características essenciais da Festa do Divino, continuam sendo reiterados os principais mecanismos sociais que configuram sua celebração a cada ano, articulando Igreja, poder público e famílias locais, como se descreve a seguir. ■

QUEM FAZ A FESTA

Em Meya Ponte, principalmente no decorrer do século XIX, os imperadores do Divino pertenciam ao clero, à Guarda Nacional ou à esfera política local, quase sempre membros das famílias mais importantes – com vinculação direta ou indireta com a irmandade do Santíssimo – e quase sempre ligados por uma extensa rede de parentesco que reorganizava permanentemente os limites entre os grupos sociais locais. Constatou-se durante a pesquisa que essa característica permanece e é fundamental para a compreensão da Festa do Divino de Pirenópolis, bem como das Festas do Divino em geral.³⁰

As famílias não são apenas o principal meio de inclusão e movimentação dos indivíduos nos diferentes cargos, funções e papéis que fazem a festa. Descender de família reconhecida como

tradicionalmente envolvida com os festejos aumenta o prestígio do participante diante da comunidade, ao mesmo tempo que potencializa sua devoção, refazendo e atualizando no presente a trama das relações simbólicas e históricas de seu grupo familiar com os festejos do Divino e com as tradições culturais locais.

Há famílias tradicionalmente envolvidas com o Império, com o Reinado, com a Banda Phoenix, com a produção de peças teatrais, com a música que se faz nas folias ou com as próprias folias. Outras ainda são responsáveis pelo levantamento do mastro, pela confecção de bandeiras, pela montagem de altares e pela preparação de doces, de máscaras ou de vestimentas para a festa. A família de Pompeu Cristóvão de Pina, por exemplo, já elegeu 21

imperadores e, tradicionalmente, está envolvida com as mais diversas manifestações da festa, entre elas as cavalhadas, o auto *As pastorinhas*, a banda e peças teatrais. Pompeu Cristóvão de Pina foi um dos principais organizadores da Festa do Divino e referência incontestável de suas ordens e tradição.³¹

Esse modo fundamental de inserção na festa também orienta as relações entre adultos e crianças. Em todos os depoimentos colhidos durante a pesquisa, os entrevistados enfatizaram a necessidade imperiosa de transmissão das tradições: é preciso aprender com os pais (ou com a família) e repassar os conhecimentos para as próximas gerações. Depoimentos dessa natureza foram ouvidos em todos os eventos e celebrações da festa, na casa do imperador, durante as folias, dos cavaleiros e

IMPERADOR, CAVALEIROS E DEMAIS
MEMBROS DA COMUNIDADE REZAM
DURANTE O TERÇO
DOS CAVALEIROS.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



dos participantes do Reinado e, naturalmente, da cavalhadinha.

A comunidade também cuida de passar para as novas gerações as tradições da Banda de Couro, do congo e da contradança, além da catira e das pastorinhas infantis.³² No processo de transmissão da cultura da festa também merecem destaque as virgens e os anjinhos, que participam dos cortejos do imperador no domingo do Divino desde muito pequenos, até mesmo enquanto ainda bebês.

Esse grande mecanismo de reprodução sociocultural – o de refazer e honrar a tradição familiar de envolvimento com os festejos do Divino e, assim, praticar a sua devoção – confirma o fato de que as famílias locais são as verdadeiras protagonistas da festa.

Outro aspecto a considerar é referente ao modo como homens e mulheres participam



da festa. A Festa do Divino é preponderantemente masculina, embora haja papéis reservados às mulheres, sobretudo nas atividades de preparação dos festejos, como montagem de altares e enfeites, confecção de vestimentas e elaboração de comidas, restritos aos domínios privados.

Os principais personagens da festa são do sexo masculino:

o imperador, os cavaleiros das cavalhadas e os participantes das folias. A exceção fica para o Reinado, que sempre contou com a rainha de Nossa Senhora do Rosário e com a juíza de São Benedito.

Historicamente, as mulheres sempre tiveram lugar no coro e na orquestra que se apresentam nas missas e na novena do Divino, limitando-se sua atuação aos



DA ESQUERDA PARA A DIREITA
ALMOÇO DA FOLIA DA ROÇA.
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

CATIRA NA FOLIA DO PADRE.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

espaços litúrgicos da festa.³³ Só no início do século XX as mulheres conquistaram espaço definitivo na festa, com o auto *As pastorinhas*, no qual os papéis de pastoras e demais personagens foram reservados às meninas e adolescentes, filhas das famílias locais mais importantes. Nessa época, também, as mulheres passaram a participar dos dramas e operetas “levados” durante os festejos, que nas primeiras edições da festa eram essencialmente masculinos.³⁴

Atualmente, as mulheres também participam da Banda Phoenix, dançam catira na cerimônia de abertura das cavalhadas e em alguns pousos de folia. Nas folias da Roça e da Rua, são raríssimas exceções, embora compareçam em massa aos bailões e forrós dos pousos da Folia da Roça. Também se dão ao

ESQUERDA, ALTO
POMPEU CRISTÓVÃO DE PINA
(1934-2014), GUARDIÃO DAS
TRADIÇÕES E UM DOS PRINCIPAIS
ORGANIZADORES DA FESTA
DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

ESQUERDA, BAIXO
DONA LU, IRMÃ DE CAVALEIRO,
BORDA A CAPA DE REI CRISTÃO DE
SEU FILHO, ADAIL.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CENTRO, ALTO
OTAVINHO QUER SUBSTITUIR SEU
TIO-AVÔ, O FAMOSO OTÁVIO DE
MORAES, NA FOLIA DA ROÇA.
FOTO: SAULO CRUZ - 2008.

CENTRO, BAIXO
DONA DIVINA COM TRÊS DOS SEUS
CINCO NETOS QUE PARTICIPAM
DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIEITA, ALTO
DONA LAURITA DA VEIGA, RAINHA
DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA, BAIXO
NEUSA DE SÁ, JUÍZA DE
SÃO BENEDITO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



FOLIONAS DANÇAM CATIRA EM
POUSO NA FOLIA DA RUA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



direito de sair de “mascarado”, denunciando suas formas femininas ou mesmo tirando suas máscaras, contrariando a regra fundamental do anonimato.

Em 2008, a esposa do imperador desempenhou funções que normalmente não cabem às mulheres, conduzindo, por exemplo, os terços dos cavaleiros. Segundo Pompeu de Pina, a Festa do Divino Espírito Santo

de Pirenópolis é indubitavelmente masculina e, em suas cerimônias, não há lugar para as mulheres. Para ele, tais inovações são indesejáveis aos festejos.³⁵

Vale a pena lembrar, entretanto, que atividades antes reservadas às mulheres têm sido desempenhadas também por homens. É o caso das “verônicas”, alfenins em forma de medalhão com emblemas relativos à Festa

do Divino. Tradicionalmente, cabia exclusivamente aos homens fundir e esculpir as forminhas de chumbo com as quais são moldadas as massas de açúcar, enquanto eram as mulheres que faziam o doce.

Na festa de 2008, foi grande a presença masculina na casa do imperador auxiliando em todas as etapas de confecção das cobiçadas verônicas.³⁶ ■

OS TEMPOS E LUGARES DA FESTA



O conjunto de festejos que compõem a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis marca, antes de tudo, o tempo local. Há um tempo cíclico – o da festa – que cria intensos movimentos de ressignificação do passado e do presente. O significado de ser pirenopolino passa obrigatoriamente por essa dimensão do tempo na qual o passado se atualiza no presente e o presente se potencializa no passado, reiterando as representações locais. Não há cotidiano sem festa; sem ela, não há passado nem presente.

Isso faz do evento “uma festa que não tem fim”, já que, a partir do sorteio do novo imperador, no domingo de Pentecostes, iniciam-se os preparativos para a festa do ano seguinte, envolvendo toda a comunidade. Até a próxima festa – e em nome da devoção –

serão produzidos bens materiais e simbólicos que circularão como dádivas durante os festejos.

Há, de fato, um período de “dormência”, seguido da deflagração propriamente dita dos eventos e celebrações da festa, que vai pouco a pouco ocupando todos os espaços da cidade. São lugares da festa as casas, largos e igrejas, sendo os principais a casa do imperador, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, a arena das cavalcadas, o teatro e as ruas, estradas, atalhos e morros percorridos pelas folias. Durante os festejos, esses lugares e cenários são alvo de inversão temporária de seu uso cotidiano.

As casas tornam-se espaços abertos de celebração e comensalidade, por exemplo, durante a realização dos terços dos cavaleiros e das “farofadas”,³⁷ nas festas de doces promovidas

no reinado e nos pousos da Folia da Rua. Da mesma forma, a casa do imperador é dos devotos do Divino: nela, o altar da coroa está sempre montado, as portas, sempre abertas, e a mesa, posta, à espera das visitas.

Nas fazendas, os altares ficam abertos à visitação; porém, de acordo com as regras de hospitalidade das folias, “[...] na casa só pousam o Espírito Santo, o dono da casa e sua família”.³⁸

As igrejas se reservam para a realização de eventos diretamente relacionados à festa, como a novena do Divino, o levantamento dos mastros e as missas em louvor aos santos do Reinado (na Igreja do Bonfim) e as cerimônias que envolvem o imperador (bênção da coroa, novena, sorteio e coroação do imperador), na igreja matriz.

Do mesmo modo, durante as alvoradas, cortejos e procissões,



DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CASA DO IMPERADOR.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

IGREJA E LARGO DA IGREJA
DO BONFIM.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

as ruas são tomadas pelos devotos. O largo da Matriz é palco de numerosos eventos e cerimônias, como tocatas, apresentação de folguedos e cerimônias de levantamento do mastro e queima da fogueira, no sábado do Divino. A queima de fogos, que acontece em seguida, é feita à beira-rio, local onde também se realizaram os ensaios das cavalcadas, em 2008. No Theatro

Pirenópolis são apresentadas as encenações de dramas e operetas, além do auto *As pastorinhas*.

A cavalcadinha da Vila Matutina, inventariada durante as pesquisas, ocorre em lugares próprios daquele bairro, com a apresentação de todos os pequenos personagens da festa. As encenações dos combates e confraternizações dos pequenos cavaleiros mouros e cristãos acontecem no campinho da vila. As celebrações litúrgicas da festa, o levantamento dos mastros dos santos do reinado e do Divino, a queima das fogueiras e o sorteio dos encargos são realizados na praça da Santa. A queima de fogos também acontece na vila, à beira do rio das Almas, em um lugar conhecido como Lages.

Embora a centralidade do território da festa seja urbana, já que é na cidade que se sedia

o Império, seus domínios se estendem por uma extensa rede de relações que unem o rural e o urbano, visível principalmente nas folias. Além disso, a sociedade pirenopolina se reconhece nos valores rurais, identificando-se profundamente com seus padrões éticos, estéticos e sociais. A moda de viola, a catira, a profunda religiosidade, a virilidade, as relações de compadrio, a lida no campo e o prazer de percorrer longas distâncias são alguns dos valores cultivados pela comunidade local.³⁹ Isso sem falar nos cavalos, sem os quais não há cavalcadas, nem folias, nem as famosas exibições equestres dos mascarados durante a festa. ■

O IMPÉRIO DIVINO
E SEUS RITUAIS



REI CRISTÃO DAS CAVALHADAS
BEIJANDO A COROA NA CASA
DO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA
BANDEIRA E COROA DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A Festa do Divino Espírito Santo é móvel. Sua data varia conforme a combinação dos ciclos solar e lunar, com clímax no domingo de Pentecostes, normalmente entre os meses de maio e junho. Em 2008, ano em que se realizou a pesquisa para conhecimento e documentação da Festa do Divino de Pirenópolis, os festejos se desdobraram ao longo de 64 dias de comemorações intermitentes e muitas vezes simultâneas: iniciaram-se no domingo de Páscoa (dia 23 de março), tiveram seu ápice no dia 11 de maio (domingo de Pentecostes ou domingo do Divino) e se encerraram em *Corpus Christi* (dia 22 de maio), com a entrega definitiva da coroa ao imperador de 2009, quando se iniciaram os preparativos para a festa do ano seguinte. A festa ainda continuou com os primeiros eventos da



cavalladinha na noite de *Corpus Christi* e terminou no domingo seguinte (em 2008, dia 25 de maio), com a queima de fogos na Vila Matutina.

As cerimônias são, em sua maioria, bastante ritualizadas. “Conversam entre si” em vários momentos dos festejos, oferecendo ao observador um largo e denso panorama da festa. A intensidade, a extensão e a

sobreposição de tantas cerimônias e o grande envolvimento da comunidade local podem dar a impressão de que se está diante de comemorações independentes, agregadas quase aleatoriamente em torno de um tema principal. Entretanto, uma observação mais cuidadosa revela um circuito de trocas simbólicas que vincula firmemente a maioria dessas celebrações ao Império do Espírito Santo. Objetos simbólicos, como a coroa, as bandeiras e as lanças dos cavaleiros, circulam no espaço de cada festejo e entre os festejos, e são consagrados pelo imperador ou na presença dele. É sob as asas do Império e pela ação do imperador que essa multiplicidade de manifestações ganha sua inteira dimensão.⁴⁰ ■

A CENTRALIDADE DA FESTA

O Império do Divino é sempre a grande referência da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Seus símbolos mais sagrados são a pomba, as bandeiras e a coroa, que é objeto de todas as deferências e permanece exposta à visitação o ano todo, em um altar especialmente preparado na casa do imperador. Essa é uma característica singular da Festa do Divino de Pirenópolis, como explicou Pompeu de Pina, em depoimento gravado durante a pesquisa: “[...] a nossa coroa do Divino, ela é entronizada. Em outras cidades existem coroas [...]. Mas nenhuma das coroas é entronizada. Agora, a nossa coroa do Divino é entronizada, é venerada durante 24 horas por dia. Sorteia o cidadão imperador; no outro dia ele constrói na sala, a melhor sala que ele tem, usando os panos mais bonitos que ele

tenha, a mesa mais sofisticada. Aí ele põe o trono, a coroa em destaque, e é velada, e é rezada, é pedida pelos fiéis, que vão lá e têm fé de conseguir alguns favores do Espírito Santo”.

A maioria das procissões e dos cortejos do Império sai ou converge para a casa do imperador. A exceção é a procissão da bandeira, no sábado do Divino, que se inicia na

COZINHA DA CASA DO IMPERADOR
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008

casa do mordomo da bandeira e termina na igreja matriz, onde, após receber as bênçãos, é levantada no mastro.⁴¹ Nas cavalhadas, a passagem pela casa do imperador e a visitação à coroa é realizada por meio de diversos rituais e em diversos momentos dos festejos. As Folias da Roça e da Cidade também encerram seus giros diante do altar da coroa, na casa do imperador. ■



AS ATRIBUIÇÕES DO IMPERADOR

O imperador é o principal responsável pela preparação e pela realização dos festejos. Tradicionalmente, é ele quem arca com a maioria das despesas da festa, embora conte com o auxílio de sua família, de amigos, de devotos e de outras pessoas da comunidade de Pirenópolis, além das autoridades da prefeitura municipal e do estado de Goiás. Seu prestígio emana exatamente de sua capacidade de “acumular para redistribuir”, sejam bens materiais ou imateriais, seja trabalho voluntário, sejam víveres para a preparação de alimentos, por exemplo. Para muitos, “o que o Imperador vai gastar com a festa não é nada perto das graças que já recebeu e vai continuar recebendo”.⁴²

Em Pirenópolis, o Império do Divino dá forma e sacraliza um conjunto de rituais, como a

CHICO PEDRUCA FAZ O “PEDITÓRIO” PARA A FESTA DO DIVINO DE CASA EM CASA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



bênção da coroa, as alvoradas, a novena e as missas do Espírito Santo, os cortejos e as procissões, a bênção da bandeira e o levantamento do mastro, a fogueira, a queima de fogos e as *roqueiras* (tiros de toco) e o sorteio e a posse do novo imperador. O Império estrutura seus domínios principalmente por meio das folias e das cavalcadas e alcança o Reinado, cujas

bandeiras são bentas na presença do imperador. É principalmente por intermédio do imperador, ou de suas insígnias, que a maioria das cerimônias que compõem a festa reverencia o Espírito Santo.

Entre a Páscoa e a novena do Divino, o imperador realiza várias cerimônias em sua casa (que, desse modo, passa a ser um local da festa), muitas relacionadas às cavalcadas e às folias, além de providenciar a alimentação dos músicos que participam das alvoradas. A casa do imperador é dos devotos do Divino, que devem ser servidos com fartura em qualquer ocasião. Por esse motivo, a cozinha da casa do imperador – comandada pela esposa do festeiro e movida a doações, trabalho voluntário ou remunerado – jamais descansa, preparando ininterruptamente quitandas,



DE CIMA PARA BAIXO
OS TIROS DE TOCO – *ROQUEIRAS*
– ANUNCIAM O INÍCIO DA MISSA E
DA NOVENA DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

"PEDITÓRIO" PARA PAGAMENTO
DE PROMESSAS, NA VÉSPERA DO
DOMINGO DE PÁSCOA.
FOTO: ARTHUR PEDREIRA, 2008.

cafés, bolos e salgados, que são servidos em várias refeições diárias.

Outra atribuição do imperador é providenciar a pólvora para os tiros de toco⁴³ e os fogos para a cerimônia "do queima", na noite do sábado do Divino, um dos pontos altos da festa. Tradicionalmente, é ele também quem contrata os espetáculos teatrais que serão levados durante a festa, assim como a Banda Phoenix e a Orquestra Nossa Senhora do Rosário, que participa da novena e das missas cantadas em latim. Cabe a ele, ainda, providenciar a decoração da igreja e da rua, esta com bandeirolas brancas e vermelhas no trajeto da casa imperial à matriz, para as procissões do domingo do Divino. É ele, finalmente, quem promove a distribuição de verônicas e pãezinhos do Divino às virgens do cortejo imperial. ■



AS PRIMEIRAS CERIMÔNIAS DO IMPÉRIO

As cerimônias litúrgicas ligadas especificamente ao Império iniciaram-se no domingo de Páscoa, com o peditório de esmol⁴⁴ e a bênção da coroa, e foram retomadas durante a novena do Divino, que, em 2008, ocorreu durante os dias 2 e 10 de maio. Na véspera de Pentecostes – o sábado do Divino –, uma série de eventos abriu os festejos: ao meio-dia, após o repique de sinos e a tocata da Banda Phoenix, os mascarados marcaram sua presença na festa, tomando conta do largo da Matriz. Com máscaras de boi, capetas e outros personagens, a cavalo ou a pé, os mascarados foram a partir daí uma presença constante nos festejos, tanto no campo das cavalladas como circulando em permanentes desfiles pelas ruas da cidade.

No mesmo largo, e também a partir do meio-dia de sábado, apresentaram-se os grupos de

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
DANÇA DO CONGO NO SÁBADO
DO DIVINO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

MASCARADOS NO SÁBADO
DO DIVINO.

FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.



dança e música que participaram de várias cerimônias durante a festa: Banda de Couro, congo, congada, contradança e pastorinhas.

À noite, após o último dia da novena e com a ajuda dos mordomos da festa e de membros da irmandade do Santíssimo Sacramento, foi realizada a cerimônia de queima da fogueira e de levantamento do mastro, após a colocação da



bandeira do Divino, que foi abençoada durante a missa.⁴⁵ Em seguida, a multidão seguiu a Banda Phoenix, que acompanhou o imperador até a beira-rio, para a cerimônia “do queima”.

A queima de fogos é um espetáculo grandioso (como aqueles que acontecem nas passagens de ano em vários lugares do mundo), com duração de quase 20 minutos, muito

DIREITA

COLOCAÇÃO DA BANDEIRA DO DIVINO NO MASTRO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

BAIXO, ESQUERDA

CERIMÔNIA DE LEVANTAMENTO DO MASTRO, EM FRENTE À IGREJA MATRIZ, NO SÁBADO DO DIVINO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

BAIXO, DIREITA

FOGUEIRA ACESA ANTES DO LEVANTAMENTO DO MASTRO, NO LARGO DA MATRIZ, NO SÁBADO DO DIVINO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

aplaudido pela multidão. “O queima”, como é chamado em Pirenópolis, é considerado pela maioria um indicador da qualidade da festa e do prestígio do imperador.

Esses eventos preparam a chegada do domingo do Divino (ou domingo de Pentecostes), dia de glória do imperador, um dos raros momentos em que ele tem a honra de usar a coroa. ■



O DOMINGO DO DIVINO E O SORTEIO DO NOVO IMPERADOR

Logo pela manhã saiu o cortejo imperial, conduzindo o imperador Adão Rosa Pires de sua casa à igreja matriz, para a missa solene – ou missa do Divino – que precede o sorteio do novo imperador. As bandeiras do Divino abriram o cortejo, seguidas das crianças da contradança e do congo, além das virgens (meninas vestidas de branco) e dos anjinhos. Atrás delas veio o andor – uma coroa gigante enfeitada com flores – e, finalmente, o quadro dentro do qual foram conduzidos o imperador e sua família. Alguns ex-imperadores, a Banda Phoenix, a congada e a Banda de Couro fecharam o cortejo.

Já na matriz, o imperador, seus parentes, as porta-bandeiras e outros participantes do cortejo tomaram seus lugares à esquerda do altar-mor, enquanto o andor foi colocado ao lado do altar.



Após a missa cantada, teve início o sorteio do novo imperador, sempre aguardado com ansiedade e tensão pelos candidatos. Entre eles, Rafael Donato, mordomo da bandeira em 2008, aguardava “a vontade do Divino, esperando há mais de 30 anos para ser sorteado como imperador”, pois, segundo ele e a crença da maioria dos candidatos, “você pode

PROCISSÃO DO DIVINO,
NO DOMINGO DE PENTECOSTES.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

colocar o nome na sorte, mas quem escolhe é o Divino”.⁴⁶

Diante da multidão que lotava a matriz, foram sorteados os principais ocupantes dos cargos para a festa do ano seguinte: o imperador, o mordomo da fogueira, o mordomo do mastro, o mordomo da bandeira e o mordomo das velas. Depois do sorteio, formou-se novamente o cortejo (agora denominado

ESQUERDA
SORTEIO DO NOVO IMPERADOR,
NO DOMINGO DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO
O NOVO IMPERADOR É COROADO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CORTEJO DO NOVO IMPERADOR
COROADO PARA SUA CASA,
ACOMPANHADO PELO IMPERADOR QUE
TERMINA SEU MANDATO.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008.



coroou o imperador de 2009, Marcus Siqueira, sacralizando com as bênçãos da Igreja o Império do Divino Espírito Santo, nascido quase pagão.⁴⁷

Confirmou-se, assim, a continuidade da festa, com a passagem de um ano imperial para o outro.⁴⁸

Foi formado um novo cortejo para conduzir, dentro do quadro, os dois imperadores até a casa do novo imperador, Marcus Siqueira, de tradicional família pirenopolina, morador da rua Direita. Lá, a coroa foi depositada em seu novo altar. Entretanto, de acordo com a tradição, a coroa ainda permaneceu com o imperador de 2008: na mesma noite, o imperador Adão Pires levou-a de volta para sua casa, desta vez sem nenhum cortejo. ■

procissão do Divino), com a mesma formação da manhã, que conduziu o imperador Adão Pires de volta a sua casa para a distribuição das verônicas e dos pãezinhos do Divino às crianças que participaram da procissão.

No domingo à tarde, o imperador se dirigiu ao campo e, de seu camarote, assistiu à abertura das cavalhadas, lá permanecendo até o final das encenações.

Como reza a tradição, ainda no domingo, ao final da missa das 19 horas, continuaram as cerimônias ligadas ao Império, com a bênção e a posse do novo imperador. Conduzido pela Banda Phoenix, o imperador Adão Pires foi de sua casa à igreja matriz. Em frente ao altar, o padre, após aspergir água benta sobre os dois imperadores, retirou a coroa da cabeça de Adão Rosa Pires e

AS ÚLTIMAS CERIMÔNIAS DO IMPÉRIO

Em 22 de maio, foram realizadas as últimas cerimônias do Império, iniciadas com a procissão de *Corpus Christi*, seguida de repique de sinos na matriz, ao meio-dia, e descida do mastro.⁴⁹

A entrega definitiva da coroa ao novo imperador foi feita no início daquela noite. O cortejo, liderado pelas suas filhas e acompanhado pela Banda Phoenix, saiu da casa do imperador Adão Pires, que foi carregando a coroa nas mãos até a casa do novo imperador. Os dois imperadores, com seus familiares, seguiram dentro do quadro até a altura da matriz, onde foi feita a transferência da coroa.

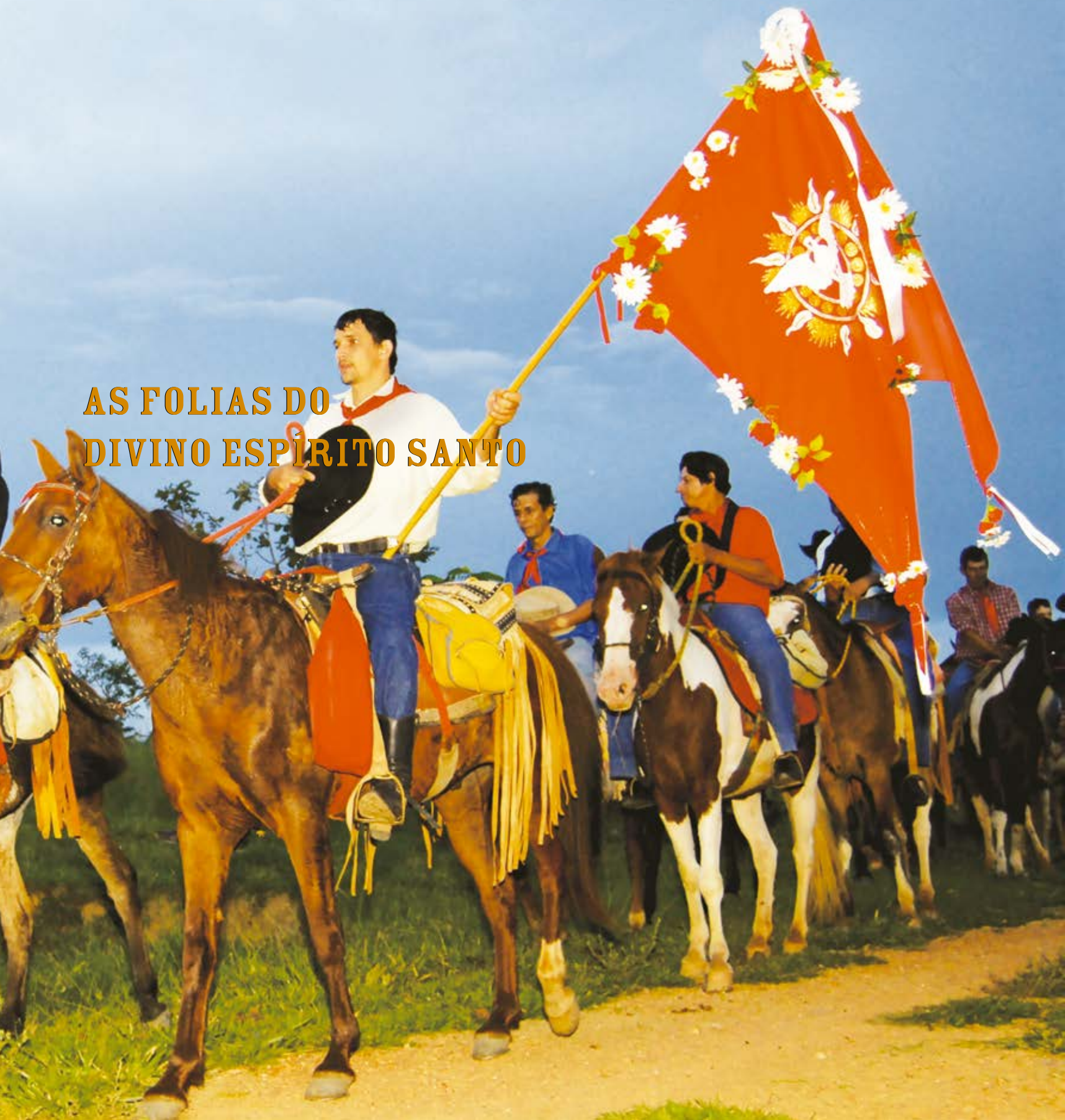
O cortejo, com o novo imperador já coroado, seguiu pela rua Direita, ainda coberta pelo tapete de flores da procissão de *Corpus Christi*, realizada naquela manhã. O altar, montado na melhor sala da casa do imperador,



aguardava a coroa. Houve queima de fogos e distribuição de salgados e bebidas à multidão, que acompanhou o cortejo e tomou

conta da rua e da casa. Encerrou-se, assim, o ano imperial de Adão Rosa Pires, imperador do Divino de 2008. ■

**AS FOLIAS DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO**



FOLIA DO PADRE NA CHEGADA AO POUSO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO ENTREGA DAS BANDEIRAS DA FOLIA DA CIDADE AOS DONOS DO POUSO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

SAÍDA DA FOLIA DA ROÇA DA ANTIGA CASA DE SEU OTÁVIO E D. ROSA, NA RUA DO ROSÁRIO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



As folias são antigos ritos de apêditório de donativos para festas de santos católicos. Um exemplo muito conhecido são as Folias de Reis. Os participantes das Folias do Divino se empenham na missão de divulgar a devoção ao Espírito Santo, ao mesmo tempo que tratam de ampliar os domínios do Império. Eles descrevem esses ritos como procissões ou romarias que preparam a chegada do domingo de Pentecostes e “tiram” esmolos para ajudar o imperador a fazer a festa.

As folias do Divino giram de dia e pousam à noite,⁵⁰ cumprindo um roteiro predeterminado. Nas rurais, os foliões seguem a cavalo; na cidade, fazem o giro a pé. Os caminhos percorridos são circulares e não podem se cruzar, girando sempre do nascente para o poente. Os giros duram de sete a oito dias, e os pousos são

normalmente organizados em regime de mutirão, realizados entre vizinhos, parentes e amigos. No canto de chegada a cada pouso, os foliões vão entoando: “O Divino vem chegando, com seu belo resplendor. Vai dizendo viva, viva, viva o nobre morador!”.

Muito ritualizadas, as folias são abertas pelas bandeiras, que simbolizam a presença do Divino Espírito Santo e orientam o longo cerimonial que será seguido pelos foliões. São conduzidas solenemente pelos alferes, que, com elas, visitam casas, fazendas e povoados, recolhendo esmolos e distribuindo as bênçãos do Divino. Nos pousos, recebidas pelos donos da casa, as bandeiras são depositadas em altares especialmente preparados para a ocasião, em meio a cantorias e orações. É com elas que se pede o pouso e se “tiram” as esmolos. É

diante delas, tocando-as, beijando-as, cantando ou rezando, que os devotos recebem suas bênçãos e fazem seus pedidos ou agradecimentos ao Divino Espírito Santo. São elas que, ao final dos giros, são entregues, com as esmolos, ao imperador e colocadas no altar, diante da coroa do Divino. ■



AS FOLIAS DE PIRENÓPOLIS E SUAS HIERARQUIAS



Em Pirenópolis, existem atualmente três folias: a da Roça, que se realiza há mais de 140 anos e reúne o maior número de foliões, inclusive de cidades próximas; a da Rua, ou da Cidade, que existe há cerca de 50 anos e circula no perímetro urbano; a do Padre, que também percorre a zona rural do município – uma iniciativa mais recente da Igreja local contra os “excessos” das outras folias, e a única que entrega os donativos à igreja, e não ao imperador.⁵¹

A Folia do Padre é a primeira a sair. As outras duas ocorrem simultaneamente. Todas elas apresentam três etapas de realização – junta, giro e chegada –, tendo cada momento seus rituais e cantorias pertinentes.

Com base na pesquisa realizada em 2008, foi possível conhecer e documentar os diversos rituais

das folias, seus participantes e os significados atribuídos por eles a esses giros de devoção e festa.

Nas folias há uma hierarquia bem definida, formada por alferes, embaixadores, regentes, procuradores e salveiros, além dos foliões, normalmente uniformizados e portando as insígnias do Divino: pombinhas do Divino – ou divininhos – presas com uma fita vermelha na camisa ou no chapéu. Existem também os chamados foliões de atalho, ou seja, aqueles oportunistas que só participam dos desfiles na saída da folia e em sua chegada à cidade, e comparecem aos pousos somente nos momentos que lhes interessam, como a hora do jantar e a dos bailões. Vale ressaltar que esse não é o caso da Folia da Rua, pois é comum que o folião vá dormir em casa e retome o giro na alvorada do dia seguinte.

Os alferes são os líderes organizadores das folias e conduzem os foliões pelos giros. São eles que, todos os anos, negociam os pousos e estabelecem o roteiro a ser percorrido pelos foliões. Além de carregar as bandeiras, eles entregam os donativos ao imperador ou ao padre (no caso da Folia do Padre).

Os embaixadores – os músicos – são os mestres litúrgicos das folias que, com versos e cantorias, indicam passo a passo as minuciosas etapas rituais que devem ser cumpridas pelos foliões em cada pouso. Ao som de vários instrumentos – violão, viola, cavaquinho, sanfona, pandeiro e zabumba – entoam os versos de chegada, agradecimento e despedida, e conduzem as rezas e cantorias diante do altar das bandeiras, na hora das refeições, durante o peditório e durante



DA ESQUERDA PARA A DIREITA
"GIRO" DA FOLIA DA CIDADE.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

"JUNTA" DA FOLIA DA CIDADE
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

as alvoradas. São eles também que conduzem a catira e a dança do chá⁵² em todos os pousos. Sem eles, não há folia.

Os regentes são responsáveis pela ordem e disciplina do grupo, principalmente nos pousos das folias rurais, onde, diariamente, além do cumprimento de todas as etapas rituais, os participantes devem montar e desmontar seus acampamentos, lavar as roupas

e cuidar de seus animais. Na organização das folias, existem ainda os tropeiros, que cuidam dos cavalos na chegada dos pousos e, pela manhã, recolhem-nos nos pastos e os entregam aos foliões.⁵³

Os procuradores se incumbem de recolher as esmolas durante o peditório realizado pelos embaixadores, todas as noites após o jantar. Enquanto os músicos entoam os versos e cantorias,

os procuradores permanecem em pé, ao lado das bandeiras, segurando os saquinhos de pano vermelho onde os devotos depositam seus donativos.

Os salveiros, por sua vez, são responsáveis pelos fogos e roqueiras (tiros de toco), que anunciam os momentos rituais mais importantes da folia, principalmente na chegada e na saída dos pousos e quando terminam os giros, seja na porta da igreja, seja na casa do imperador. ■

JUNTA, SAÍDA E GIRO

Em 2008, a Folia do Padre iniciou seu giro no dia 18 de abril. No junta, as bandeiras foram levantadas na porta do salão paroquial e benzidas diante do altar, em cerimônia conduzida por um ministro da eucaristia – imperador do Divino em 2006 – e finalizada pelo pároco local que, diante do microfone, empenhou-se em realizar “a tradução litúrgica” da devoção ao Divino Espírito Santo. Após o almoço, os foliões seguiram para o primeiro pouso.⁵⁴

As Falias da Roça e da Rua saíram no dia 25 de abril – dois dias antes do retorno da Folia do Padre à cidade – e finalizaram seus giros no domingo anterior ao de Pentecostes.

A Folia da Roça partiu da rua do Rosário, da casa nº 27, no centro histórico, que continuava sendo uma referência do junta

para os antigos foliões, pois ali moravam o famoso alferes Otávio de Moraes e sua esposa, dona Rosa, ambos já falecidos, que por muitas décadas abrigaram o início da folia.⁵⁵ O junta iniciou-se no dia 24, véspera da saída, como de costume, sendo os embaixadores dessa folia quase todos moradores de Anápolis, em Goiás. Eles são músicos famosos por trabalhar com repentes. Durante o junta, realizaram-se rezas e cantorias diante do altar e as bandeiras foram bentas pelos próprios foliões. Na tarde seguinte, a folia se organizou diante da casa do senhor Otávio e cruzou a cidade em duas longas filas de cavaleiros, como manda a tradição, seguindo em direção ao primeiro pouso. Nas ruas e calçadas, a população saudava a passagem dos foliões, tocando as bandeiras e beijando-as.⁵⁶

CANTORIO EM FRENTE AO ALTAR
DE UM POUSO (FOLIA DO PADRE).
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A Folia da Cidade teve nove pousos em 2008, saindo da casa de Mané Chato (Manoel Moreira da Silva), no Alto do Bonfim. Os foliões, alguns muito idosos, percorreram um trajeto circular pelos bairros do entorno do centro histórico, seguindo, ao final, para a casa do imperador.⁵⁷ ■



OS POUSOS

Nas fazendas que receberam as folias rurais, além dos altares preparados na melhor sala da casa, foram feitos vários arranjos para os pousos, como a montagem de uma grande cozinha e de um grande refeitório, a cercadura de pastos para os cavalos, a preparação de áreas para acampamento dos foliões, a construção ou a melhoria de banheiros coletivos, a instalação de pontos de água, de tablados para as catiras e de espaço para danças e bailões, o reforço da rede elétrica e melhorias nas estradas que davam acesso ao local.⁵⁸ Na Folia do Padre, também foram preparados alguns pousos comunitários em pequenos povoados, com grande envolvimento dos moradores.

Para a Folia da Rua também foram necessárias algumas adaptações. Os altares foram montados na sala das casas, de

FOLIA DA ROÇA FAZ O "S"
NA CHEGADA AO POUSO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



acordo com o gosto e as posses de seus moradores. As cozinhas receberam o reforço de fogareiros, e somente em alguns poucos pousos a cozinha e o refeitório foram improvisados no quintal.

Chegando aos pousos, as folias seguem sempre os mesmos rituais. Nas fazendas, depois da cavalgada em "S" na frente da casa, os foliões chegam ao arco da entrada, uma espécie de portal erguido com

palha de coqueiro ou folhas de bambu e enfeitado com fitas e flores de papel. Diante dele, por meio de cantoria, é pedido o pouso. Com versos rimados e/ou improvisados, os embaixadores saúdam os donos da casa, dando início ao enredo que louva o Espírito Santo, entremeado de peditórios e agradecimentos. Ao aceitar o pouso, os donos da casa recebem as bandeiras.



ESQUERDA, DE CIMA PARA BAIXO FOLIÃO MOSTRA O "PRESENTE" AOS COMPANHEIROS DA FOLIA DA RUA (OU DA CIDADE).

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A XÍCARA INDICA O "PRESENTE", NO ARCO DE ENTRADA DOS POUSOS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

PÁGINA AO LADO

ALTARES EM POUSO DA FOLIA DA CIDADE.

FOTOS: SAULO CRUZ, 2008.

Havia uma xícara pendurada no arco, sinal da existência de um presente, normalmente uma garrafa de pinga que deve ser encontrada pelos regentes.⁵⁹ Enquanto o presente não é encontrado, a folia não pode ir adiante: seus músicos permaneceram ao pé do arco, cantando em versos suas características. Em seguida, os foliões se dirigiram ao cruzeiro de bambu, onde estava a toalha que foi entregue pelo dono da fazenda ao servente, responsável pela distribuição de alimentos aos foliões. Um dos regentes retirou o cruzeiro, e a folia avançou até o altar, que também foi descrito em versos entoados pelos músicos.

Geralmente, os altares são enfeitados com imagens e estampas do Espírito Santo, com os santinhos que protegem a casa, fotografias de

familiares, velas, flores frescas ou de papel, arranjados sobre toalhas vermelhas ou brancas com renda. As visitas também podem colocar seus santos na mesa do altar. As bandeiras foram depositadas no altar, enquanto os músicos entoavam orações, benditos e louvados.⁶⁰

Seguiu-se a dança do chá, na qual circulou entre os foliões a xícara com o presente encontrado pelos regentes, e todos beberam seu golinho de pinga. Fez-se, então, uma pequena pausa até a hora do jantar, quando os foliões retornaram ao altar para mais orações e cantorias. Depois seguiram em direção à mesa, já servida, para mais orações e cânticos de agradecimento, chamados benditos de mesa.

O jantar foi farto e variado, semelhante ao que se costuma oferecer nas farofadas dos



cavaleiros ou na casa do imperador: mandioca com costela bovina, arroz, feijão, macarrão e salada de tomate com repolho, com pequenas variações de pouso para pouso.

As refeições restringiram-se aos foliões e à família e aos convidados do fazendeiro. Nesse contexto, chamaram a atenção os números da Fazenda Seringueira, que costuma ser um dos pousos mais concorridos



da Folia da Roça: “Aqui a gente preparou comida pra 4 mil pessoas, arroz com pé de porco, caldão de carne com mandioca, macarrão com caldo de carne e salada. Foram 120 quilos de carne, 90 quilos de arroz, 25 quilos de feijão, 40 quilos de pé de porco, tudo doação”.⁶¹

A comida quente, preparada em grandes tachos (onde normalmente se cozinha rapadura), geralmente é

servida nos tabuleiros, panelas, assadeiras e bacias. Em geral são usados copos, pratos e talheres descartáveis. Sempre há sobremesa, geralmente doce de leite ou de mamão. Porém, o que importa é a abundância – não só da comida, como também das preciosas bênçãos que circulam com ela.

Após o jantar e os agradecimentos de mesa, inicia-se

o peditório de esmolas. Cada doador recebe um verso dos músicos. Nesse verso, são descritos os motivos ou pedidos, que devem chegar, com os donativos, aos ouvidos do Divino Espírito Santo.

Depois do peditório, é hora de dançar a catira e cantar moda de viola, para passar a noite. Essa prática é observada na Folia do Padre. Já nas Foliás da Roça e da Cidade, tem início



DE CIMA PARA BAIXO
PEDITÓRIO DE ESMOLAS NA
FOLIA DO PADRE.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

FOLIA DA ROÇA FAZ A DANÇA DO
CHÁ NA CHEGADA AO POUSO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

o “bailão” ou forró que, como sempre, reuniu um grande número de participantes, entre os quais os foliões de atalho.⁶²

Os donos de pouso da Folia da Roça montam grandes estruturas de som e, em alguns deles, abre-se espaço para os vendedores ambulantes, que ajudam a “fazer a festa”, tratando de alimentar a multidão que comparece aos forrós, mas não tem acesso ao jantar. Nas barracas, os visitantes e foliões encontram sanduíches, churrasquinhos, caldos, refrigerantes e bebidas alcoólicas.

Pela manhã, do café até a hora do almoço, é tempo de preparar a saída para o próximo pouso. Nas folias rurais, é preciso preparar os cavalos e desmontar os acampamentos. Os caminhões de apoio, que conduzem os músicos e carregam barracas, fogões, vasilhames, colchões, cobertas



DE CIMA PARA BAIXO
FOLIÕES DA ROÇA FAZEM O
AGRADECIMENTO DA MESA
ANTES DA JANTA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

"BAILÃO" EM UM POUSO DE
FOLIA DA ROÇA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CHEGADA DA FOLIA DA ROÇA
À CASA DO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



etc., devem sair antes dos foliões
e aguardá-los no próximo pouso.

Durante o almoço, são seguidas
as mesmas formalidades rituais
do jantar, com agradecimentos,
benditos e orações antes e depois
da refeição, os quais se estendem
até a hora da partida. A folia
se despede dos donos da casa,
recolhe suas bandeiras e agradece
o pouso, cantando: "O Divino
vai-se embora. Na bandeira
retratado, ele está se despedindo
de todos os convidados.
Despedida, despedida, despedida,
despedida de Belém.
O Divino se despede pra voltar
ano que vem". Normalmente,
os donos do pouso renovam
o convite para a folia voltar
no ano seguinte. ■



A ENTREGA DAS FOLIAS

Após a finalização dos giros, os foliões entregam as folias. A Folia do Padre chegou, em 24 de abril de 2008, ao salão paroquial, já que, como mencionado, ela não serve ao imperador, e sim à Igreja: os donativos recolhidos foram entregues ao pároco local.⁶³ Sem levar esse fato em consideração, o imperador Adão Pires ofereceu, gentil e generosamente, o lanche aos participantes no próprio salão.

As Folias da Rua e da Roça foram entregues na casa do imperador. No dia 4 de maio de 2008 (terceiro dia da novena do Divino), a Folia da Rua foi a primeira a chegar, em torno do meio-dia, e, diante do altar, os alferes entregaram ao festeiro as bandeiras e as esmolas recolhidas durante o giro. Comandadas pelos músicos da folia, foram

realizadas rezas e agradecimentos diante do altar e em torno da grande mesa de refeições, onde o lanche já estava servido.

A Folia da Roça, após realizar um trajeto circular pelas principais ruas da cidade, onde, mais uma vez, foi recebida pela população, chegou à casa do imperador, com seus mais de trezentos cavaleiros, ao final da tarde.

ESQUERDA

ENTREGA DA BANDEIRA DA FOLIA DA CIDADE AO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

ROQUE DE FONTES, ALFERES DA FOLIA DA ROÇA, ENTREGA A BANDEIRA AO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

O ritual de chegada foi cumprido com a entrega das bandeiras e das esmolas, seguida de rezas e agradecimentos diante do altar da coroa. Seguiram-se os agradecimentos de mesa, cantados solenemente em volta dos alimentos que estavam à espera dos foliões. Então, mais uma vez, a folia se fez festa.

Como vimos, as folias divulgam a devoção ao Divino





Espírito Santo e ampliam os territórios da festa, ao circular por grandes áreas do município, dinamizando a sociabilidade local. Festas rurais e masculinas, as folias do Divino de Pirenópolis refazem no presente condições que são fundamentais à festa, pois promovem a acumulação e a distribuição de bênçãos e alimentos, e se apoiam em redes de sociabilidade baseadas

no parentesco, nas relações de vizinhança e compadrio e na solidariedade dos trabalhos coletivos, realizados em regime de mutirão.

Assim como nas demais celebrações que compõem a Festa do Divino de Pirenópolis, seus participantes enfatizam a importância da preservação das tradições das folias, que foram recebidas de seus pais e que

devem ser transmitidas às novas gerações. O modo de inserção nas folias também é ditado pela tradição de envolvimento das famílias com os festejos: há famílias que oferecem pousos, famílias de alferes, de músicos, de cozinheiros e de foliões. É com base nessas redes de sociabilidade que os participantes das folias praticam sua devoção ao Divino e perpetuam a festa. ■

**O IMPÉRIO E AS
CAVALHADAS**



MOUROS E CRISTÃOS SE
ENFRENTAM NO CAMPO DAS
CAVALHADAS.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Desde o século XVIII, há registro de cavalhadas em todas as regiões do Brasil, quase sempre associadas às Festas do Divino. Do mesmo modo que outras manifestações populares, essas encenações foram utilizadas pela Igreja Católica como instrumento de conversão por se basearem sempre no mesmo enredo, que reafirma a vitória e a supremacia do cristianismo: “guerreiros cristãos destroçando ferozes mouros”.⁶⁴ As encenações de mouriscas, ou mouriscadas, que reproduziam os muitos séculos de batalhas das Cruzadas, encontraram no Brasil colonial o campo ideal para expressar novas representações da antiga Ibéria, por meio da literatura de cordel, das cavalhadas, das cheganças e dos fandangos, manifestações que fascinavam estudiosos da cultura popular como Mário de Andrade e Câmara

Cascudo, que sintetizou: “O mouro viajou para o Brasil na memória do colonizador. E ficou”.⁶⁵

As cavalhadas consistem, assim, na representação das batalhas entre mouros e cristãos, que remontam às lutas travadas por “Carlos Magno e os Doze Pares de França, contra os sarracenos, pela libertação da península Ibérica”.⁶⁶ Foram introduzidas na Festa do Divino de Pirenópolis em 1826, pelo padre Manuel Amâncio da Luz. Entretanto, tais batalhas equestres nem sempre desfrutaram da notoriedade que se observa atualmente, mesmo que tenham sido desde sempre adequadas para expressar símbolos, representações e valores bastante significativos para uma sociedade de base rural como a pirenopolina: o cavalheirismo, a virilidade, a habilidade na montaria, a coragem e o destemor diante de desafios.⁶⁷

Embora frequentes no Brasil, as cavalhadas foram pouco encenadas em Pirenópolis durante o século XIX e a primeira metade do século XX, segundo os registros disponíveis.⁶⁸ A apresentação sistemática das cavalhadas durante os festejos do Divino se iniciou a partir da década de 1960, coincidindo com o processo de patrimonialização da festa, impulsionado principalmente pela intervenção de órgãos estaduais de turismo, empenhados em construir uma identidade cultural regional. Esse processo, por sua vez, facilitou a transformação da memória cultural local em “consciência da tradição”, mobilizando também a população no esforço do resgate de suas tradições.

As cavalhadas são, para muitos, o principal espetáculo e sinônimo da festa, porque reúnem o maior público entre todos os eventos que

compõem os festejos do Divino de Pirenópolis. Para a comunidade local e para os cavaleiros, as cavalhadas representam também um ato de devoção e renovação da fé no Divino Espírito Santo.

Tradicionalmente, é o imperador quem decide se, em seu ano imperial, haverá ou não cavalhadas. No domingo de Páscoa, dia em que oficialmente se inicia a Festa do Divino de Pirenópolis,

é firmado, na casa do imperador, o Termo de Compromisso das Cavalhadas. Nessa ocasião são votadas, registradas e assinadas medidas referentes às encenações que se iniciarão no domingo de Pentecostes, ou domingo do Divino. Para os cavaleiros, esse é um momento de suma importância, pois “a festa é o ano inteiro, mas o pontapé inicial mesmo é o Domingo da Ressurreição”,

ESQUERDA

CAVALHADAS NO LARGO DA MATRIZ.
MEADOS DO SÉCULO XX
FOTO: AUTOR DESCONHECIDO.
ACERVO DA FAMÍLIA GOMES FILHO.
FONTE: ARQUIVO ETEC/IPHAN -
PIRENÓPOLIS.

DIREITA

REUNIÃO DOS CAVALEIROS NA CASA
DO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

em que surgem novas vagas, mudanças de patente ou troca de castelo, isto é, mudança de um cavaleiro do exército cristão para o mouro, ou vice-versa.⁶⁹

Em fevereiro de 2008, bem antes da abertura dos festejos, os cavaleiros e o imperador deram início ao terço dos cavaleiros, um conjunto de 25 terços cantados duas vezes por semana diante da coroa do Divino. As rezas começam na



casa do imperador e prosseguem nas residências dos cavaleiros.

Os terços obedecem à hierarquia dos exércitos (ou castelos), na sequência cristão-mouro, isto é, dos que irão vencer e dos que serão vencidos, já que “a imposição da fé pela espada” é o fio do enredo que move as cavalhadas.⁷⁰ Desse modo, após o primeiro terço na casa do imperador, o terço seguinte foi rezado na casa do rei cristão, seguido pelo terço na casa do rei mouro; os próximos dois terços foram rezados na casa do embaixador cristão e na casa do embaixador mouro, e assim por diante. Em geral, o exército cristão entoava as primeiras estrofes da “Ave-Maria”; as estrofes finais são reservadas aos cavaleiros mouros. Os “Padres-Nossos” e “Glórias ao Pai” são cantados por todos os presentes.⁷¹

Os terços dos cavaleiros são cerimônias essencialmente



masculinas, embora em 2008 tenham sido excepcionalmente puxados por Maria José Pires, esposa do imperador. Quase sempre, as mulheres da casa acompanham o terço dos cômodos adjacentes, enquanto preparam os comes e bebes que serão servidos ao final da reza.

Durante os ensaios, que ocorreram de 27 de abril a 7 de maio de 2008, além da passagem

obrigatória pela Igreja do Bonfim, os cavaleiros frequentaram diariamente a casa do imperador, que sempre os esperava com a mesa posta. Houve dois ensaios diários, com o objetivo de treinar os cavalos “que podem se assustar no campo, principalmente com os tiros dos cavaleiros. Manter a ordem e a beleza das carreiras”⁷² também é um resultado esperado dos ensaios. Os cavaleiros



ainda se beneficiam dos ensaios para “judiar o corpo”, isto é, acostumá-lo com as longas horas em que permanecerão montados e em cena, durante os três dias das cavalhadas.

Como de costume, enquanto duraram os ensaios, aconteceram as farofadas, lutas refeições oferecidas aos cavaleiros pelo imperador ou por outras pessoas da comunidade que tinham algum

vínculo com os cavaleiros, com o imperador ou com a própria festa. As farofadas são “[...] a alegria de receber as pessoas que participam das cavalhadas, uma forma de participar indiretamente das cavalhadas”.⁷³

Em casa pobre ou rica, o cardápio é sempre semelhante: arroz, feijão, carnes, salada, refrigerantes e, às vezes, cerveja. Há duas farofadas por dia:

a primeira é feita de madrugada, antes dos ensaios matutinos (o desjejum); a segunda é oferecida à noite, após os ensaios do entardecer (o jantar). Nesses momentos, os cavaleiros, reunidos, simulam uma entrada na casa que oferece a farofada tocando uma caixa de couro e cantando: “A rolinha foi mandou *dizê*, um *golim* de pinga pra nós *bebê*. A rolinha foi mandou *falá*, um *golim*

ESQUERDA

ENSAIO DOS CAVALEIROS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

FAROFADA NA FAZENDA SARDINHA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



de pinga pra nós *tomá*".

Os cavaleiros entram, se alimentam, cantam ao redor da mesa para agradecimento, dançam catira e, em seguida, se despedem cantando.⁷⁴

No último dia, após o ensaio da tarde, realizou-se a cerimônia de entrega das lanças ao imperador. Na porta da casa, os cavaleiros entregaram ao festeiro as varas de madeira que utilizaram nos ensaios. Também essa cerimônia se desenvolveu de acordo com a hierarquia dos dois exércitos: os dois reis (cristão e mouro) foram os primeiros a entregar as lanças, seguidos dos dois embaixadores (cristão e mouro) e dos dez pares de cavaleiros, que se apresentaram na mesma sequência. Após a entrega, cada cavaleiro dirigiu-se ao interior da casa e prestou sua homenagem à coroa do Divino, beijando-a e rezando diante do altar.

Seguiram-se, então, os comes e bebes, a dança da catira e os cantorios. As varas recolhidas foram colocadas no altar da coroa e lá permaneceram até o fim das cavalhadas. Tratou-se de um momento simbólico importante, no qual os cavaleiros confirmaram a supremacia do Império e sua devoção ao Espírito Santo, informando ao imperador que estavam prontos para as batalhas. O Império – por intermédio da figura do imperador – investiu de legitimidade as batalhas entre mouros e cristãos, que teriam início no domingo de Pentecostes.

Nessa mesma noite, os cavaleiros prestaram suas homenagens ao Espírito Santo na matriz, participando, com o imperador, da chamada missa dos cavaleiros, que se realizou após a novena.

A natureza do prestígio dos cavaleiros, entretanto, é oposta à

do imperador. Enquanto este tem a honra de representar o poder do Espírito Santo apenas durante seu ano imperial, os cavaleiros, em geral, galgam lentamente os degraus hierárquicos próprios das cavalhadas. Nessa ascensão, a dedicação ao grupo, a capacidade de liderança e as habilidades pessoais fazem a diferença. Gari, fazendeiro ou comerciante, ser cavaleiro das cavalhadas – soldado, embaixador ou rei, mouro ou cristão – faz de cada um deles pessoa altamente prestigiada na sociedade local. Mesmo assim, embora as cavalhadas venham cada vez mais ganhando notoriedade no contexto das comemorações e eventos que conformam a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, os cavaleiros insistem em afirmar que “as cavalhadas servem ao imperador”.⁷⁵ ■

OS PROTAGONISTAS

Os cavaleiros, personagens principais (ou protagonistas) das cavalhadas, organizam-se em dois castelos – mouro e cristão. Em cada castelo, há doze participantes: um rei, um embaixador e dez soldados. No campo das cavalhadas, encenam, ano a ano, as lutas de Carlos Magno e os Doze Pares de França para libertar a península Ibérica do domínio sarraceno.

As vestimentas usadas durante as encenações são minuciosamente preparadas por armeiros, costureiras, bordadeiras e floristas. Sobre a calça e a camisa, são colocados vários adereços, como cintos e peças de armadura, além da murça, capa ricamente bordada com símbolos cristãos (cálices, ostensórios, cruzes, divinos e coroas) ou mouros (brasões, águias, cartas de baralho, lua e dragão). Dependendo da patente,



o cavaleiro usa elmo (capacete) ou chapéu. As cores predominantes são a vermelha e a dourada para os mouros e a azul e a prateada para os cristãos. Nos dias de encenação, mães, filhas e esposas ajudam a aprontar seus cavaleiros.

As montarias também recebem adornos especiais. As arreatas são enfeitadas com veludo ou metal e o dorso do cavalo é coberto por uma manta bordada de veludo vermelha ou azul, dependendo do castelo a que pertence o cavaleiro. Nas patas dos cavalos, são usadas caneleiras enfeitadas com pedrarias, além de peitoral com guizos. Uma máscara de metal, artesanalmente trabalhada, cobre o focinho do cavalo. Sobre a crina





PÁGINA AO LADO, DE CIMA
PARA BAIXO

TONINHO DA BABILÔNIA, REI MOURO.
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

DETALHES DE ADEREÇOS DE
MONTARIA DE CAVALEIRO MOURO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

ESQUERDA, DE CIMA PARA BAIXO
ADAIL CARDOSO, REI CRISTÃO.
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

DETALHES DE ADEREÇOS DE
MONTARIA DE CAVALEIRO CRISTÃO.
FOTO: CHRISTOPHE SCIANNI, 2008.



vem a cachaceira, feita com flores de pano e fitas coloridas. A anca recebe a rabeira, uma grande flor de tecido, circundada por flores menores, das quais descem as fitas que caem sobre o rabo do cavalo.

O luxo dos arranjos deve destacar as montarias dos reis e embaixadores dos cavalos dos soldados.

É bastante comum que os cavaleiros tenham auxiliares, principalmente para cuidar dos cavalos durante os ensaios, além dos lanceiros, que lhes dão apoio durante as encenações das batalhas e nos jogos de argolinhas. Cabe a eles recarregar as armas, recolher e entregar lanças e fazer a comunicação entre os

cavaleiros e de cada um com sua família. Esses são papéis desempenhados com seriedade e fervor por familiares ou pessoas da comunidade, que, dessa maneira, demonstram solidariedade para com os cavaleiros, as cavalhadas e o Divino Espírito Santo. ■

O GRANDE ESPETÁCULO

As cavalcadas são apresentadas durante três tardes, a partir do domingo de Pentecostes, ou domingo do Divino, que, em 2008, caiu no dia 11 de maio. No primeiro dia, os cavaleiros mouros entram pelo lado do nascente, dão uma volta pelo campo e se posicionam diante da torre moura. Da mesma maneira, os cavaleiros cristãos entram pelo lado do poente e tomam seus lugares diante da torre cristã.

Nesse dia, o soldado cerra-fila cristão mata o espião mouro, a onça das cavalcadas. Após várias embaixadas, a batalha se inicia com o trato proposto pelo rei mouro: “Vamos ao campo pelear. A lei do vencedor será firme e valiosa. A do vencido, falsa, infame e mentirosa”.

Ao fim do dia, o rei mouro, por intermédio de seu embaixador, propõe trégua de

24 horas ao rei cristão, que a aceita com as seguintes palavras: “Volta e diz ao teu Monarca que lhe concedo a trégua que me propõe e que, amanhã, por estas horas, ele, tu e os teus, debaixo de minhas armas, estarão mortos ou prisioneiros”.

No segundo dia, os cristãos são os primeiros a entrar, seguidos dos cavaleiros mouros. A batalha continua com várias carreiras, até que os cavaleiros cristãos conseguem encurralar os mouros, do lado do poente. O rei cristão exige, então, que os mouros aceitem o batismo, a que o rei mouro responde: “Sim! Aceito as águas do Santo Batismo e reconheço o seu Deus como o único e verdadeiro!”. Nesse momento, todos os cavaleiros mouros se ajoelham diante dos cavaleiros cristãos, que permanecem de pé, encostando, cada um, sua espada sobre os ombros dos vencidos.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA E DE CIMA PARA BAIXO

O CAVALEIRO EVOLUI À FRENTE DO CASTELO MOURO, NO PRIMEIRO DIA DAS CAVALHADAS. FOTO: MAURICIO PINHEIRO, 2008.

O REI CRISTÃO CAVALGA À FRENTE DE SEU CASTELO, NO PRIMEIRO DIA DAS CAVALHADAS. FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

TORNEIO DE TIRA-CABEÇA COM LANÇA. FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

TORNEIO DAS ARGOLINHAS. FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

Os mouros, de um em um, são batizados, em uma cerimônia que é considerada por muitos cavaleiros “o momento mais importante das cavalcadas”.⁷⁶ A partir daí, os cavaleiros passam a andar “engrazados”, ou seja, colocando-se de forma alternada cristão/mouro, ou um azul e um vermelho.

Na terça-feira, último dia das encenações, ocorrem os jogos equestres, nos quais os cavaleiros colocam à prova suas habilidades e homenageiam as autoridades presentes, inclusive o imperador. A primeira carreira é o Florão, na qual os cavaleiros trocam flores, formando buquês que serão oferecidos a pessoas previamente escolhidas. A segunda carreira, a Luxúria, antecede os jogos do torneio de tira-cabeça com espadas, lanças e garruchas.

Em seguida, ocorrem as tradicionais retiradas de argolinhas.



DE CIMA PARA BAIXO

O REI CRISTÃO HOMENAGEIA O IMPERADOR, ENTREGANDO-LHE A PRIMEIRA ARGOLINHA, DURANTE OS JOGOS DO TERCEIRO DIA DAS CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

SALVA DE TIROS APÓS O ENCERRAMENTO DAS CAVALHADAS, NO LARGO DA IGREJA DO BONFIM.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

As carreiras que se seguem são Quatro fios de lenço e Despedida, em que os cavaleiros acenam lenços para o público ao som de “Cavalhada acabou, só no ano que vem...”, composição de Antônio da Costa Nascimento – o Tônico do Padre⁷⁷ – tocada pela Banda Phoenix, que conduz as 24 carreiras que compõem o espetáculo.

A seguir, em fila alternada, cristãos e mouros se retiram do campo, encerrando as cavalhadas ao fim do terceiro dia de encenações. Sempre em fila, e seguidos pelos mascarados, os cavaleiros se dirigem ao largo da Igreja do Bonfim para agradecer por mais um ano de cavalhadas. Depois de rezar, descarregam suas armas, configurando outro dos rituais mais bonitos e emocionantes da festa, assim explicado por Adail Cardoso, rei cristão: “No último dia, já



O CAMPO DAS CAVALHADAS

descemos, todo mundo junto, engrazados, mouros e cristãos, uma fila só. Vamos lá no Bonfim. Chegando lá, a gente desengraza, formam-se os castelos novamente, castelo mouro e castelo cristão [...] no seu devido lugar, ficamos de frente com o outro, fazemos a nossa oração e agradecimento. E a salva de tiro na sequência, é a hora que a gente se sente realizada. Aí fala: ‘graças a Deus que terminou, que passou tudo em paz’ [...].

Reiterando a profunda religiosidade e o respeito à instituição do Império do Divino, na festa de 2008, o embaixador cristão, Márcio Estácio de Sá, falou das razões que mobilizam os cavaleiros em torno dessa cerimônia: “Acabou as cavalhadas, a gente vai no Bonfim agradecer, saudar o Divino Espírito Santo, saudar o imperador do Divino e o novo imperador”.⁷⁸ ■

Até a metade do século XX, as cavalhadas de Pirenópolis foram encenadas no largo da Matriz. Entretanto, desde 1966, com pequenas interrupções, o espetáculo vem sendo apresentado em um campo de futebol onde, atualmente, ergue-se o campo das cavalhadas.⁷⁹ Para muitos, o novo campo é “um privilégio, uma bênção, um presente que Pirenópolis ganhou”. Segundo o rei mouro, “no mundo inteiro não tem um lugar pra correr cavalhada igual Pirenópolis tem”. E o embaixador mouro concluiu: “Os pirenopolinos não acordaram ainda pra entender que eles só têm aquele campo por causa da cultura pirenopolina. Não é por causa de jogo de futebol, não. Pirenópolis não tem cacife pra ter um estádio daquele tamanho [...]”.⁸⁰

Entretanto, outros se recordam com saudade do tempo em que

nada impedia o livre contato entre público, cavaleiros e mascarados durante as cavalhadas: “É porque, assim, a gente aqui, de Pirenópolis, tem que manter as tradições, manter o que era antigo. A gente acostumou com aquele pessoal que ficava debaixo do camarote assistindo, todo mundo misturado ali. Agora parece que distanciou o povo um pouco dos cavaleiros, distanciou os mascarados”.⁸¹

De fato, no campo das cavalhadas, os camarotes e arquibancadas foram construídos em um nível muito superior ao da arena, restringindo o papel da plateia a assistir, mais do que a participar do espetáculo. Da mesma maneira, a ausência de espaço e de passagens livres na frente e atrás dos camarotes impede a livre circulação dos mascarados – a pé ou a cavalo –, que, tradicionalmente, interagiam permanentemente com



DE CIMA PARA BAIXO

CAMAROTES NO CAMPO DAS CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

REVESTIMENTO DA ESTRUTURA DOS CAMAROTES
COM FOLHAS DE PALMEIRA.

FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008.

DIREITA

MASCARADOS (ÍNDIOS, UM GRUPO CONSIDERADO
TRADICIONAL) NO CAMPO DAS CAVALHADAS.

FONTE: SAULO CRUZ, 2008.

o público. As características da construção também dificultaram o acesso dos mascarados ao campo e modificaram o modo como disputam com os cavaleiros a atenção da plateia.

Ainda assim, as cavalhadas são frequentadíssimas e adoradas pela população local, sendo o espetáculo mais visível e polarizador da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Antes mesmo do início das encenações, as famílias pirenopolinas tratam de erguer seus camarotes do modo como sempre fizeram – estrutura de madeira coberta de ramos de jasmim ou folhas de coqueiro, enfeitada com panos de chita ou tecidos coloridos –, encaixados sobre as “esperas” que marcam o chão da última laje das arquibancadas do campo das cavalhadas.

A decoração interna e os equipamentos colocados nos



camarotes são produzidos de acordo com o tamanho e as posses de cada família. A aparência deles não estabelece distinção de classes ou de poder. O que os diferencia é sua apropriação de acordo com critérios familiares de vinculação com as cavalhadas (ser filho, neto ou irmão de cavaleiro, soldado, rei ou embaixador

Esses critérios, invisíveis para o observador comum, são de amplo

domínio da comunidade e vêm se mantendo desde a época em que se realizavam as encenadas no velho largo da Matriz.

Os camarotes mais privilegiados localizam-se atualmente no alto das torres que simbolizam os dois castelos – mouro e cristão – e são utilizados pelas famílias dos reis e seus convidados. A tribuna de honra fica à direita, no alto e no centro da arquibancada. Do lado direito da tribuna, localiza-se o camarote da Banda Phoenix e, do lado esquerdo, o do imperador. A área desses camarotes é bem maior que a dos demais. Na arquibancada – abaixo dos camarotes – ficam os “sem camarote”, num ir e vir no decorrer de cada tarde de espetáculo.

Os camarotes constituem o espaço de uma das várias festas que acontecem durante a encenação das cavalhadas. Durante três dias,



as famílias, representadas por várias gerações, praticamente se mudam para o campo, carregando consigo bancos, bebidas e uma infinidade de doces e pratos tradicionais, como queijo-leite, canudinho, paçoca, farofa de frango e salgados.

Enquanto se desenvolvem as carreiras, as famílias circulam por trás dos camarotes, fazendo visitas, colocando a conversa em dia e revendo amigos e parentes. Para uma tradicional moradora de Pirenópolis, ouvida pela pesquisa, “a maior graça dos camarotes é poder ficar sentada de costas para o campo, conversando, acompanhando o desenrolar das cavalhadas de ouvido...”.

Tradicionalmente, acontece outra festa durante os intervalos das carreiras, quando os mascarados – normalmente exímios cavaleiros – invadem o campo. Individualmente

ou em grupos, divertem a plateia, em um espetáculo que une deboche, brincadeira e habilidade

Trata-se de uma histórica parceria que acontece entre mascarados e cavaleiros: “[...] não são só os cavaleiros que representam as cavalhadas. Os mascarados também representam, porque eles também são parte da nossa festa”.⁸²

Outras formas de sociabilidade se desenvolvem na arquibancada e no estreito corredor de circulação que lhe dá acesso. Crianças, vendedores de algodão-doce, famílias e mascarados gracejam e conversam. O mesmo acontece na escada de acesso ao campo, diante da entrada principal, na área onde se aglomeram vendedores ambulantes e nas ruas próximas, território dos mascarados.

Nos ranchões, próximos ao campo, a música corre solta e são realizadas outras festas.

Os ranchões são boates improvisadas durante o período da Festa do Divino. Anteriormente, eram montados na praça central – largo da Matriz –, mas desde o final da década de 1980 foram transferidos para as proximidades do campo das cavalhadas.

Bem próximo à entrada principal do campo funciona o Ranchão Mangueira, o mais antigo deles. Um pouco acima, na mesma rua, instala-se o Ranchão Deurípides.

Ambos os ranchões têm nos mascarados um público certo, do qual não cobram entrada durante as matinês. Encerrada a apresentação das cavalhadas, a cada noite, muitos mascarados voltam para os ranchos e ficam até que desliguem o som, já na alta madrugada. Esse modo de ser dos mascarados da Festa do Divino de Pirenópolis será detalhadamente descrito no próximo capítulo. ■

MÁSCARAS E
MASCARADOS



MASCARADO POSA NO LARGO
DA MATRIZ.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA
MASCARADOS AGUARDAM
PARA ENTRAR NO CAMPO
DAS CAVALHADAS.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

A marcante presença dos mascarados na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis vai além da histórica parceria que desempenham com os cavaleiros durante as cavalhadas. De fato, é na véspera do domingo de Pentecostes – sábado do Divino – que os mascarados fazem sua primeira grande aparição na festa, apresentando-se à cidade no largo da Matriz, ao meio-dia, após a tocata da Banda Phoenix

Eles surgem coloridos, brilhantes, com máscaras de capetas, onças e bois que exibem grandes chifres enfeitados de flores, vestidos de cetim, mesmo pano que cobre e esconde o cavalo. A partir desse momento, os mascarados são da festa, e a festa é dos mascarados. A cavalo ou a pé, sozinhos ou em bando, tomam conta das ruas, anunciados pelo



barulho das poliques⁸³ penduradas no pescoço de seus cavalos.

Dotados de grande visibilidade, mas protegidos pelo anonimato, os mascarados podem tudo: pedir dinheiro, dançar, pular, brincar, flertar, provocar, gracejar. Eles sempre pedem insistentemente “um dinheirinho”⁸⁴ para comprar bebida, mesmo que raramente bebam em público, para não ser vistos sem as máscaras.

Os mascarados a cavalo são em maior número no domingo do Divino, primeiro dia das cavalhadas, quando, ao som da canção “O rio de Piracicaba”,⁸⁵ entram em cena durante a abertura do espetáculo e entre os intervalos das carreiras encenadas por mouros e cristãos. Nesses momentos, o campo enche-se de cores e movimento, já que os mascarados aproveitam a

ocasião para exibir ao público suas vestimentas e suas exímias qualidades de cavaleiros.

Durante a execução do Hino do Divino – ponto máximo da cerimônia de abertura das cavalhadas –, é comum que muitos mascarados se aglomerem em frente ao camarote central (composto dos camarotes da prefeitura, da banda e do imperador) e permaneçam em pé sobre suas montarias com a mão sobre o peito, em sinal de devoção ao Divino. Também faz parte de sua *performance* resistir às ordens de saída do campo para o início ou reinício das encenações. Enquanto as cavalhadas estão sendo encenadas, os mascarados desfilam pelas ruas, brincando com quem passa.

Segunda-feira, conforme informaram mascarados ouvidos pela pesquisa, é dia de



descansar as montarias e sair a pé, quando, então, fazem graça e pedem dinheiro circulando pelas arquibancadas, camarotes, ranchões, praças e bares nas imediações do campo.

Na terça-feira, ao final do espetáculo, alguns mascarados costumam acompanhar os cavaleiros à Igreja do Bonfim para a cerimônia de encerramento das cavalhadas. Outros seguem

MASCARADAS A PÉ A CAMINHO DO CAMPO DAS CAVALHADAS.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

a Banda Phoenix até a casa do imperador e, depois, dirigem-se à rua Nova, onde fica a sede da banda, e dali se dispersam, encerrando as festividades. Muitos ainda permanecem na praça central, nas imediações do teatro, no largo da Matriz ou circulando pelas ruas da cidade, transgredindo o horário dos mascarados, que são legalmente proibidos de circular depois das 19 horas.

Cabe notar que, embora o espaço dos mascarados na Festa do Divino seja garantido pelos organizadores e pela sociedade de Pirenópolis do sábado do Divino até *Corpus Christi*, período em que eles podem sair às ruas desde meio-dia até o anoitecer, a polícia e o poder Judiciário sempre tentaram coibir e controlar a atuação desses personagens.⁸⁶ ■

“SAIR DE MASCARADO”

Não há requisitos para “sair de mascarado”, como se diz em Pirenópolis, a não ser o uso de máscaras e a vontade de brincar, tendo o anonimato como uma das premissas fundamentais. A maioria dos mascarados é pirenopolina, independentemente do lugar de moradia ou da renda mensal – com a máscara no rosto, todos ficam “iguais”. E todos saem: velhos, moços ou crianças. Até os cavaleiros saem no sábado, quando não estão correndo nas cavalhadas, porque “sair de mascarado é um gosto”, como afirmaram muitos participantes da festa ouvidos durante a pesquisa.

Desde muito pequenas, crianças – meninos e meninas – saem de máscaras com seus pais ou parentes, já que esse é um gosto aprendido em família e transmitido de geração a geração. Muitos entrevistados declararam ter, desde pequenos, “o sonho de



sair de mascarado” ou de “sair de cavalo com a máscara de boi”.⁸⁷

Durante a pesquisa, em 2008, a importância de ser mascarado foi reiterada o tempo todo por ser o meio mais livre, descompromissado e democrático de participação na Festa do Divino de Pirenópolis.

MASCARADOS DEMONSTRAM SUA HABILIDADE OU SE PÕEM EM POSIÇÃO DE RESPEITO SOBRE OS CAVALOS, DURANTE A EXECUÇÃO DO HINO DO DIVINO, NO CAMPO DAS CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Disse um entrevistado: sair de mascarado “pra mim é tudo. Eu vou morrer em cima de um cavalo com máscara”.⁸⁷ O artesão de máscaras Lucinho, que adora a festa e seu trabalho, reafirmou: “Mascarado representa para mim só alegria; é festa, é brincadeira, é uma farra”.⁸⁹

A TURMA "OS" PASTORINHAS.
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008.

Tradicionalmente, o universo dos mascarados é masculino, mas as mulheres também têm encontrado nele um lugar. Um exemplo é a Turma da Telma, formada por um grupo de amigas que costuma sair a pé às segundas-feiras, desde 1978, segundo informaram algumas participantes à equipe de pesquisa. Pode-se observar, ainda, nos últimos anos um número crescente de mulheres que se exibem com os cavalos mascaradas.

Sair de mascarado é uma atividade coletiva, o que se evidencia pela existência de muitos grupos que participam (ou já participaram) dos festejos, como a Turma do Caixão, "Os" Pastorinhas, Os Catolés, Os Índios e a Turma da Maromba, formados a partir da década de 1960 e frequentemente mencionados durante o período da pesquisa.



A Turma da Maromba – atualmente inativa, mas ainda viva na memória de muitos – chegou a ter cinquenta integrantes, que saíam com máscaras de boi e roupas que chamavam a atenção pela beleza. Os Catolés, também conhecidos como “os gordos”, usam macacões listrados cheios de palha, chapéus de palha com flores de papel e máscaras de tecido. Embora não se apresentem mais como turma, ainda é recorrente

a presença de catolés durante as cavalcadas. Os Índios – que se apresentam de sunga, com o corpo pintado de preto, máscaras de pano e montados em pelo (sem selas nos cavalos) – participam da festa desde 1988, reunindo atualmente cerca de setenta integrantes, todos cadastrados na promotoria do município, pois têm fama de causar tumultos. Desde 2005, “Os” Pastorinhas mostram sua irreverência e fazem graça usando o figurino do tradicional auto de Natal, encenado durante a Festa do Divino de Pirenópolis desde 1927. A Turma do Caixão sai a pé desde o ano 2000, sempre de terno e gravata e carregando um caixão de madeira.⁹⁰ De todo modo, durante os dias de festa são incontáveis as turmas de amigos que se vestem e se disfarçam juntos, formando assim a grande massa dos mascarados, em que cada um inventa sua máscara e a própria roupa. ■

OS PREPARATIVOS

Mesmo quando os grupos não se vestem da mesma maneira, “aprontar-se” para sair de mascarado é uma atividade coletiva, feita normalmente entre amigos e parentes, os quais se reúnem em casas com grandes quintais, espaços que também servem de pasto para os cavalos. Enquanto comem, bebem e ouvem música, compartilham o que porventura possa compor suas vestimentas: meias, chapéus, luvas, calças, camisas, botinas, sapatos etc. É assim, em meio a muita diversão, que os mascarados se preparam para sair, a cavalo ou a pé.

Geralmente, os mascarados usam calças com elástico e uma bata de mangas compridas de cetim colorido. Como regra, o corpo todo é coberto, e o mascarado não deve ser reconhecido nem pelos mais próximos. Por isso, também os cavalos são trocados,

DE CIMA PARA BAIXO
MASCARADOS EM FAMÍLIA CIRCULANDO
NAS RUAS PRÓXIMAS AO CAMPO DAS
CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A TURMA DO “CATULÉ”.

FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.



disfarçados, cobertos com pano, folhas secas de bananeira ou erva-de-são-caetano.⁹¹ As máscaras mais tradicionais são feitas de pano ou papel pintado. As máscaras industrializadas – geralmente de monstros – vêm ganhando espaço, já que podem ser adquiridas facilmente e a baixo custo.⁹²

Entre os adereços, são muito usadas as flores de papel crepom colorido. Entretanto, os mascarados lançam mão de muitos outros recursos para compor seu visual e chamar a atenção, como buchas vegetais, cabaças e folhagens em rama, cartazes, faixas, malas, óculos, urinóis e instrumentos musicais de brinquedo. Os cavalos também podem receber enfeites, semelhantes aos utilizados nas montarias dos cavaleiros, como flores, máscaras, tornozeliras e cachaceiras.

As vestimentas não precisam ser planejadas, e qualquer roupa





DA ESQUERDA PARA A DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO

MASCARADOS EM FAMÍLIA CIRCULANDO NAS RUAS PRÓXIMAS AO CAMPO DAS CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

A TURMA DO "CAIXÃO".

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CAVALO DE MASCARADO COM MÁSCARA SEMELHANTE ÀS USADAS NOS CAVALOS DOS CAVALEIROS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CAVALO DISFARÇADO COM ERVA-DE-SÃO-CAETANO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

serve para sair de mascarado. Mesmo assim, a cada ano, muitos mascarados investem mais em seus figurinos, o que pode ser constatado pelo grande número de vestimentas sofisticadas, principalmente as dos "bois" que desfilam no campo das cavalhadas.⁹³

Não por acaso, o processo de espetacularização dos mascarados – especialmente daqueles que dividem a cena com os cavaleiros no campo – acompanha o das cavalhadas, promovido desde a década de 1960, como já mencionado. Desde então, tornou-se praticamente impossível dissociar a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis das cavalhadas e dos mascarados. Entretanto, para a grande massa dos mascarados, o improvisado ainda é o ponto alto de sua caracterização, e sua maior alegria é circular pelas ruas,



aproveitando-se largamente das prerrogativas do anonimato.

Nesse período de festa, todos podem atuar em uma dimensão de transgressão consentida, que "se justifica no que a máscara permite e propicia: a desforra, a paquera e a sedução, a alegria solta, o descompromisso e a liberdade totais – na diluição do eu em milhares de identidades, em ser o outro, em ser ninguém"⁹⁴ ■

ORIGENS E TRANSFORMAÇÕES

Não existem registros relativos ao início da presença dos mascarados na Festa do Divino de Pirenópolis, embora seja possível admitir que eles sempre participaram dos festejos. Em seus relatos, os viajantes⁹⁵ que estiveram nessa região em 1819 mencionam a presença de mascarados em Festas do Divino nas cidades de Santa Cruz e Santa Luzia (atual Luziânia). Com base em relatos do século XIX sobre Festas do Divino em São Paulo e no Rio de Janeiro, por sua vez, sabe-se que nelas não faltavam os encamisados e as cavalhadas burlescas, muitas vezes encenadas pelos próprios cavaleiros das cavalhadas, sempre exibindo suas grandes habilidades sobre o cavalo.⁹⁶

No estudo já citado sobre os mascarados, Ana Claudia Lima e Alves identifica alguns “mitos de

MASCARADOS DIANTE DO HOTEL REX, EM FRENTE À PRAÇA CENTRAL, ONDE OCORRIAM AS CAVALHADAS, 1947.
FONTE: CARVALHO, A., 2007.



origem” dessa forma de expressão, entre os quais se destacam as seguintes versões: a vontade dos escravos de participar dos festejos à revelia de seus proprietários, já que, protegidos pelas máscaras, não eram reconhecidos; a desforra de exímios cavaleiros excluídos do grupo restrito que formava, na época, os exércitos das cavalhadas; uma recriação ou desdobramento da figura do espião, o único mascarado que participa oficialmente do enredo das cavalhadas.⁹⁷

Existem, portanto, várias versões acerca da localização histórica dos mascarados e do contexto de sua origem: dentro, fora ou anterior às cavalhadas; dentro ou fora da Festa do Divino. Para alguns, os mascarados já foram mais numerosos e presentes, e nem sempre atrelados às cavalhadas.



ESQUERDA

A ONÇA – O ESPÍÃO MOURO – É O ÚNICO
"MASCARADO" QUE PARTICIPA DO
ENREDO DAS CAVALHADAS.

FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

DIREITA

MASCARADO BEBENDO CERVEJA
COM CANUDINHO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Para outros, são o termômetro da animação de cada festa. Para muitos, são personagens cuja importância cresce ano a ano, já que se transformaram em um dos ícones da Festa do Divino e da própria cidade, na qual se veem várias estátuas de mascarados instaladas em pontos estratégicos, para deleite dos turistas.

Essas diferentes representações se perdem no tempo e convivem na memória local, refazendo-se permanentemente. Antes de tudo, entretanto, confirmam a onipresença dos mascarados e sua importância na construção não só da dinâmica da festa, como também da identidade local. Para os pirenopolinos, o brincar coletivo – ou o saber brincar – tem uma forma, um tempo e um lugar: os mascarados, durante a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. ■



**O REINADO DA SENHORA
E DO SANTO**



BANDEIRAS DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO DOS PRETOS
(À ESQUERDA) E DE SÃO BENEDITO
(À DIREITA), HASTEADAS NO
LARGO DO BONFIM.
FOTOS: SAULO CRUZ, 2008.

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o Juizado de São Benedito ou, respeitando a linguagem local, simplesmente Reinado, eram realizados desde o século XVIII, em Pirenópolis, por irmandades que congregavam negros (escravos e forros).⁹⁸ A celebração dos dois santos foi deslocada de suas datas originais (em outubro e abril, respectivamente) e incorporada à Festa do Divino há mais de um século. Manteve, porém, sua identidade como Reinado e continua sendo considerada a “festa dos pretos”, ou “outra festa”, contida na Festa do Divino. Para organizadores e participantes ouvidos durante a pesquisa, o Reinado não é compreendido como duas festas distintas, mas como uma celebração que se realiza em dois dias: na segunda-feira, dedicada a Nossa



Senhora do Rosário, e na terça-feira, em honra de São Benedito.

Ao longo do tempo, o Reinado sofreu constantes redefinições e reelaborações: de festa de negros, nos séculos XVIII e XIX, transformou-se em festa de brancos pobres, até se tornar a manifestação cultural atual, da qual participam pirenopolinos pertencentes às mais diversas camadas sociais.

Os critérios étnicos e socioeconômicos foram substituídos pelos critérios de pertencimento a famílias historicamente envolvidas com os festejos (tal como na Festa do Divino Espírito Santo), de devoção aos santos e/ou de resgate e reafirmação de tradições da comunidade local.⁹⁹

Assim como o Império, as folias e as demais cerimônias que compõem a Festa do Divino de Pirenópolis, o Reinado é profundamente ritualizado e contém bandeiras, coroas, cetros e outras insígnias próprias. Entre os principais objetos rituais e simbólicos que compõem o Reinado estão: as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, que anunciam o início dos festejos, quando são hasteadas nos mastros em frente à Igreja do Bonfim; as quatro coroas de prata usadas pela rainha, pelo rei e pelos

DE CIMA PARA BAIXO
OS JUÍZES DE SÃO BENEDITO SE
DIRIGEM À CASA DA RAINHA E DO REI
DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO PARA
FORMAÇÃO DO CORTEJO DO REINADO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CORTEJO DAS BANDEIRAS DO REINADO
ATÉ A IGREJA DO BONFIM.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

juízes do Reinado;¹⁰⁰ o prato de prata conhecido por *comenda*, usado desde o tempo das irmandades para colher as esmolas, que atualmente é utilizado para levar a coroa da rainha de Nossa Senhora do Rosário durante o cortejo até a igreja; as varas de madeira e prata, que, no cortejo, compõem a estrutura hierárquica do Reinado ao ser conduzidas, como cetros, pelos participantes, demonstrando seu envolvimento com os festejos e sua intenção de promover a festa; os quadros (varas roliças de madeira pintadas de azul que formam dois quadrados), usados para organizar o cortejo e compor a estrutura do Reinado, separando as cortes: em um quadro, seguem a rainha e o rei de Nossa Senhora do Rosário e, no outro, o juiz e a juíza de São Benedito. A corte que vai à frente define o santo homenageado. Também à frente



MISSA DO REINADO NA
IGREJA DO BONFIM.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

do cortejo são conduzidas as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, que completam as insígnias do Reinado.

A distribuição de salgados e doces em quantidades exageradas é também característica marcante do Reinado, sendo importante, segundo a tradição, apresentar pratos coloridos.¹⁰¹ Normalmente, quatro festas de doces se realizam na casa de cada um dos reis e juízes do Reinado. As casas são enfeitadas com bandeirolas brancas e azuis na véspera dos festejos e, em geral, são montados pequenos altares aos santos homenageados. Os comes e bebes são servidos na porta, pois, dependendo do tamanho do local, somente a corte e os participantes diretos da cerimônia entram na casa.

O principal organizador do Reinado é o andador (em 2008, Geraldo Herculano de Oliveira).



Ele é o responsável por iniciar e encerrar os cortejos, guardar os objetos rituais e escolher os reis e rainhas dos próximos anos. O andador acumula ainda os cargos de mordomo da fogueira e de mordomo do mastro, além da função de convencer o padre a realizar as missas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que nem sempre acontecem. Assim, negociar as

missas com o pároco (e, às vezes, até com o bispo) e estabelecer o local de realização do Reinado – a igreja, os trajetos dos cortejos ou as casas onde acontecerão as festas – são atribuições do andador. Ele é um agente ou mediador essencial dos festejos, chegando a arcar pessoalmente com despesas para que o Reinado se realize a cada ano, e de acordo com a tradição. ■

OS RITUAIS DO REINADO

No domingo anterior ao domingo de Pentecostes (em 2008, no dia 4 de maio), após a novena na matriz, ocorreu o primeiro ritual do Reinado: a bênção das bandeiras do Reinado pelo pároco, na presença do imperador do Divino e dos irmãos do Santíssimo. Em seguida, ao som da Banda de Couro, uma pequena multidão dirigiu-se à frente da Igreja do Bonfim para a cerimônia de levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito, seguida da queima de duas fogueiras, uma para cada santo.

Depois, as pessoas desceram pela rua da Aurora, ladeando a igreja, para a apreciação do cruzeiro, uma antiga tradição da festa recentemente resgatada.¹⁰² O cruzeiro, formado por troncos de bananeira – enfeitados com luminárias feitas com cascas de laranja, pavio de algodão e azeite de



mamona –, sinalizava o lugar onde haveria uma festa do Reinado. Nesse dia foram comunicados e confirmados os locais de realização da festa na semana seguinte. Nessa etapa do ritual, era dispensável a participação dos reis e rainhas, pois não havia quadros nem coroas e cortejo, e o grupo liderado pelo andador Herculano e seus ajudantes se organizou de modo informal.

ESQUERDA

CONGOS NO CORTEJO DO REINADO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

LEVANTAMENTO DOS MASTROS DO

REINADO NA IGREJA DO BONFIM.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Os festejos foram retomados na manhã da segunda-feira (segundo dia das cavalcadas), 12 de maio de 2008, com a realização do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. O cortejo saiu da casa do juiz e da juíza de São Benedito¹⁰³ às 7 horas da manhã, acompanhado de poucos participantes, e seguiu para a casa da rainha de Nossa Senhora do Rosário e depois para a casa do rei.¹⁰⁴ Em seguida,



o cortejo dirigiu-se à Igreja do Bonfim, para a celebração da missa do Reinado. Naquele dia, a missa, geralmente concorrida, contou apenas com a presença dos reis e juízes do Reinado e de pouquíssimos participantes, pois o toque dos sinos que anunciam a celebração “acordou” as abelhas que viviam no forro do templo, o que afugentou quase todos os presentes.

Após a missa, o Reinado ganhou novamente as ruas, com a estrutura do cortejo montada: à frente, as bandeiras dos santos, seguidas pelos condutores das varas, pelos figurantes do congo e pelos dois quadros que delimitavam o território dos reis e rainhas, com suas insígnias. Atrás dos quadros vieram a congada e a Banda de Couro, ampliada com os tocadores das

caixas pertencentes ao Reinado. Por último, veio o fogueteiro.

Da porta do Bonfim, o cortejo seguiu para as casas dos homenageados do dia, a rainha e o rei de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Entre músicas e orações, em cada casa foram realizadas distribuições de salgados e doces aos participantes dos cortejos e à pequena multidão que foi se formando durante o trajeto do Reinado.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
CORTEJO DE SÃO BENEDITO SEGUINDO
PARA MISSA NA CASA PAROQUIAL.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

NA FESTA DO JUIZADO, O ALTAR DE
SÃO BENEDITO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



Na terça-feira, dia de homenagens a São Benedito, repetiu-se o ritual de formação do cortejo, que saiu da casa da rainha de Nossa Senhora do Rosário e dirigiu-se à casa dos juizes de São Benedito. Lá se organizou a estrutura do cortejo – com cada conjunto de reis e juizes em seus quadros, as bandeiras dos santos adiante, os condutores das varas, o congo, a congada e os tocadores

PÁGINA AO LADO
CORTEJO DE SÃO BENEDITO SEGUINDO PARA
A FESTA DOS DOCES.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



das caixas – e seguiram todos para o salão paroquial. Nesse local, realizou-se a missa de São Benedito, bem mais concorrida que a celebração do dia anterior.

Após a missa, acompanhado pela Banda Phoenix e seguido pela multidão, o cortejo percorreu a rua do Rosário até o início da rua Aurora, chegando ao local onde os juizes de São Benedito ofereceram

uma farta mesa de doces.¹⁰⁵

Na entrada da casa, foi montado um bonito altar em louvor a São Benedito, cercado por um arco de flores de papel, alhos e cebolas, já que um dos atributos do santo é proteger os cozinheiros e as cozinhas e garantir a fartura de alimentos. Na mesa de doces, uma imagem da pomba do Divino Espírito Santo ocupava lugar central. ■

OS REIS E RAINHAS

Diferentemente do imperador do Divino, o rei e a rainha de Nossa Senhora do Rosário e o juiz e a juíza de São Benedito não são escolhidos por sorteio, mas pelo andador do Reinado, de acordo com as possibilidades de realização da festa pelos numerosos candidatos.

A rainha do Reinado de 2008, dona Laurita, havia muitos anos se candidatava ao cargo para pagar uma promessa feita a Nossa Senhora do Rosário.¹⁰⁶ O rei de Nossa Senhora do Rosário, Antonio Parrila, por sua vez, declarou estar participando para manter a festa e contribuir com a tradição.

Esse sentimento de manutenção das tradições é recorrente no Reinado, como constatou-se na pesquisa. Observou-se entre os participantes a preocupação de



DE CIMA PARA BAIXO

FARTURA NA FESTA OFERECIDA PELOS
JUÍZES DE SÃO BENEDITO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

MESA DE DOCES NO JUIZADO DE
SÃO BENEDITO.

FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.



A casa do patriarca situava-se em frente à antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (onde hoje funciona a Pousada Walkiriana), local onde as irmandades se reuniam e do qual partiam os festejos do Reinado.

Ely de Sá também foi imperador do Divino em 1979 e sua família tem tradição de compromisso e grande envolvimento com o Reinado, como ele fez questão

de declarar na abertura da festa do Juizado de São Benedito: “Agradeço à minha família, que trabalhou bastante para que este Juizado pudesse ser realizado

Agradeço principalmente a presença de vocês, a presença do povo que dá brilhantismo a esta festa. Estou aqui para cumprir o meu dever, e espero que os meus filhos amanhã deem continuidade, façam a parte deles para que

manter as características rituais dos festejos e de assumir as funções festivas, outrora ocupadas por seus antepassados. Esse era o caso de Manoel (Ely) Inácio de Sá, juiz de São Benedito em 2008. Ele é neto do coronel Chico de Sá, homem de posses que foi imperador do Divino em 1917, festa lembrada pela comunidade como uma das mais grandiosas já realizadas na cidade.



DONA LAURITA, NA PORTA DE SUA CASA, JUNTAMENTE COM O REI DO ROSÁRIO E O JUIZ DE SÃO BENEDITO, CONTA UMA PROMESSA E A GRAÇA ALCANÇADA POR INTERCESSÃO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Pirenópolis continue sempre cumprindo suas tradições”.¹⁰⁷

Essas manifestações contradizem a dicotomia apontada na década de 1970 por alguns autores (principalmente Carlos Rodrigues Brandão),¹⁰⁸ que afirmavam não haver comunicação entre os principais personagens do Reinado e da Festa do Divino, associando o primeiro a festejos de pobres e o segundo, aos territórios das elites socioeconômicas locais. Do mesmo modo, esses estudos apontavam a decadência definitiva do Reinado e sua iminente extinção. Em vez disso, verificou-se que, nas últimas décadas, os festejos do Reinado se revigoraram, já que alguns grupos de pirenopolinos assumiram a responsabilidade de mantê-los como tradição e referência cultural.

A revitalização do Reinado foi comprovada na pesquisa



de 2008 especialmente por dois aspectos: a capacidade de atualização desses festejos – historicamente confinados a minorias sociais – e a consciência da tradição, que nos anos recentes intensificou o processo

de revitalização das tradições locais como referências culturais com as quais a comunidade se envolve e se identifica: a “festa dos pretos” pertence agora a todos os pirenopolinos. ■

A CAVALHADINHA



CAVALHADINHA NA VILA MATUTINA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

O IMPERADORZINHO ENTRE RAINHAS
DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO NA
PRAÇA DA SANTA, NA NOITE DE
CORPUS CHRISTI, INÍCIO DOS
FESTEJOS DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

As crianças de Pirenópolis sempre brincaram de cavaleiros, de mascarados, de cavalcadas, de pastorinhas, especialmente nas proximidades da festa.¹⁰⁹ Nos anos 1980, foi criada, no bairro da Vila Matutina, por iniciativa de seus moradores e com a participação exclusiva de crianças, a cavalhadinha: a reprodução-mirim dos festejos do Divino Espírito Santo e momento máximo de socialização de uma nova geração e de transmissão de valores culturais essenciais aos pirenopolinos.¹¹⁰

A cavalhadinha foi incorporada oficialmente à Festa do Divino em 1989.¹¹¹ Com exceção das folias, agrega os principais eventos da Festa do Divino, como cavalcadas, Império e Reinado. A maioria das celebrações religiosas é realizada na praça conhecida pelos moradores do bairro como



praça da Santa. É lá também que acontecem as rezas durante a semana que precede a festa.

À semelhança da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, os preparativos para a cavalhadinha se iniciam com cerca de um ano de antecedência, no último dia dos festejos, a partir do momento em que são sorteados o imperadorzinho e os reis e rainhas-mirins do ano seguinte.

A organização das atribuições de cada cargo fica sob a responsabilidade dos respectivos pais, visto que os personagens principais são crianças de no máximo doze anos.

Os festejos propriamente ditos iniciam-se na quinta-feira de *Corpus Christi* (onze dias após o domingo do Divino) e se encerram no domingo seguinte. Em 2008, ano da pesquisa, roqueiras e fogos de artifício acordaram os moradores do bairro para as alvoradas, como é costume, durante toda a semana de *Corpus Christi* (de 22 a 25 de maio). As alvoradas foram conduzidas pela Banda de Couro da Vila (também formada por crianças), que, depois de percorrer as principais ruas do bairro, dirigiu-se à casa do imperadorzinho para tomar o café da manhã.

Os ensaios dos cavaleiros-mirins – oito para cada castelo – também

ESQUERDA

MASCARADINHO EXIBE SUA HABILIDADE
COM O CAVALO NO CAMPO DA
CAVALHADINHA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

CORTEJO DO REINADO DE NOSSA
SENHORA DO ROSÁRIO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

foram realizados naquela semana, no fim da tarde, em uma rua próxima à beira do rio das Almas, que os moradores da vila chamam “Lages”. Nos ensaios, a maioria das crianças utilizava cabos de vassoura como cavalos de pau ou lanças.

Na mesma semana, foi montado o altar da coroa na sala principal da casa do festeiro, com as cores do Divino: branca e vermelha. Bem no centro do altar, abaixo da pomba que simbolizava o Divino Espírito Santo e acima da coroa e do cetro, colocou-se uma foto do imperadorzinho.¹¹² Nos dias que antecederam a festa, a casa do festeiro teve sua rotina modificada pela intensificação dos preparativos, passando a ser ponto de encontro de moradores e vizinhos, que iam ajudar a preparar verônicas e quitandas, cortar bandeirolas ou simplesmente visitar o altar do Divino. ■



O INÍCIO DOS FESTEJOS



Na manhã do feriado de *Corpus Christi* (uma quinta-feira, como sempre), no campinho das cavalhadinhas, foi realizado um ensaio geral com todas as crianças envolvidas: cavaleiros, pastorinhas, porta-bandeiras e catireiras. O campinho já estava preparado para a apresentação das cavalhadinhas, com arquibancada para cerca de 150 pessoas e catorze camarotes, feitos como os do cavalhódromo: cercados por paus roliços, cobertos com folhas de palmeira e enfeitados com panos coloridos. Um deles destinava-se ao imperadorzinho e sua família e outro aos mestres de cerimônia ou locutores e aos músicos da Banda Phoenix, que, do mesmo modo que nas cavalhadas, marcaram a ordem e o ritmo das carreiras do espetáculo. Conforme se apurou na pesquisa, toda a estrutura do campinho fica a cargo de

funcionários da prefeitura, que, após a realização das cavalhadinhas, fazem a limpeza do local.

Na noite de *Corpus Christi*, iniciaram-se oficialmente os festejos da cavalhadinha, com o cortejo do imperadorzinho e dos reis e rainhas seguindo de suas casas até a praça da Santa para a cerimônia de levantamento dos mastros com as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, seguida da queima da fogueira. O imperadorzinho fez todo o percurso dentro de um quadro – quatro cabos de vassoura pintados de vermelho – levado por quatro crianças. O cortejo foi acompanhado pela Banda de Couro da Vila e por porta-bandeiras do Divino. O imperadorzinho seguiu coroadado e uma menina levou ao altar do Divino a bandeja que foi utilizada como suporte da coroa.

Após a cerimônia na praça da Santa, o cortejo voltou à casa do imperadorzinho, onde os cavaleirinhos fizeram a entrega simbólica de suas lanças, simples cabos de vassoura com uma fita na ponta, azul para os cristãos e vermelha para os mouros. Esse ritual e todos os outros que compõem a cavalhadinha reproduzem os que ocorrem na Festa do Divino. Assim, do mesmo modo como procedem os cavaleiros adultos, durante o ritual de entrega das lanças, os cavaleirinhos permaneceram engrazados – um cristão, um mouro – em duas filas, com as lanças cruzadas durante todo o percurso. O primeiro cavaleirinho a entregar a lança foi o rei cristão, seguido do rei mouro e, depois, alternando-se sempre os castelos, os embaixadores e soldados. Após o ritual, o imperadorzinho e sua família ofereceram uma galinhada aos cavaleirinhos e demais presentes. ■

SEXTA-FEIRA DA CAVALHADINHA

Na manhã seguinte, festejou-se Nossa Senhora do Rosário. O cortejo saiu da casa da rainha em direção à casa do rei, acompanhado pelo rei e pela rainha de São Benedito. Da casa do rei, o cortejo seguiu para a praça da Santa, onde, diante do pequeno altar que existe ali, todos os presentes rezaram um Pai-Nosso e uma Ave-Maria e cantaram o Hino do Divino.

Terminadas as rezas, formou-se o cortejo de entrega do rei e da rainha. Como acontece no Reinado dos adultos, na casa do rei de Nossa Senhora do Rosário, foram servidos salgadinhos e doces para todos os presentes. Em seguida, o cortejo dirigiu-se à casa da rainha de Nossa Senhora do Rosário, onde houve nova distribuição de quitandas aos presentes.

À tarde, no campinho, teve início o primeiro dia de



apresentação das cavalhadinhas, com participação do imperadorzinho, das porta-bandeiras, das pastorinhas infantis e das catireirinhas. Após a cerimônia de abertura, os mascaradinhos puderam entrar no campo, ao som de “O rio de Piracicaba” – a música oficial dos mascarados – e do Hino do Divino. Nesse momento, do mesmo modo que nas

cavalhadas, alguns mascaradinhos colocaram seus cavalos de pau no chão e ficaram em pé sobre eles, em sinal de reverência. Como os grandes, os mascaradinhos animaram a plateia: fizeram seus cavaleiros disparar, empinar e rodopiar, e só se retiraram do campinho depois de muitas advertências.

Os primeiros a entrar em campo foram os cavaleirinhos

ESQUERDA

CERIMÔNIA DE ABERTURA
DA CAVALHADINHA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA, DE CIMA PARA BAIXO

CRISTÃOS E MOUROS SE
ENFRENTAM NO PRIMEIRO
DIA DA CAVALHADINHA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

MASCARADINHOS NO CAMPO
DA CAVALHADINHA.

FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

mouros, que se perfilaram do lado do nascente. Depois, entraram os cavaleirinhos cristãos, que se colocaram no lado oposto, do poente. À semelhança das cavalhadas, a batalha se iniciou após o soldado cerra-fila descobrir o espião mouro disfarçado de oncinha.

Em continuidade, os reis dialogaram por intermédio de seus embaixadores e, não havendo consenso, começaram as batalhas, representadas por diversas carreiras, lutas de espadas e trocas de tiros. No intervalo, como de costume, os mascaradinhos invadiram o campo e demonstraram suas habilidades com os cavalinhos de pau, resistindo às ordens de retirada. Em seguida, os cavaleirinhos retomaram as carreiras, que duraram até o entardecer. ■



O SÁBADO DA CAVALHADINHA

O Reinado (Juizado) de São Benedito aconteceu no sábado pela manhã, com o cortejo saindo da casa do rei e seguindo em direção à casa da rainha, acompanhado pelos reis de Nossa Senhora do Rosário. Após reunir os quatro reis e rainhas, cada um partindo da respectiva casa, o cortejo completo seguiu para a praça da Santa, onde os presentes repetiram as

orações da véspera e cantaram o Hino do Divino. Depois, o cortejo voltou à casa da rainha de São Benedito, onde foram servidos salgados e quitandas. Em seguida, dirigiu-se à casa do rei de São Benedito, onde houve nova distribuição de salgados e doces.

Após o almoço, no campinho da Vila Matutina, teve início o segundo dia de batalhas da cavalhadinha, que culminou

DE CIMA PARA BAIXO
A ONCINHA REPRESENTA O ESPIÃO MOURO, COMO NAS CAVALHADAS
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CAVALEIRINHOS SAEM DO CAMPO "ENGRAZADOS" NO SEGUNDO DIA DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ.

CORTEJO DO IMPERADORZINHO, NO DOMINGO DO DIVINO DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



com a rendição e o batismo dos cavaleirinhos mouros.

Ao pôr do sol, os cavaleirinhos deixaram o campo, engrazados – um cristão e um mouro –, pelo lado do castelo cristão. ■

O DOMINGO DO DIVINO

Em 2008, como de costume, o domingo do Divino da cavalhadinha (nesse ano, dia 25 de maio), iniciou-se bem cedo, com alvorada às 5 horas da manhã, com alguns músicos da Banda Phoenix percorrendo as principais ruas da Vila Matutina. Um pouco mais tarde, começaram os preparativos para o cortejo do imperadorzinho, chamado de cortejo do Divino Espírito Santo.

Os reis e rainhas do Reinado se reuniram na casa do imperadorzinho para a saída do cortejo completo em direção à praça da Santa. Participaram as virgens, as porta-bandeiras, a Banda de Couro e músicos da Banda Phoenix, também moradores da vila. Um grande foguetório anunciou o cortejo, acompanhado pelos pais, familiares e amigos dos principais personagens da cavalhadinha daquele ano. Muitos



moradores da Vila Matutina acompanharam o cortejo.

As ruas do trajeto a percorrer tinham sido enfeitadas com bandeirolas vermelhas e brancas, assim como a praça da Santa. Nessa praça, mais uma vez, repetiram-se as orações e todos cantaram o Hino do Divino Espírito Santo, com muita emoção. Depois, o cortejo voltou à casa do imperadorzinho e, reiterando

a tradição, foram distribuídas verônicas às crianças, aos convidados e aos demais presentes.

No terceiro e último dia de apresentação da cavalhada-mirim, os cavaleirinhos entraram engrazados no campo pelo lado do poente. Esse foi o dia de confraternização entre os dois castelos, compreendendo muitas carreiras que desafiaram a perícia dos pequenos cavaleiros.

TORNEIO DA ARGOLINHA, NO TERCEIRO DIA
DA CAVALHADA-MIRIM.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

O auge foi a carreira para a retirada das argolinhas, na qual cada cavaleirinho demonstrou sua habilidade com a lança.

As argolinhas conquistadas foram oferecidas como homenagem a pessoas especialmente escolhidas, tendo sido a primeira oferecida ao imperadorzinho.

Após o encerramento das encenações da cavalhadinha, os músicos da Banda Phoenix seguiram tocando até a praça da Santa, acompanhados por uma pequena multidão. Lá ocorreu o sorteio do imperadorzinho e dos reis e rainhas do Reinado do ano seguinte.

Os nomes foram colocados em dois copinhos, um com os nomes e o outro com os cargos. Como no sorteio do imperador do Divino, a cada nome retirado, uma função também era sorteada. A confirmação dos nomes só ocorre se a criança e seus pais ou responsáveis (avós,

tios), moradores da vila, estiverem presentes no momento do sorteio, para assumir o compromisso de realização da festa no ano seguinte.

Findo o sorteio, a banda e os presentes dirigiram-se às Lages, na beira do rio, onde foi realizada a queima de fogos, promovida pela família do imperadorzinho, com a ajuda dos moradores do bairro. A queima de fogos foi o último evento dos festejos da cavalhadinha.¹¹³ ■



DO SIMPLES FOLGUEDO À TRANSMISSÃO DA TRADIÇÃO

Na maioria dos depoimentos recolhidos durante a pesquisa, a cavalhadinha da Vila Matutina foi descrita como um importante instrumento de transmissão das tradições locais às novas gerações e como o reviver das experiências e lembranças de brincadeiras de infância dos entrevistados.

De fato, brincar de cavaleiro, mascarado ou pastorinha não é privilégio dos moradores da vila, mas uma prática comum a todas as crianças de qualquer bairro de Pirenópolis. Entretanto, segundo os próprios entrevistados, a partir da década de 1960 – por iniciativa das crianças e sob a coordenação do ex-cavaleiro João Luiz Pompeu de Pina –, a cavalhadinha da vila começou a crescer e acabou tomando ares de festa grande, sendo oficialmente incorporada à programação da Festa do Divino em 1989.

DE CIMA PARA BAIXO
CAVALEIRINHOS MOURO E CRISTÃO
REPRESENTAM A CONFRATERNIZAÇÃO
ENTRE OS DOIS CASTELOS.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CRISTÃOS E MOUROS DISPUTAM
O TORNEIO DE TIRA-CABEÇA
COM ESPADAS, NO ÚLTIMO DIA
DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



Para tanto, contribuíram pais, avós, parentes e vizinhos, que, diante do entusiasmo das crianças, empenharam-se em refazer a festa nos territórios da Vila Matutina. Os olhos dos moradores da vila, contudo, não estão exatamente – ou sempre – voltados para a “festa grande”. Os membros da comunidade também podem ter, por exemplo, a intenção de preparar cavaleiros para as cavalhadas, mas o que eles exprimem é um sentimento profundo de pertencimento à vila e o desejo de preservar um estilo de vida que é próprio do local.

Desse modo, embora na cavalahadinha se procurem reproduzir as principais cerimônias da Festa do Divino, cada evento e cada celebração são construídos de um jeito próprio, reinventando ou



definindo regras de participação e realização dos festejos.

Sendo a Vila Matutina a primeira área de expansão urbana de Pirenópolis, ocupada pelos filhos das principais famílias locais, os organizadores da cavalahadinha se sentem legítimos representantes das tradições. Nesse processo, é interessante notar que os princípios fundamentais que

historicamente estruturaram e dinamizaram a Festa do Divino Espírito Santo – acumular para redistribuir, valorizar as relações de parentesco e vizinhança e o trabalho voluntário e comunitário – mantêm-se firmes e revigorados na cavalahadinha. ■

AS ARTES NA FESTA



VÁRIOS ARTESÃOS LOCAIS REPRATAM EM CERÂMICA OS PERSONAGENS DA FESTA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

"DANÇA DE MASCARADOS".

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Nos capítulos iniciais deste dossiê, procuramos descrever a Festa do Divino Espírito Santo em seu contexto social e histórico, destacando seus principais agentes. Também buscamos identificar os mecanismos responsáveis por sua dinâmica: o catolicismo popular; um sistema de circulação de bênçãos, alimentos e outros bens simbólicos e materiais baseado na reciprocidade, em que se acumula somente para redistribuir; a forma coletiva de produção da festa, por meio de uma rede solidária que se estabelece no âmbito de cada família e entre as famílias, acionando outras redes de vizinhança e parentesco, de maneira que os territórios da celebração passam a coincidir com o território do município.

Procuramos ainda descrever o modo como a festa conforma a cidade, estrutura suas principais formas de sociabilidade e configura



o universo de representações dos pirenopolinos, uma vez que se encontra profundamente imbricada na vida social local. Em seguida, descrevemos seus principais eventos, devidamente contextualizados, tal como acontecem habitualmente e como ocorreram no ano de 2008, focalizando Império, Reinado, cavalhadas, mascarados, folias e cavalhadinha.

Trataremos agora de apresentar os muitos ofícios e artes que fazem da Festa do Divino um grande espetáculo, abordadas até aqui em associação aos principais eventos dos festejos. Ao mesmo tempo que atestam a diversidade e a riqueza de suas expressões, essas artes e ofícios asseguram outros tantos modos de inserção na festa, orientando a formação de biografias e vocações. Por meio delas, muitos pirenopolinos e famílias locais praticam e confirmam sua devoção ao Divino. ■

OS SONS DA FESTA

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis se faz de muitos e diferentes sons,¹¹⁴ a começar pelos foguetes, que anunciam e pontuam cada ritual e, bem antes da abertura dos festejos, avisam que eles vão começar. Também são indispensáveis as descargas de roqueira (ou tiros de toco),¹¹⁵ que, para os pirenopolinos, são sinônimos da festa. Elas indicam a chegada das folias a cada pouso, bem como a saída, anunciam os cortejos do Império e as procissões do Reinado, além de marcar os numerosos eventos que acontecem na casa do imperador. Além disso, a partir do primeiro dia da novena, são lançadas diariamente às quatro horas da manhã, ao meio-dia e após a novena.

O toque dos sinos também marca o ritmo das celebrações. Para muitos, a Festa do Divino começa dez dias antes do domingo de Pentecostes,



quando, ao meio-dia, realiza-se a tocata, e os sinos da matriz repicam, anunciando o início da novena. Para outros, a festa inicia-se bem antes, no domingo de Páscoa, quando, após a tocata e o repique de sinos, ocorre a cerimônia de bênção da coroa na matriz. O repique dos sinos também marca momentos distintos da festa, como o final das missas e as cerimônias ligadas ao sorteio e à coroação do imperador.

TIROS DE TOCO OU ROQUEIRA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Além do foguetório e dos sinos, embalam a Festa do Divino os sons do coral de Nossa Senhora do Rosário, da Banda Phoenix e da Banda de Couro. O coral participa da novena do Espírito Santo cantando em latim um repertório tradicional de música sacra, acompanhado por uma pequena orquestra formada por músicos da Banda Phoenix.¹¹⁶

O coral também costuma se apresentar na missa solene

DA ESQUERDA PARA A DIREITA,
DE CIMA PARA BAIXO

A BANDA PHOÊNIX SAI TOCANDO PELAS
RUAS PARA MAIS UM DIA DE CELEBRAÇÕES
DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

O ANDADOR DO REINADO REPICA OS SINOS
NO ÚLTIMO DIA DA NOVENA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CORAL NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO,
DURANTE A NOVENA DO DIVINO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



do domingo do Divino e
nas missas do Reinado,
dedicadas a Nossa Senhora do
Rosário e a São Benedito.

A Banda Phoenix participa da
Festa do Divino desde 1893, ano
em que foi fundada por mestre
Propício, um dos principais
nomes da música local.¹¹⁷ Para os
pirenopolinos, “sem a banda não há
Festa do Divino”. É ela que inicia os
festejos, no domingo de Páscoa,

e encerra a festa, em *Corpus Christi*.
O repertório da Banda Phoenix,
no qual se destaca o comovente Hino
do Divino, já foi incorporado à
história da festa e à memória coletiva.

Com exceção das folias, a Banda
Phoenix está presente na maioria
das celebrações e eventos que
compõem a Festa do Divino, sob o
patrocínio da prefeitura municipal
de Pirenópolis. Ela ocupa lugar
ritualmente definido em um grande

número de eventos ligados ao
Império, como cortejos, novena,
missas, tocatas na porta da matriz,
alvoradas, queimas de fogos e
levantamento do mastro do Divino.

Nas cavalhadas – e também nas
cavalhadinhas – a Banda Phoenix
executa as marchas que dão ritmo
às encenações entre mouros e
cristãos. Ela também participa dos
festejos do Reinado sempre que
é contratada, como ocorreu no
Juizado de São Benedito de 2008.

O Hino do Divino foi composto
por Tônico do Padre (outra
grande referência da música em
Pirenópolis), em 1899. Desde
então, é referência obrigatória
não só da festa, como também dos
grandes eventos locais. O hino é
executado ao final das novenas e
nas missas do Divino, na abertura
das cavalhadas, nas alvoradas,
nas folias, nas cerimônias do
Reinado de Nossa Senhora do

DE CIMA PARA BAIXO
TOCADORES DE CAIXA DO REINADO.
FOTO: VANDERLEI ALCANTARA, 2008.

A BANDA DE COURO TOCA NA ALVORADA
DO IMPERADOR DO DIVINO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



Rosário e de São Benedito, na cavalhadinha e, constantemente, na casa do imperador. A letra é simples e conhecida por todos os pirenopolinos, que cantam o hino com grande respeito e emoção.¹¹⁸

A Festa do Divino de Pirenópolis conta, ainda, com duas outras bandas: a Banda de Couro, ou Zabumba, e a Banda do Reinado.

A Banda de Couro é um conjunto de percussão que remonta às festas dos negros escravizados, realizadas na extinta Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. É a banda mais antiga da cidade, e dela se tem notícia desde o século XVIII. Compõe-se de um saxofone, tambores (caixas) de couro, zabumba, rufadeira e várias caixas pequenas que dão ritmo e cadência aos cortejos. Seus toques sugerem a letra que é cantada mentalmente por quem a conhece: “Vamo, vamo, vamo comê doce”. Seu repertório

inclui ainda modinhas tradicionais das festas juninas, como “Cai, cai, balão”, e cantigas de roda, todas muito conhecidas e apreciadas pela comunidade, tocadas no saxofone pelo organizador da banda, Vicente Melani.

A Banda de Couro integra os festejos do Divino participando das alvoradas, das noites de novena, da abertura das cavalhadas e das tocatas no largo da Matriz. Nos cortejos do Reinado e do Juizado, participa da cerimônia do levantamento dos mastros e queima das fogueiras em homenagem a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário.

Atualmente a banda é formada por crianças e adolescentes, que assumem o compromisso de acordar de madrugada e tocar nas alvoradas. Também ao final de cada reza da novena, a banda aguarda a saída do imperador da igreja e o acompanha tocando em um

pequeno trajeto até uma esquina nas imediações, onde se desfaz.

A Banda do Reinado, por sua vez, compõe-se de tambores de madeira e couro de dimensões menores que os da Banda de Couro. São utilizados exclusivamente nos cortejos de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, já que atualmente a Banda de Couro não acompanha todos os cortejos do Reinado, em razão de sua participação em outros momentos da

CONGADA EM CORTEJO DO REINADO
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

AUTOS E FOLGUEDOS

Festa do Divino. As caixas são tocadas por voluntários, simpatizantes dos festejos, que, nas primeiras horas da manhã, buscam os reis e rainhas em suas casas e levam-nos à igreja, sem qualquer preparação ou ensaio. Assim como a Banda de Couro, a Banda do Reinado reproduz os toques “vamo, vamo, vamo comê doce”, cantados mentalmente pelos participantes durante os cortejos. ■

Esse conjunto de elementos sonoros, que criam a ambiência festiva das celebrações do Divino, agregam-se danças, coreografias, autos e representações, que foram incorporados à programação ao longo do tempo e têm modos diferentes de inserção na festa. Entre essas manifestações, cabe mencionar as catiras, as cantorias e as modas de viola, expressões

constitutivas ou associadas às cavalhadas e às folias, sobre as quais não vamos nos estender. A respeito das óperas e peças de teatro encenadas durante a festa, falaremos adiante.

Começamos aqui por analisar os autos de origem afrodescendente – a congada e o congo – e a contradança, que integram a festa em vários momentos.

A congada que se apresenta na Festa do Divino de Pirenópolis é formada por vinte dançadores, em média, e mais um capitão, a porta-bandeira e uma guardiã, conhecida como dona Maria da Congada. As coreografias são simples e os instrumentos, artesanais: caixa de couro, reco-reco e pandeiro. O grupo, que mora no entorno de Goiânia, é convidado (e patrocinado pela prefeitura de Pirenópolis) todos os anos para participar dos festejos





do Reinado, “já que em todo o Brasil as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário estão associadas a rituais como os de Coroação do Rei do Congo, Congadas ou Reinados”.¹¹⁹ Além de participar do Reinado, os integrantes da congada se apresentam no sábado do Divino, ao meio-dia, na porta da matriz, e acompanham as cerimônias de abertura e de encerramento das cavalhadas.

A dança do congo, originária do município de Jaraguá, é apresentada em Pirenópolis desde 1935. “Trata-se de um auto que reúne elementos temáticos africanos e ibéricos, cuja difusão vem do século XVII”¹²⁰ e, como a congada, tem por padroeiros Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Antigamente dançada por adultos, hoje é executada por duas alas de crianças de Pirenópolis

que, enquanto tocam tambores e chocalhos, encenam embaixada e cantam músicas em louvor aos santos do Reinado. Vestem-se de branco, com saias vermelhas, fitas coloridas e cocares de penas. Assim como os integrantes da congada, o grupo de congo se apresenta no sábado do Divino na porta da matriz, acompanha os cortejos do Reinado e participa da coreografia de abertura das



DA ESQUERDA PARA A DIREITA
GRUPO DA CONTRADANÇA, OU PAU-DE-FITA, EM APRESENTAÇÃO NO CAMPO DAS CAVALHADAS.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

CONGO EM CORTEJO DO REINADO.

FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

cavalhadas, no primeiro e no último dia das encenações.

O grupo de contradança – ou pau de fitas – costuma fazer sua primeira apresentação no domingo de Pentecostes, pela manhã, quando casais de crianças vestidas de branco, com fitas vermelhas na cintura e chapéus de palha, dançam no largo da Matriz. Depois, o grupo participa da procissão do Divino, atrás das porta-bandeiras e seguido dos congos, do andor, do séquito imperial, da banda e dos demais componentes do cortejo. Ainda no domingo do Divino, há uma nova apresentação na cerimônia de abertura das cavalhadas, quando as crianças trançam e destrançam fitas em movimentos coreográficos em torno do pau de fitas. A mesma coreografia é repetida na terça-feira, dia do encerramento dos festejos. ■

DRAMAS E OPERETAS

Além da grande encenação das cavalhadas, outros palcos e cenários fazem parte da festa. Em Pirenópolis, é tradição afirmar que, durante seu ano imperial, um bom imperador leva peças de teatro, o que fica evidenciado pelas programações mais antigas dos festejos, em que muitos espetáculos eram apresentados ao ar livre ou em barracões. Há registros da

apresentação de dramas e operetas desde 1837. Muitos deles foram incorporados definitivamente ao repertório da festa, como ocorreu com o auto *As pastorinhas*.

Assim como produziu seus músicos, Pirenópolis sempre produziu seus atores, seus espetáculos e seus espaços de atuação, contando, ainda hoje, com um grupo de teatro atuante, tradicionalmente formado pela família Pompeu de Pina. Em 2008, a Companhia de Theatro de Pirenópolis apresentou o recital *Operetas*, com trechos de textos e músicas de duas obras de Antônio José da Silva, o Judeu: *Anfitrião e Alcmena* e *Guerras de Alecrim e Manjerona*, esta encenada pela primeira vez durante a Festa do Divino de 1838. É digna de nota a continuidade histórica desse repertório, que ainda faz sucesso entre os pirenopolinos. ■

PASTORINHAS

O espetáculo *As pastorinhas*, um auto de Natal muito popular no Nordeste, foi levado pela primeira vez em Pirenópolis durante a Festa do Divino de 1923 e, desde então, é incorporado à programação oficial.

A peça divide-se em três atos e compõe-se de 46 canções e doze árias. Participam do elenco as filhas de famílias tradicionais locais, no papel das 24 pastoras que integram o cordão vermelho e o cordão azul, além das demais personagens femininas: Fé, Esperança, Caridade, Cigana, Anjo, Diana e Religião. Aos homens cabem os papéis de Simão (o velho – representado por Pompeu de Pina por mais de 30 anos), Benjamin (o menino) e Luzbel (o capeta). Uma pequena orquestra participa do espetáculo.

Dirigido por Natália de Siqueira,¹²¹ em 2008 o auto foi encenado na sexta-feira e no

CENA DO AUTO "AS PASTORINHAS",
ENCENADO DURANTE A FESTA DO DIVINO
NO THEATRO PYRENOPOLIS, DESDE 1923.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



sábado do Divino, após a cerimônia do queima, na beira-rio. Participar desse espetáculo é o sonho mais acalentado pelas meninas de Pirenópolis, que brincam de pastorinhas desde a mais tenra infância. A encenação do auto durante os festejos do Divino representa também o espaço por excelência de apresentação das jovens pirenopolinas à sociedade local. ■

ESPAÇO PARA TODOS

Como mencionado, muitas festas religiosas populares que permanecem vivas no Brasil, como a do Divino, são a reprodução e a atualização das festas medievais europeias trazidas pelos colonizadores, comportando a reinvenção local de bufões e jogos equestres, assim como de uma infinidade de danças, músicas e folguedos. Nessa dinâmica, convivem a transformação, a permanência e a continuidade histórica dos diversos elementos constitutivos dessas festas, nas quais o importante é rezar, comer e festar.

Com tantos rituais e atividades, a Festa do Divino de Pirenópolis é um grande palco para a expressão de seus moradores, seja ela religiosa, plástica, cênica, lúdica ou musical. Como diz um historiador local, em “Pirenópolis quem não é estrela é artista”.¹²²

ESTANDARTE FEITO DE RETALHOS,
EXIBIDO NA MOSTRA *AS ARTES DO DIVINO*.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



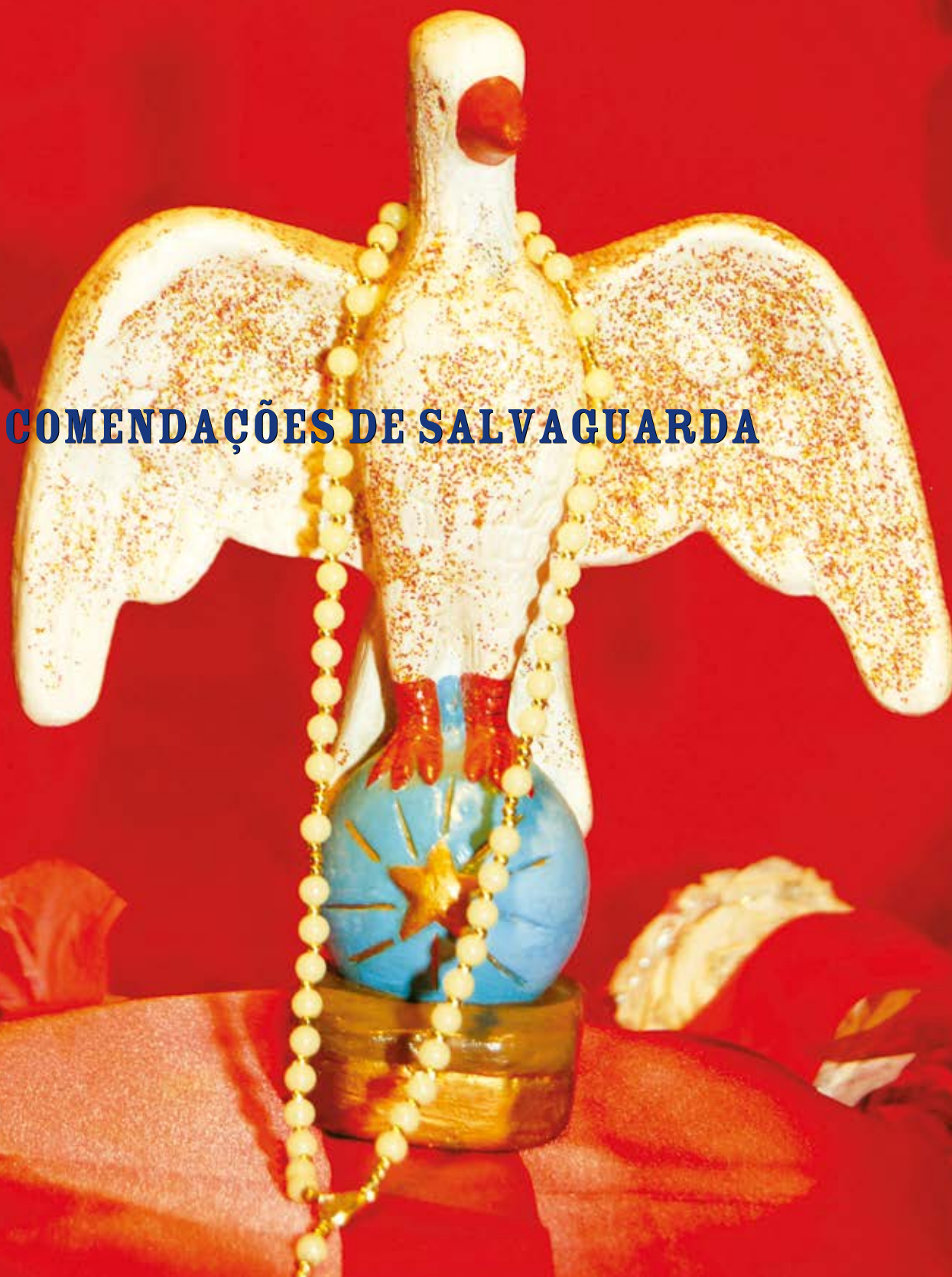
Todos encontram espaço nas atividades de produção da festa ou no desempenho do papel de cavaleiros, mascarados, foliões, alferes e mordomos dos numerosos rituais, ou mesmo nos personagens das pastorinhas e das peças teatrais que são invariavelmente levadas durante os festejos, e nas expressões dos músicos, das bandas, do coral e da catira. Quem não interpreta ou desempenha algum desses papéis demonstra sua devoção e participa da festa produzindo quitutes e verônicas, assim como flores, máscaras, bandeiras do Divino, roupas, bordados e adereços para vestir atores e compor os vários cenários da festa. ■

AS ARTES DO DIVINO EM EXPOSIÇÃO

Existem, ainda, outros modos de participar da festa, ou seja, outras formas de expressão da devoção ao Divino, visíveis no trabalho dos muitos artistas da cidade. Nos mais variados suportes e linguagens, eles representam permanentemente “a festa, seus símbolos e personagens para transmitir ao mundo os valores de sua identidade cultural [...]”.¹²³

Parte desse grande acervo que se espalha por toda a cidade foi reunida na exposição *As artes do Divino*, que integrou a programação oficial da festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis em 2008. Promovida pelo Ministério da Cultura e pelo Iphan, a mostra teve lugar na Sala do Artista Popular do Museu de Folclore Edison Carneiro, no Rio de Janeiro, em abril, e na Casa de Câmara e Cadeia de Pirenópolis, em maio e junho. Na exposição, foram apresentados trabalhos de 35 artistas locais inspirados nos vários personagens e rituais que compõem a Festa do Divino Espírito Santo, expressando a grande diversidade de formas e linguagens que contribuem para fazer dela um grandioso espetáculo. ■

RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA



POMBA DO DIVINO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

Com base no que a pesquisa possibilitou constatar e tratamos de demonstrar neste dossiê, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis está com sua cadeia de transmissão garantida e não corre risco de extinção, pelo menos em médio prazo. A comunidade local encontra-se envolvida com os festejos e utiliza maneiras próprias de transmitir seus valores para as próximas gerações, criando, até mesmo, modos de festejar voltados para a formação do gosto pela tradição em jovens e crianças.

Além disso, os pirenopolinos referem-se à festa como patrimônio local de valor inestimável, investindo conscientemente na manutenção de suas tradições. Os principais mecanismos de produção e reprodução da festa, indicados em vários momentos deste dossiê, mantêm-se

conservados e atuantes: uma religiosidade profunda que encontra seu locus privilegiado de expressão na devoção ao Divino; redes de sociabilidade baseadas em relações de parentesco e vizinhança; produção coletiva e formas tradicionais de inserção na festa por meio do envolvimento das famílias. Essas condições se entrelaçam e promovem a circulação abundante de bens materiais e simbólicos durante o período dos festejos, traduzidos em formas específicas de participar da festa: acumular para redistribuir, rezar, comer e festejar.

A festa organiza a sociabilidade local, já que os ciclos de preparação e de festejos jamais se interrompem. Ou seja, ciclos de dormência e de efervescência da festa sucedem-se indefinidamente, gerando as noções de tempo e outras representações da sociedade local. A cidade faz a festa e a festa faz a cidade. ■

FATORES DE RISCO E AMEAÇAS

Os riscos à continuidade são inerentes à vida. Algumas ameaças às condições de produção da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis foram observadas durante a pesquisa, mas são pontuais e constitutivas da celebração. São fenômenos que encontram soluções no âmbito da festa, já que, como todas as celebrações populares, a do Divino tem a dinâmica própria de transformação, incorporação ou rejeição dos fatos e acontecimentos, sejam eles de natureza cultural, religiosa, econômica ou social.

Vale citar como exemplo um dos fatores que mais interferem na festa, historicamente: os conflitos entre os representantes da Igreja – aos quais cabe desempenhar alguns papéis fundamentais nas cerimônias – e os modos tradicionais de produção da festa pela população local. Embora sejam constitutivos



AS FOLIAS

A criação da Folia do Padre atesta uma série de conflitos que dinamizam as relações entre as folias, que se estendem na disputa pelos pousos, patrocínios, doações e, principalmente, foliões. No discurso de seus participantes destaca-se a dicotomia entre folia tradicional (a da Roça, a mais antiga) e a do Padre, que se imbuí da missão de valorizar os aspectos religiosos da folia.

Entretanto, os registros históricos mostram que as folias sempre se constituíram de práticas religiosas entrelaçadas a práticas profanas, o que permite enxergar esse conflito por outro aspecto: o de sua dimensão. A Folia da Roça vem tomando uma escala de massa, reunindo, em determinados pousos, até 4 mil pessoas, atraídas pelos bailões, movidos por som eletrônico,

da celebração, esses conflitos representam riscos à continuidade da festa como patrimônio, mas há medidas de salvaguarda que podem ser implementadas sob a responsabilidade de todos: dos produtores, da sociedade envolvente e do poder público em todas as instâncias. Abordaremos a seguir as principais áreas de conflito identificadas durante a pesquisa.

O SORTEIO DO IMPERADOR

Nos últimos anos, a Igreja local vem interferindo diretamente no sorteio do imperador, fazendo até uma seleção prévia dos candidatos: o imperador sorteado deve ser católico praticante e manter compromissos pessoais com os programas da Igreja (como pastorais, grupos de evangelização etc.), o que não lhe garante prestígio diante da comunidade.

O capital simbólico do imperador estrutura-se no lugar que ele ocupa na grande rede de descendência e envolvimento familiar com os festejos. Os imperadores distantes dessa rede são, em geral, rejeitados pela comunidade. Cabe a ele superar essa condição, dando provas de habilidade política e capacidade de negociação, já que é o principal responsável pela preparação e realização dos festejos.

De qualquer maneira, o imperador sem capital simbólico não é empecilho para a realização das celebrações, uma vez que toda a comunidade faz a festa, de acordo com os modos tradicionais de inserção das famílias nos festejos. Ou seja, a dinâmica da festa tem os próprios mecanismos para lidar com essas situações, impedindo que elas inviabilizem a manutenção e a reprodução da celebração.

ESQUERDA

SAÍDA DA FOLIA DA ROÇA.

FOTO: MAURICIO PINHEIRO, 2008.

DIREITA

CORTEJO DO REINADO

ACOMPANHADO PELA BANDA

DE COURO.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



que só terminam ao amanhecer. Nos últimos anos, a Folia da Roça chegou a perder pousos – até mesmo para a Folia do Padre – por motivos relacionados às enormes dimensões de seus festejos, como a destruição de plantações, brigas e acidentes nas estradas.

Na Folia do Padre, por sua vez, os pousos são essencialmente familiares e não se permitem oficialmente as bebidas

alcoólicas. As cerimônias giram em torno das rezas e a diversão se resume à catira, à dança do chá e à moda de viola.

De fato, as folias disputam a legitimidade simbólica e novos espaços para a expressão da festa, sendo os conflitos parte de sua dinâmica, bem como os encaminhamentos ou soluções encontrados. Acreditamos que as folias seguirão buscando não

somente formas de convivência (e incluímos aqui a Folia da Cidade), como também as dimensões e maneiras de regular suas cerimônias e celebrações, já que congregam públicos diferentes, com modos próprios de participar da festa. Obviamente, na folia que vem assumindo escala de massa, é necessária a interferência de outras instâncias – públicas ou não –, principalmente no que se refere à educação dos participantes, visando à preservação dos pousos e à segurança dos foliões.

O CAMPO DAS CAVALHADAS

Alguns pirenopolinos têm orgulho do campo das cavalhadas, “o único no mundo” construído para abrigar tais batalhas entre mouros e cristãos. Entretanto, na maioria dos depoimentos colhidos durante a pesquisa, os entrevistados apontaram restrições,



sobretudo em relação a dois aspectos. O primeiro deles é a posição das arquibancadas e das áreas de camarotes, levantadas em um nível muito superior ao do gramado em que se encenam as cavalhadas, e a supressão do espaço de circulação para os mascarados pela frente e por trás dessas áreas. Com isso, quebraram-se os modos de festejar que antes marcavam as relações entre o público, cavaleiros e mascarados.

O segundo está relacionado às tentativas de padronizar os camarotes que são levantados durante as cavalhadas, o que não é aceito pela comunidade. Os pirenopolinos procuram manter ou reorganizar seus padrões tradicionais de sociabilidade no campo, preservando o modo de erguer, fechar, decorar e ocupar os camarotes e as formas de festejar e de se comunicar.

Do mesmo modo, a distribuição dos camarotes – quem ocupa tal ou qual espaço – continua reproduzindo os critérios tradicionais de envolvimento de cada família com as cavalhadas. Como se observou, a comunidade local tem procurado formas de preservar e refazer suas relações festivas também no que diz respeito ao campo das cavalhadas.

TRABALHO VOLUNTÁRIO E TRABALHO REMUNERADO

Outro aspecto de transformação da festa é de natureza histórica: um dos fundamentos do Império do Divino Espírito Santo é o imenso circuito de trocas, donativos e trabalho voluntário que, em última instância, permite a realização dos eventos e cerimônias.

A transformação das relações sociais nas sociedades rurais, também observadas em Pirenópolis, pode, em

determinados casos, impossibilitar gestos de doação ou contribuição, tornando imprescindível a presença do trabalho remunerado, mesmo que ao lado do trabalho voluntário e inserido em grandes mutirões.

Mantém-se, entretanto, um aspecto primordial da festa: a circulação e sacralização de bens, mesmo com a perda pontual de alguns de seus parâmetros tradicionais. A maioria dos participantes continua doando trabalho, pois essa é uma das maneiras mais tradicionais de praticar a devoção ao Divino. Além disso, a máxima “acumular para redistribuir” permanece atuante na doação e no recolhimento de víveres e donativos, na produção coletiva dos eventos e celebrações e nos incontáveis rituais que se baseiam na partilha de bênçãos e alimentos, gesto fundamental que permeia a festa.

ESQUERDA

CHEGADA DA FOLIA DA ROÇA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

CHEGADA DA FOLIA DA CIDADE.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

O TURISMO DE MASSA E O TURISMO CULTURAL

A política de turismo implementada em Pirenópolis desde a década de 1970 tem-se voltado para a espetacularização da Festa do Divino, especialmente das cavalhadas, levadas a representar o estado de Goiás em muitos eventos, como ocorreu no Ano do Brasil na França (2005), em que cavaleiros e mascarados se apresentaram em

Chantilly. Órgãos estaduais de turismo e de cultura, bem como o poder público municipal, vêm sistematicamente colaborando com a realização da festa por meio da doação de serviços, matérias-primas, verbas ou patrocínios.

O turismo tem assumido importância crescente na economia do município, pois ano a ano aumenta o número de turistas que

visitam Pirenópolis, embora sua presença durante a Festa do Divino ainda seja pouco significativa. No entanto, para os moradores mais tradicionais da cidade, a festa “vem perdendo a graça”, deixando de ser um espaço de encontro e reconhecimento para a população local, que, antes, usufruía plenamente dos festejos, num universo cultural próprio e sem interferências externas. A ampliação das dimensões da festa e a presença de forasteiros – permanentes ou passageiros – dispersam os referenciais tradicionais da população, até então plenamente inseridos em seus modos de viver a celebração: as redes de sociabilidade local, com seus códigos de usufruto e convivência, seus ícones e referências espaciais e culturais.

Diante disso, verifica-se a necessidade de conscientizar o poder público a abordar com cautela a





utilização da Festa do Divino e de seus elementos constitutivos como atrativo turístico, assim como a evitar ações que desrespeitem a celebração e resultem em impedimento de cerimônias em favor do turismo ou de outra iniciativa de qualquer natureza.

Em 2008, por exemplo, para a realização do Piri Jazz Festival, foi montado um palco, na rua do Rosário, que bloqueou a passagem da

Folia da Roça na tarde em que saía da cidade. Seus participantes e outros depoentes informaram que esse tipo de bloqueio já havia ocorrido em anos anteriores, durante outros festivais de cultura e gastronomia.

Do mesmo modo, os cortejos do Império tiveram de se espremer entre automóveis e competir com o alto volume dos sons de automóveis, de bares e de lanchonetes. Entretanto, na noite de *Corpus Christi*, quando

houve a última cerimônia do Império – a transferência definitiva da coroa ao imperador de 2009 –, a prefeitura impediu o trânsito de automóveis na rua Direita, no trecho que liga a matriz à casa do novo imperador, garantindo a passagem do cortejo. Essa medida deveria ser adotada em relação a todos os cortejos da festa.

Observa-se, assim, a importância de fomentar nas instâncias públicas locais uma atitude

ESQUERDA

SEMPRE A CAVALO, OS ALFERES CONDUZEM AS BANDEIRAS DO DIVINO, LIDERANDO A FOLIA DA ROÇA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

DIREITA

ALTAR DA FOLIA DA ROÇA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

MEDIDAS DE SALVAGUARDA

permanentemente comprometida com o respeito à cultura local e com a garantia dos espaços de expressão da Festa do Divino.

Em conclusão, os maiores problemas identificados durante a pesquisa dizem respeito tanto à Festa do Divino como às atividades turísticas do município, que acabam resultando na quebra da escala de redes de sociabilidade familiar e na introdução de uma escala de massa. Entretanto, enquanto a festa apresenta dinâmica própria de resolução de conflitos e tensões constitutivos, a solução dos problemas de infraestrutura do município depende de políticas públicas que, em muitos casos, ultrapassam o âmbito da cidade, pois se encontram na esfera estadual ou na federal. Caberá ao Iphan, no âmbito de sua atuação e no limite de suas possibilidades, participar das negociações necessárias à solução desses problemas. ■

Para enfrentar os problemas observados, as medidas de salvaguarda de curto, médio e longo prazos construídas e sugeridas no âmbito da pesquisa da festa são as seguintes:

- reconhecer a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como patrimônio cultural brasileiro, por meio do seu registro no Livro das Celebrações;

- fomentar, por meio das iniciativas públicas e empresariais de Pirenópolis, o compromisso permanente com o respeito à cultura local e com a garantia dos espaços de expressão da Festa do Divino;
- aprofundar estudos e documentar o repertório musical das folias – benditos, cantorias, repentes e catiras –, dos rituais religiosos do Império



e, especialmente, da orquestra e do coral de Nossa Senhora do Rosário e da Banda Phoenix;

- estudar e documentar os ofícios e os modos de fazer aplicados na preparação de personagens e atividades da festa, considerando a história de envolvimento familiar que dá forma à produção desses saberes: fundição de armas e acessórios para cavalos e cavaleiros, preparação da pólvora e dos tiros de toco, levantamento do mastro do Divino, confecção de flores, máscaras, bordados, bandeiras e adereços, entre outras habilidades e expressões;

- estudar e descrever a história das irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito de Pirenópolis, que remontam ao período da mineração e há muito tempo desapareceram;

- estudar e descrever a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, demolida na década de 1940 – o local onde ela se situava é hoje considerado território afro-brasileiro pela Fundação Cultural Palmares;

- estudar a história da Banda de Couro, a Zabumba, a primeira banda da cidade, e recuperar alguns toques de percussão que não são mais executados;

- publicar glossário da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, com base na descrição dos bens culturais no INRC, para ser distribuído às escolas, bibliotecas e centros de atendimento ao turista;

- realizar exposições de fotografia e exibir os vídeos produzidos para a instrução do processo de registro, como forma de devolução do conhecimento

produzido durante a pesquisa à sociedade de Pirenópolis;

- criar mecanismos de consulta à população, para que esta se manifeste a respeito dos modos de proteção e manutenção da festa que considerem adequados, orientando e fortalecendo a construção de políticas de proteção e medidas de salvaguarda;

- regulamentar as atividades turísticas no município a fim de promover o turismo cultural e o respeito às atividades da festa;

- implantar uma escola superior ou conservatório de música para fortalecer a vocação musical da cidade e apoiar os talentos locais;

- reivindicar às autoridades competentes a implantação de políticas públicas de infraestrutura, saúde e educação. ■

TONINHO DA BABILÔNIA,
REI MOURO.
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.



NOTAS

1. Os giros constituem-se no trajeto a ser percorrido, a cada ano, pelas folias. As folias giram no sentido anti-horário (do nascente para o poente), sem repetir, voltar ou cruzar caminhos.

2. Atualmente existem outras cavalcadinhas além da que se realiza na Vila Matutina, documentada durante a pesquisa de 2008.

3. Ver nomes e funções dos profissionais que participaram da documentação na página de créditos e nos vídeos editados.

4. Os nomes e funções dos profissionais que participaram dos trabalhos de pesquisa estão listados na página de créditos.

5. Ver a “Introdução” do dossiê descritivo e, nela, a descrição do trabalho de campo. Para ter uma ideia mais precisa do fôlego exigido da equipe para o acompanhamento da festa, ver o relatório do INRC.

6. A propósito, em 2014, ano em que se elaborava este livro, foi encerrada uma polêmica ação judicial que – alegando a necessidade de combater a crescente violência urbana (que hoje aterroriza qualquer cidade do Brasil) e possíveis crimes cometidos pelos mascarados – desde 2010 obrigava a prefeitura municipal a identificar e cadastrar esses personagens da festa do Divino (para saber mais, ver adiante, em “Máscaras e mascarados”, a nota 86). Também em 2014 faleceu o mais notório guardião das tradições da festa de Pirenópolis, Pompeu de Pina, que também foi o imperador do mesmo ano. A história contará o que vai acontecer com a festa sem sua presença vigilante.

7. Em janeiro, ocorre a Folia de Reis, em Radiolândia, Lagolândia e nos povoados de Capela, Goianópolis (Maiador)

e Bom Jesus. Em março/abril, na cidade, realizam-se os festejos da Semana Santa, com missa e procissões (de Nossa Senhora das Dores, de Nosso Senhor dos Passos e da Ressurreição). Em maio/junho, tem lugar a Festa do Divino Espírito Santo, com suas folias, Reinado e cavalcadas. Em junho, realiza-se a Folia de São João, em Lagolândia. Nos meses de junho e julho, ocorrem a Festa de Nossa Senhora Aparecida e São Judas Tadeu, no povoado de Jaranópolis, a Festa de Nossa Senhora de Santana, no povoado da Capela, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, em Lagolândia, a Festa do Divino Pai Eterno, em Lagolândia e Caxambu, a Festa de Santo Antônio e São Geraldo, a Festa do Senhor e Bom Jesus, no povoado de Bom Jesus, e a Festa do Morro (Santíssima Trindade), no morro

CAVALHADINHA.

FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

dos Pireneus (na lua cheia de julho). Em setembro, na cidade, realizam-se a Festa de Nosso Senhor do Bonfim e a de Nossa Senhora Aparecida e São Vicente de Paula, no povoado da Placa. Em outubro, ocorre a Festa de São Judas Tadeu. Em dezembro, é realizada a Festa da Nossa Senhora da Imaculada Conceição. (Informações disponíveis no site da prefeitura de Pirenópolis: <www.pirenopolis.go.gov.br>. Acesso em: 16 set. 2015.)

8. MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

9. TORRES, J. Fastos açorianos. *O Panorama: semanário de literatura e instrução*, Lisboa, 1856.

10. De acordo com Maria Fernanda Enes, a Festa de Pentecostes está associada às profecias do monge Joaquim



de Fiore (1132-1202), que defendia a teoria dos três tempos da humanidade, com base na Santíssima Trindade: a Era do Pai, a Era do Filho e a Era do Espírito Santo, cujos sete dons constituiriam a fonte de todo saber e de toda ordem. (Apud: SILVA, M. M. *A Festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis*. Goiânia: Agepel, 2001.)

11. Veiga, F. B. *A Festa do Divino Espírito Santo, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

12. MORAES FILHO, José Alexandre Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1979. p. 117.

13. Para Gilberto Freyre, uma espécie de “catolicismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs”, com “os santos e anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo”. (Freyre, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1994. p. 23. Apud: MACEDO, Valéria. *Os impérios da festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX*. *Sexta-*

Feira: Antropologia, Artes e Humanidades, São Paulo: Pletora, n.2, abr. 1998.

14. SILVA, M. M.

Op. cit., p. 24-29.

15. A Festa do Divino Espírito Santo de Paraty também teve seu registro aprovado pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e foi inscrita no Livro das Celebrações em 3 abril de 2013, sendo assim reconhecida como patrimônio cultural do Brasil.

16. ALVES, Ana Claudia Lima e. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília, 2004. Dissertação – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília.

17. VEIGA, F. B. Op. cit.

18. MORAES FILHO, José Alexandre Mello. Op. cit.

19. SILVA, M.M. . *A Festa do Divino: romanização, patrimônio*

e tradição em Pirenópolis (1890-1988). 1.ed. Goiânia:

Agepel, 2001. v. 1. 229 p.

20. MACEDO, Valéria.

Op. cit., p. 4.

21. SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Edusp, 1975; POHL, John Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1976; Ferrez, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Moreira Salles, 1981.

22. JAYME, J. *Esboço histórico de Pirenópolis*. S. L., 1971. Edição do autor; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

23. Enquanto no Rio de Janeiro “o Império era o palanque, o tablado, levantados por ocasião da Festa, fabricados de sarrafos e

lona pintada, onde ficava o trono do imperador, com a música, a Corte e as principais figuras da freguesia local”, em Pirenópolis, tradicionalmente, o império sempre foi instalado na residência do imperador. (MARQUES, R. A coroa do Divino Espírito Santo, 2005. Disponível em: <www.portaldodivino.com.br/artigos>. Acesso em: 23 mar. 2008; SANTOS, F. A arquitetura dos impérios do Divino Espírito Santo no Brasil meridional: herança cultural açoriana. *Portal do Governo dos Açores*. Disponível em: <www.azores.gov.pt>. Acesso em: 31 mar. 2009; MORAES FILHO, José Alexandre Mello. Op. cit.)

24. MORAES FILHO, José Alexandre Mello. Op. cit.; CAMPOS, Eudes. Ecos paulistanos da vinda da Família Real para o Brasil. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*, ano 3, n.



RIO DAS ALMAS (BEIRA-RIO), COM A IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO, MATRIZ DE PIRENÓPOLIS, AO FUNDO. FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

17, mar.-abr. 2008. Disponível em: <www.arquiamigos.org.br/info/info17/i-estudos.htm>. Acesso em: 21 set. 2015.

25. A única exceção foi Alexandre Pompeu de Pina, que, em 1971, aos sete anos, assumiu o lugar do pai como imperador, quando este faleceu.

26. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. cit., p. 37.

27. Ibidem, p. 67.

28. Brincar de cavalhada é costume antigo das crianças de Pirenópolis, que, assim, nos quintais e nas ruas da cidade aprendem os rituais e ordens da festa. A cavalahinha documentada durante a pesquisa foi a da Vila Matutina, a mais antiga e a primeira a ser formalizada, em 1989. Nos últimos anos (1997), foi criada a cavalahinha do centro, que também trata de reproduzir os diversos rituais da Festa do Divino

para crianças de até 12 anos. (CARVALHO, A. *Pirenópolis: coletânea 1727-2007*. s. l., s.d., p. 165. Edição do autor.)

29. Assim se denominam os nativos de Pirenópolis.

30. GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Patrimônio, memória e etnicidade: reinvenções da cultura açoriana. In: _____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan, 2007.

31. Pompeu Cristóvão de Pina também foi o imperador do ano de 2014 (enquanto se elaborava este livro) e realizou uma festa memorável, apesar da saúde debilitada pela diabetes, condição agravada pela perda de sua esposa, no início do mesmo ano. Contou para tanto com o empenho dos sete filhos, dos netos e dos demais parentes próximos e com muita ajuda dos amigos, dos vizinhos e de

toda a comunidade de Pirenópolis. Também em 2014, Pompeu completou 80 anos, logo após a Festa do Divino, cujas principais cerimônias ocorreram entre 23 de maio e 10 de junho. Faleceu no mesmo ano, em 10 de dezembro.

32. No período que precede a festa, a prefeitura municipal convida os alunos das escolas públicas a participar da contradança. Além disso, algumas escolas desenvolvem programas específicos para a difusão de algumas tradições, como a catira.

33. Tanto é assim que casos esporádicos de participação de mulheres como “mascarados” – especialmente a cavalo – permanecem como fatos audaciosos e memoráveis. É o caso de Telma Lopes Machado, esposa do rei mouro, Toninho da Babilônia, uma das primeiras mulheres da cidade a sair a cavalo como “mascarado”.

Segundo uma integrante da Turma da Telma, um grupo composto de cerca de quinze amigas, hoje em dia, elas costumam sair a pé no segundo dia de apresentação das cavalhadas. (ALVES, Ana Claudia Lima e. Op. cit.)

34. Existem registros de peças teatrais “levadas” durante a festa nas quais os homens representavam os papéis femininos. (Jayme, J. Op. cit.)

35. Como principal guardião das tradições, Pompeu foi ouvido especificamente a propósito desse fato durante as pesquisas, em depoimento gravado pela equipe de documentação audiovisual.

36. Segundo depoimento de Telma Lopes Machado, durante o Festival Gastronômico de Pirenópolis, em 2007. Nessa ocasião, Telma e dona Terezinha de Salvador, exímia doceira da cidade, ensinaram a fazer verônicas.

37. As farofadas são refeições coletivas oferecidas para os cavaleiros e seus auxiliares, antes de cada ensaio das cavalhadas, realizados durante dez dias antes da festa. São duas farofadas por dia: às 5 horas da madrugada, antes do ensaio do amanhecer, e às 8 horas da noite, após o ensaio do entardecer. Essas refeições geralmente são oferecidas por famílias amigas do imperador e/ou devotas do Divino Espírito Santo.

38. VEIGA, F. B.

Op. cit., p. 54.

39. Ibidem.

40. VEIGA, F. B. *A Festa do Divino Espírito Santo, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

41. Outra exceção são os cortejos do Reinado, que se realizam entre

a igreja e as casas dos reis e rainhas, sem passar pela casa do imperador.

42. Depoimento de Rafael Donato à equipe de pesquisa, em 12 de maio de 2008.

43. A preparação da pólvora para a confecção das roqueiras (ou tiros de toco) é um dos ofícios essenciais à festa, que requer cuidado e habilidade especiais. Ver informações mais detalhadas adiante, no capítulo “As artes na festa”.

44. Na véspera e no domingo de Páscoa, devotos do Divino, pagadores de promessas e amigos do imperador percorrem ruas da cidade a pé com a coroa do Divino, abençoando casas e recebendo donativos para a festa – o chamado “peditório”. Em 2008, no domingo de Páscoa, o cavaleiro cristão Chico Pedruca, após realizar o peditório, foi à igreja matriz, ao meio-dia, para a cerimônia de bênção da coroa.

DA ESQUERDA PARA A DIREITA
MASCARADO SE EXIBE NA PORTA
DA IGREJA DO BONFIM.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

REI MOURO DAS CAVALHADAS,
ANTÔNIO MACHADO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



45. A cerimônia de levantamento do mastro, na noite do sábado do Divino, é uma das mais impressionantes da festa. O mastro tem 23 metros de altura e, depois de hasteado, fica mais alto que as torres da igreja matriz. Sob a coordenação do mordomo do mastro, um grupo de vinte homens, quase todos da mesma família, maneja com habilidade e perícia grandes varas



com espetos e forquilhas na ponta e, assim, levantam o mastro.

46. Essa fala também faz parte da entrevista realizada em 12 de maio de 2008, já citada.

47. Tradicionalmente, as Festas do Divino reivindicam autonomia em relação à Igreja oficial, geralmente mantendo com ela relações de conflito e negociações permanentes. (SILVA, M. M., *A Festa do Divino*:

romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis. Goiânia: Agepel, 2001.) Em Pirenópolis não é diferente: a existência de uma Folia do Padre é apenas um exemplo emblemático dos conflitos permanentes com a Igreja local.

48. AMARAL, R. *Festa à brasileira*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

49. A descida do mastro é feita nos mesmos moldes de seu levantamento, ou seja, pelo hábil manejo de grandes varas, em trabalho coordenado pelo mordomo do mastro.

50. Diferentemente de outras folias, como as de Reis, que giram à noite e pousam de dia.

51. A Folia do Padre foi criada com a pretensão de recuperar o caráter religioso desses rituais



DE CIMA PARA BAIXO
VERÔNICA FEITA DE MASSA DE AÇÚCAR.
FOTO: MAURÍCIO PINHEIRO, 2008.

FORMA DE VERÔNICA ESCULPIDA
EM PLACA DE CHUMBO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

de peditório, aumentando as rezas e proibindo o consumo de bebidas alcoólicas e os forrós – ou bailões – que animam as noites nos pousos das Folias da Roça e da Cidade. A Igreja toma para si, e não reparte com o imperador, os donativos angariados no giro. Essa folia é formada exclusivamente por homens que frequentam a igreja, para os quais “forró não pode ser feito na folia; a tradição mesmo é o catira. Está errado; o pouso virou comércio” (depoimento gravado pela equipe de documentação audiovisual).

52. Na dança do chá, os foliões, “[...] de modo bastante descontraído, saúdam a cultura de engenho e a cachaça”. (VEIGA, F. B. *A Festa do Divino Espírito Santo, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento



de Antropologia, Universidade Federal Fluminense.)

53. Os tropeiros são os aspirantes a foliões, geralmente quatro ou cinco jovens que demonstram seu interesse pelas folias cuidando das montarias.

54. A Folia do Padre saiu da cidade pelo bairro do Carmo, seguindo para o primeiro pouso na fazenda de Luiz Figueiredo e Ireni Leite Figueiredo, na região do São João. Num percurso circular de leste para o oeste, o giro seguiu para os povoados de Bom Jesus e Santo Antônio, passando pelas comunidades de Santa Mônica, São Benedito, Castelo e Retiro, região do Catingueiro e Comunidade Barbosa, e teve seu último pouso nas comunidades de Fogaça, Sardinha, Mar e Guerra e Jenipapo. Nos povoados, apesar da presença de uma casa de

apoio, houve o envolvimento da comunidade na realização dos pousos. A folia chegou de volta à cidade pela rodovia que liga Planalmira a Pirenópolis e desceu a avenida Benjamim Constant até o salão paroquial, e não havia muitos espectadores acompanhando a chegada, diferentemente do que se observou na Folia da Roça. As esmolas e as bandeiras, por sua vez, foram entregues na igreja, onde o festeiro ofereceu um lanche para os foliões.

55. “[...] Seu Otávio Francisco de Moraes, nascido em 1922, [...] durante mais de 60 anos, dedicou sua vida à Folia do Divino de Pirenópolis. Nela exerceu as mais diversas funções, de tropeiro a músico, depois embaixador, até chegar a alferes, o posto mais alto na hierarquia do grupo.” (VEIGA, F. B. Op. cit., p. 33.)

Otávio de Moraes faleceu em 1994, minutos após entregar as bandeiras da folia ao imperador, fato registrado em reportagem especial do *Globo Rural* sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis. (CARVALHO, A. *Pirenópolis: coletânea 1727-2007*. s. l., s. d. p. 199 – edição do autor.) Após o falecimento da viúva do senhor Otávio – que não deixou herdeiros diretos –, alguns sobrinhos tentaram manter a tradição do junta da folia na casa da rua Direita, o que se realizou até o ano 2010, quando foi feito o registro da Festa do Divino. Desde então, o junta tem ocorrido em locais variados da cidade, perdendo-se a visão do longo desfile de cavaleiros foliões que se descortinava desde a rua do Rosário.

56. A Folia da Roça percorreu o seguinte trajeto em 2008: o giro

AGRADECIMENTOS DE MESA NO JANTAR DE
ENTREGA DA FOLIA NA CASA DO IMPERADOR.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



saiu no dia 24 de abril, pelo trevo de Goianésia em direção à Fazenda Seringueira, lugar do primeiro pouso; o segundo pouso foi realizado na Fazenda Raizama, o ponto mais distante do circuito. Partindo em direção ao próximo pouso – e já desenhando um círculo –, o giro seguiu para a Fazenda Santa Rita, pouso que reúne os descendentes do senhor Sebastião de Arruda, antigo organizador dessa folia.

Os pousos seguintes foram realizados na Fazenda Pulador, no povoado de Santo Antônio, na Fazenda Engenho e na Fazenda Sabão. A chegada ao último pouso, na Fazenda Caiçara de Cima, ocorreu no sábado, dia 3 de maio. O grupo voltou pela estrada que liga Pirenópolis a Planalmira, realizando uma grande volta em torno da cidade, percorrendo trilhas e estradas de

acesso entre as várias fazendas e povoados. Na chegada, os foliões percorreram as principais ruas da cidade, perfazendo uma trajetória circular. A jornada terminou na casa do imperador – ou festeiro –, quando os alferes lhe entregaram os donativos e as bandeiras. Em retribuição, o imperador ofereceu um grande jantar aos foliões.

57. Após o junta na casa de Mané Chato, a Folia da Rua seguiu para o primeiro pouso, ainda no bairro do Bonfim. Os pousos seguintes foram no bairro do Carmo, na rua do Carmo e na Vila do Couro, seguidos por dois pousos no Alto da Lapa. Para o sexto pouso, o giro ficou um pouco maior, pois os foliões se deslocaram do Alto da Lapa para o Alto do Bonfim, onde também se situavam os últimos pousos, organizados para que não se cruzassem os caminhos já trilhados.

58. Para a realização dessas melhorias, muitos pousos recebem a ajuda da prefeitura municipal.

59. Na Folia do Padre, o presente foi uma garrafa de refrigerante.

60. Na Folia do Padre, além das bandeiras, os participantes carregam uma imagem do Espírito Santo durante todo o giro. Essa imagem, que pertence à igreja, também é colocada no altar, com as bandeiras. Outra exceção é a missa, que em 2008 foi realizada no último pouso.

61. Depoimento de dono da Fazenda Seringueira, gravado pela equipe de documentação audiovisual durante a pesquisa. A fazenda dispõe de infraestrutura para receber os foliões, pois há dez anos oferece pouso à Folia da Roça. Os empregados da fazenda são treinados para ajudar na preparação do pouso.

62. No período das folias, a prefeitura municipal de Pirenópolis disponibiliza ônibus que fazem o trajeto entre a cidade e os pousos.

63. Durante entrevista realizada pelas equipes de pesquisa e de documentação audiovisual, ficou registrada a pergunta do imperador: “Por que a Folia do Padre entrega os donativos à Igreja? Não é função da folia recolher donativos para o imperador?” (bilhete manuscrito pelo imperador, entregue a Luiz Pereira da Silva, ministro da Igreja e coordenador da Folia do Padre).

64. MEYER, M. *De Carlos Magno e outras histórias: cristãos e mouros no Brasil*. Natal: Ed. UFRN/CCHLA, 1995. p. 15.

65. CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus*. São Paulo: Perspectiva, 1984. p. 115. PEREIRA, N. S.; JARDIM, M. P. S. V.: *Ao invés de - Uma*

DE CIMA PARA BAIXO
PREPARO DE COMIDA EM POUSO
DE FOLIA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

MACARRÃO A SER SERVIDO EM POUSO
DE FOLIA DA ROÇA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



MASCARADOS SE DIVERTEM
NO RANCHÃO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

feira religiosa brasileira - festa do Divino em Goiás e Pirenópolis. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978, p. 82.

66. PEREIRA, N. S.; JARDIM, M.P.S. V. Op. cit., p. 82.

67. Consultar, entre outros: ALVES, Ana Claudia Lima e. *As artes do Divino de Pirenópolis – Goiás*. Rio de Janeiro: Iphan, 2008. (Catálogo de exposição – Sala do Artista Popular, n. 142); MAIA, C. E. S. A tradição cavaleiresca em Pirenópolis. In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. R. (Orgs.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Goiânia: Ed. UCG, 2001. p. 143-157.

68. JAYME, J. *Esboço histórico de Pirenópolis*. s. l., 1971. Edição do autor.

69. Conforme entrevista concedida por Adail Luís Cardoso, rei cristão, à equipe de pesquisa.

70. Conforme depoimento de Pompeu de Pina, gravado



pela equipe de documentação audiovisual da festa do Divino em 2008.

71. O terço dos cavaleiros é uma iniciativa recente na festa. Segundo seus participantes, ele foi acrescentado a festa para “unir os cavaleiros e rezar para que as cavalhadas se realizem a bom termo”.

72. Conforme entrevista dada por Adail Luís Cardoso, já citada.

73. Conforme depoimento de Tales Jayme, em farofada que ofereceu aos cavaleiros em 2008, registrado pela equipe de documentação audiovisual.

74. As demais músicas cantadas pelos cavaleiros em diversos momentos dos festejos podem ser encontradas em: PEREIRA, N. *Cavalhadas no Brasil: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos*. São Paulo: Escola do Folclore, 1983. p. 140-157.

75. Conforme depoimento de Toninho da Babilônia, rei mouro das cavalhadas, à equipe de pesquisa do INRC, em 23 de março de 2008. Embora as cavalhadas estejam sempre associadas aos festejos e à devoção ao Divino Espírito Santo, como entendem os cavaleiros e os pirenopolinos em geral, não deixam de existir iniciativas voltadas para sua promoção e apresentação isolada. Em 2005, por exemplo, os cavaleiros viajaram à Europa para encenar as cavalhadas em Chantilly, representando a cultura goiana na programação do Ano do Brasil na França.

76. No ano de 2008, o batismo foi realizado por Eduardo Tadeu do Nascimento – o Dudu –, coroinha e zelador da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, matriz de Pirenópolis.

77. Tônico do Padre (1834-1903), pintor, compositor e autor do famoso Hino do Divino, deixou um enorme legado de missas, peças sacras, quadrilhas e obras profanas. Sobre o assunto, consultar, entre outros: PINA FILHO, B. W. Antonio da Costa Nascimento (Tônico do Padre): um músico no sertão brasileiro. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia: Cegraf/UFG, 1986.

78. Depoimento prestado à equipe de pesquisa durante o INRC da Festa do Divino.

79. Campo das cavalhadas, cavahódromo ou simplesmente campo: assim os pirenopolinos se referem ao estádio de múltiplo uso Campo das Cavalhadas, obra realizada pelo governo estadual de Goiás, anunciada em 2003 e inaugurada em 2006. A obra, entretanto, permanecia inacabada em 2014, quando se preparava a publicação deste livro.

80. Depoimentos de Inácio Rosicler de Pina, embaixador mouro, e de Toninho da Babilônia, rei mouro das cavalhadas, gravados pela equipe de pesquisa e documentação audiovisual.

81. Conforme entrevista concedida por Adail Luís Cardoso, rei cristão, durante as pesquisas em 2008.

82. Depoimento de Márcio Estácio de Sá.

83. Nome dado pelos pirenopolinos aos guizos pendurados no peitoral dos cavalos.

84. Como sabe e se conforma toda gente de Pirenópolis, só dando o dinheiro fica-se livre do assédio dos mascarados.

85. Composto por Tião Carreiro, Piraci e Lourival Santos, “O rio de Piracicaba” é considerado, em Pirenópolis, o

GRUPO DE MASCARADOS SE PREPARA,
ESCONDIDO PELOS MUROS DA CASA,
PARA MANTER O ANONIMATO.
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008.

hino dos mascarados. A canção foi gravada pela primeira vez por Tião Carreiro e Pardino no LP *A força do perdão*, lançado em 1970 pela gravadora Chantecler-Continental.

86. As tentativas de controle dos mascarados pelo poder público estão registradas desde as origens da festa, no século XIX, em trabalhos publicados por historiadores e estudiosos da cultura popular. Entre outros autores citados na bibliografia, as folcloristas Pereira e Jardim informam que “em 1975 o juiz proibiu sua [dos mascarados] circulação depois das dezoito horas” (op. cit., p. 66).

A pesquisa realizada em 2008 também levantou a legislação municipal que, desde 1992, determinava que os mascarados se recolhessem a partir das 19 horas. Durante a elaboração desta publicação, o Escritório



Técnico do Iphan em Pirenópolis informou sobre a ação judicial que determinou o “emplacamento” dos mascarados – cadastramento e identificação de cada um por meio de números –, ato que teve ampla divulgação e motivou grande reação da sociedade local em 2011, um ano depois do registro e do reconhecimento da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Cultural do Brasil. Para se contrapor à ação civil pública que obrigava a prefeitura municipal a cadastrar os mascarados, a sociedade pirenopolina instituiu a Associação para Preservação dos Mascarados de Pirenópolis e mobilizou o Instituto Cultural Cavalhadas de Pirenópolis, criado em 2004. Por fim, a ação rescisória do cadastramento foi deferida em maio de 2012, cancelando a obrigação municipal de identificar e cadastrar os mascarados.

No entanto, o processo só foi concluído em junho de 2014, por ocasião da Festa do Divino, com a emissão de um comunicado conjunto do juiz de direito da comarca de Pirenópolis, do comandante do 37^a Batalhão da Polícia Militar de Pirenópolis e do representante da Associação para Preservação dos Mascarados de Pirenópolis, senhor Eudes Pina Forzani, que trouxe ao conhecimento do Iphan toda a documentação citada. Nesse comunicado são divulgadas as normas a ser observadas pelos mascarados em relação aos horários permitidos para o uso de máscaras e utilização de montarias e ao bom tratamento dos cavalos, além da proibição de atrasar ou perturbar as cavalhadas, sob as penas da lei.

87. Depoimentos de Lucio Flávio Abranches (Lucinho) e de Edilson Lobo, gravados

pela equipe de documentação audiovisual em 2008.

88. Depoimento de Antônio Zanini Neto à equipe de pesquisa, em 11 de maio de 2008.

89. Depoimento de Lúcio Flávio Abranches (Lucinho), artesão de máscaras, na documentação audiovisual da Festa do Divino gravada em 2008.

90. O caixão foi feito para as gravações do filme *O tronco*, de João Batista de Andrade (1999), e posteriormente doado ao Museu da Família Pompeu. Para obter mais informações sobre o assunto, consultar, entre outros: ALVES, Ana Claudia Lima e. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília, 2004. Dissertação – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília.

91. A erva-de-são-caetano, ou melãozinho (*Momordica charantia*), é uma trepadeira muito comum, encontrada em cercas e terrenos baldios das áreas urbanas, como tantas outras plantas silvestres que se propagam em Pirenópolis.

92. As máscaras de papel são produzidas por artesãos locais não só no período que antecede a Festa do Divino, mas durante todo o ano, uma vez que são comercializadas nas lojas de artesanato da cidade ou mesmo na Piretur, associação de artesãos mantida pela prefeitura. São feitas de papel e grude, colados, camada sobre camada, em um molde de cabeça de cimento, e não de papel machê, como geralmente se divulga. As máscaras de pano, feitas em sacos ou fronhas de tecido, com caveiras pintadas ou com olhos e bocas recortados e rabiscados, são toleradas porque

sempre existiram, constituem um recurso antigo e universal de improvisado para brincar o carnaval ou qualquer outra festa à fantasia. Já as máscaras de borracha vêm sendo combatidas pelos organizadores da festa, por meio de concursos e outras medidas, desde o início da década de 1990. Concursos também são realizados na cavalhadinha.

93. Em registros orais e fotográficos, observa-se que, tradicionalmente, a máscara de onça é a mais usada. A máscara de boi foi transformada nas últimas décadas em um dos ícones da festa do Divino de Pirenópolis, como também em símbolo de identidade da cultura goiana, por causa da representação e da identificação da sociedade local e regional com as atividades ligadas ao meio rural.

94. ALVES, Ana Claudia Lima e. Op. cit., p. 153.



95. Consultar, entre outros: SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Edusp, 1975; POHL, John Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1976.

96. Consultar, entre outros: CAMPOS, Eudes. *Ecossistemas paulistanos da vinda da Família Real para o Brasil*. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*, ano 3, n. 17, mar.-abr.

BANDEIRAS DO REINADO DE
NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS
PRETOS E DE SÃO BENEDITO.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



2008. Disponível em: <www.arquiamigos.org.br/info/info17/i-estudos.htm>. Acesso em: 21 set. 2015; MACEDO, Valéria. Os impérios da festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX. *Sexta-Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo: Pletora, n. 2, abr. 1998; MORAES FILHO, José Alexandre Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1979.

97. Muitos pirenopolinos informaram que, antigamente, cada exército das cavalcadas – mouro e cristão – tinha seus espíões que se dedicavam a obter informações sobre o castelo oponente. Consultar, entre outros: ALVES, Ana Claudia Lima e. Op. cit., p. 132.

98. Segundo Tereza Caroline Lôbo, estudiosa do Reinado, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito – a primeira fundada em meados do século XVII e a segunda, nos primeiros anos do século XIX – permaneceram ativas até as últimas décadas do século XX, organizando e participando do Reinado. (LÔBO, Tereza Caroline. A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis – Goiás. Goiânia,

2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás.)

99. LÔBO, Tereza Caroline. Op. cit.

100. Símbolos do poder associados à representação de cortes de negros, as coroas são usadas somente durante os cortejos pelas ruas, na segunda e na terça-feira. Desse modo, reis e juizes do Reinado manifestam sua autoridade sem que haja, entretanto, um ritual de coroação. Diferentemente da Festa do Divino, na qual a coroa fica entronizada e é alvo de veneração, as coroas do Reinado e do Juizado não ocupam lugar de destaque nem são objeto de visitação de devotos na casa dos festeiros.

101. Vinhos e licores são elementos tradicionais das festas de Reinado, assim como o pastelinho, o queijo-leite e

doces de frutas cristalizadas, responsáveis pelo colorido da mesa. Outros itens foram acrescentados à tradição, como chás, sucos, refrigerantes, cerveja e quitutes, entre os quais broa, pipoca (peta), biscoito, roscas, canudinho, mané-pelado (espécie de bolo da mandioca), bolos e doces em pedaços. Os mais comuns atualmente são os salgadinhos, como empadinha de galinha, quibe, pastel, rissole e pão-pereira, uma tradicional quitanda muito apreciada em Pirenópolis (pãozinho de trigo recheado de carne).

102. No passado, no dia de *Corpus Christi*, os reis e juizes do Reinado costumavam acender cada qual um cruzeiro em sua porta para indicar o local de realização dos festejos do ano seguinte. Um grande cruzeiro também era erguido na porta da Igreja

de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (hoje demolida), em forma de estrela de Davi.

103. Foram juizes Manoel Inácio D'Abadia Aquino de Sá Filho (Ely de Sá) e sua esposa, dona Neusa Yoko Dehira Aquino de Sá.

104. A rainha de 2008, dona Laurita da Veiga, e o rei, Antônio Parrila dos Santos, já assumiram esse cargo do Reinado em anos anteriores, para pagar promessa ou, simplesmente, para não deixar de cumprir a tradição da festa.

105. A missa e os festejos do Reinado de 2008 foram muito concorridos na terça-feira, dia do juizado de São Benedito, não apenas porque não houve ataque de abelhas, mas também porque havia banda de música e notícias sobre fartura de doces, pois o festeiro, juiz Manoel Inácio de Sá, antigo devoto do Reinado e de tradicional família pirenopolina,

era candidato a vereador na época da festa (e acabou por se eleger em outubro daquele ano).

106. Antes da distribuição de doces na porta de sua casa, dona Laurita, visivelmente emocionada, declarou que 31 anos antes havia pedido a Nossa Senhora que “desse vida” a sua irmã: “O médico disse que minha irmã não tinha cura. Se ela escapasse era por milagre. Hoje ela já está ajudando a criar os netos e tem até bisnetos [...] Então, pra mim, é uma sensação muito maravilhosa dizer que Nossa Senhora me deu esse grande milagre” (depoimento gravado pela equipe de pesquisa e documentação no dia do Reinado de Nossa Senhora dos Pretos, 12 de maio de 2008).

107. Depoimento gravado pela equipe de pesquisa e documentação no dia do juizado de São Benedito, 13 de maio de 2008.

AILIRAM, IMPERADORZINHO DE 2008 E
 AUGUSTO, IMPERADORZINHO DE 2009,
 APÓS O SORTEIO NA PRAÇA DA SANTA.
 FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

108. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

109. “Porque foi sempre costume dos meninos de Pirenópolis brincarem de cavalhadinha, depois das cavalhadonas, né, depois da festa maior. No caso aqui da Vila, os meninos tiveram um apoio maior da comunidade” (Itamar Gonçalves, em depoimento à equipe de documentação audiovisual, 2008).

110. A cavalhadinha do centro foi criada em 1997, reunindo crianças e famílias residentes nas ruas do entorno do campo das cavalhadas. (CARVALHO, A. *Pirenópolis: coletânea 1727-2007*. s. l., s. d. p. 165.) Como na cavalhadinha da Vila Matutina, na do centro também se trata de reproduzir os diversos

rituais da Festa do Divino para crianças de até 12 anos.

111. SILVA, F. A. Já faz parte da alma da criança: as Cavalhadinhas de Pirenópolis: reinventando uma tradição. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Folclore*. Goiânia: Kelps/Unesco/CNF-CGF, 2004. p. 321-335.

112. Ailiram Peixoto Alexandrino Gomes Pompeu de Pina foi o imperadorzinho de 2008.

113. A entrega da coroa ao novo imperadorzinho costuma acontecer dez dias após o encerramento dos festejos, sem formalidades.

114. “Muito tiro, muito barulho, muita fartura e muita alegria, assim é a nossa Festa do Espírito Santo”, como Pompeu de Pina a definiu.

115. Preparar a pólvora usada nos tradicionais tiros de toco é um antigo ofício ligado às tradições locais. Em 2008,



a pólvora era produzida por Chico Pedruca e André Abadia de Fontes, respectivamente cavaleiro cristão e cavaleiro mouro das cavalhadas. A prefeitura se encarrega da compra dos ingredientes, que exige autorização especial do Exército. Todo o processo é altamente inflamável e, por isso, a produção da pólvora é realizada em lugar afastado da cidade. Anualmente, são produzidos mais de mil quilogramas de pólvora para ser utilizado na Festa do Divino e em outras festividades do município.

116. Até poucos anos atrás, a orquestra era composta de dois violinos, tocados por dona Ita (já falecida) e pelo senhor Alaor de Siqueira, um casal de músicos e compositores tradicionais de que os moradores da cidade muito se orgulham. O coral era dirigido por Alexandre Luiz

Pompêo de Pina, que também foi maestro da Banda Phoenix.

117. Joaquim Propício de Pina (1867-1943), o mestre Propício, foi imperador do Divino em 1923 e prefeito da então Meya Ponte em 1927. Além disso, dirigiu o Theatro Pyrenopolis e sempre foi muito atuante durante as Festas do Divino. Até 1935, a Banda Phoenix dividia com sua rival, a Banda Euterpe, a participação nos festejos, que era decidida pelo imperador de cada ano.

118. Consultar, entre outros: MENDONÇA, B. *A Música em Goiás*. Goiânia: Editora da UFG, 1981; PINA FILHO, B. W. Antonio da Costa Nascimento (Tonico do Padre): um músico no sertão brasileiro. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia: Cegraf/UFG, 1986.

119. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o santo*

e a senhora. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

120. CASCUDO, Luís da Câmara. 2008. p. 149.

121. Durante décadas, esse auto foi dirigido pelo casal de violinistas Ita e Alaor de Siqueira, grandes incentivadores da cultura local, já mencionados na nota 116.

122. Declaração atribuída a João Guilherme Curado.

123. ALVES, Ana Claudia Lima e. *As artes do Divino de Pirenópolis – Goiás*. Rio de Janeiro: Iphan, 2008. (Catálogo de exposição – Sala do Artista Popular, n. 142).

ESTANDARTE DE CLÁUDIA AZEREDO
COM FLORES DE CREPOM DE
MARIA DUARTE.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Claudia Lima e. *As artes do Divino de Pirenópolis – Goiás*. Rio de Janeiro: Iphan, 2008. (Catálogo de exposição – Sala do Artista Popular, n. 142).

_____. *Minotauros, capetas e outros bichos: a transgressão consentida na festa do Divino de Pirenópolis de 1960 ao tempo presente*. Brasília, 2004. Dissertação – Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Brasília.

AMARAL, R. *Festa à brasileira*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ATELIER D’EXPERTISE DE PROJET DE PIRENÓPOLIS: diagnostique. Disponível em: <www.archi.fr e <http://www2.archi.fr/SIRCHAL/>

atelierdexpertise/diagvp.htm>. Acesso em: 10 jun. 2008.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no Planalto Central*. Brasília: Verano, 2000. Cópia digital (pdf), 2005. Disponível em: <www.paulobertran.com.br>. Acesso em: 31 mar. 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

CAMPOS, Eudes. Ecos paulistanos da vinda da Família Real para o Brasil. *Informativo Arquivo Histórico Municipal*, ano 3, n. 17, mar.-abr. 2008. Disponível em: <www.arquiamicos.org.br/info/info17/i-estudos.htm>. Acesso em: 21 set. 2015.

COMIDAS TÍPICAS DA FESTA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



CARVALHO, A. *Pirenópolis: coletânea 1727-2007*. s. l., s. d. Edição do autor.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

____. *Mouros, franceses e judeus*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William John Burchell*. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Moreira Salles, 1981.

GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Patrimônio, memória e etnicidade: reinvenções da cultura açoriana. In: _____. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: MinC/Iphan, 2007.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS

CULTURAIS: manual de aplicação. Apresentação de Célia Maria Corsino. Introdução de Antônio Augusto Arantes Neto. Brasília: Iphan, 2000.

JAYME, J. *Esboço histórico de Pirenópolis*. s. l., 1971. Edição do autor.

LÔBO, Tereza Caroline. *A singularidade de um lugar festivo: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito em Pirenópolis – Goiás*. Goiânia, 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás.

MACEDO, Valéria. Os impérios da festa: a festa do Divino no Rio de Janeiro do XIX. *Sexta-Feira: Antropologia, Artes e Humanidades*, São Paulo: Pletora, n. 2, abr. 1998.

MAIA, C. E. S. A tradição cavalheiresca em Pirenópolis.

In: CHAUL, N. F.; RIBEIRO, P. R. (Orgs.). *Goiás: identidade, paisagem e tradição*. Goiânia: Ed. UCG, 2001.

MARQUES, R. *A coroa do Divino Espírito Santo*, 2005. Disponível em: <www.portaldodivino.com.br/artigos> e <<http://www.portaldodivino.com/Artigos/artigo7.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2008.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MENDONÇA, B. *A música em Goiás*. Goiânia: Ed. UFG, 1981.

MEYER, M. *De Carlos Magno e outras histórias: cristãos e mouros no Brasil*. Natal: Ed. UFRN/CCHLA, 1995.

_____. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2001.

MORAES FILHO, José Alexandre Mello. *Festas e tradições populares do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1979.

PALACÍN, Luís; MORAES, M. A. S. *História de Goiás*. Goiânia: Ed. UCG, 1994.

PEREIRA, N. *Cavalcadas no Brasil: de cortejo a cavalo a lutas de mouros e cristãos*. São Paulo: Escola do Folclore, 1983.

PINA FILHO, B. W. Antonio da Costa Nascimento (Tonico do Padre): um músico no sertão brasileiro. *Revista Goiana de Artes*, Goiânia: Cegraf/UFG, 1986.

POHL, John Emanuel. *Viagem ao interior do Brasil*. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1976.

Projeto para Elaboração de Normas para Preservação para

o Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Pirenópolis/GO. Restarq Arquitetura, Restauração e Arte Ltda./Unesco/Programa Monumenta, 2007. (Cópia digital, Arquivo Iphan/ETEC-Pirenópolis).

RIBAS, O; MELLO, S. *Espaços de beira-rio: articulação entre os enfoques ambiental e urbanístico: estudo de caso: Pirenópolis*. FAU-UnB, 2005. (Cópia digital).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à província de Goiás*. São Paulo: Edusp, 1975.

SANTOS, F. A arquitetura dos impérios do Divino Espírito Santo no Brasil meridional: herança cultural açoriana. Portal do Governo dos Açores. Disponível em: <www.azores.gov.pt e http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-ssrpre-drcomunidades/textoImagem/

arquitectura+dos+Imp%C3%A9rios. htm >. Acesso em: 31 mar. 2009.

SILVA, F. A. Já faz parte da alma da criança: as cavalhadinhas de Pirenópolis: reinventando uma tradição. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Folclore*. Goiânia: Kelps/Unesco/CNF-CGF, 2004. p. 321-335.

SILVA, M. M. *A Festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis*. Goiânia: Agepel, 2001.

TORRES, J. *Fastos açorianos. O Panorama: semanário de literatura e instrução*, Lisboa, 1856.

VEIGA, F. B. *A Festa do Divino Espírito Santo*, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Niterói, 2002. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense.

ANEXO 1 PESSOAS ENTREVISTADAS DURANTE A PESQUISA

(POR ORDEM ALFABÉTICA)

- Adail Luiz Cardoso – rei cristão das cavalhadas
- Adão Rosa Pires – imperador em 2008
- Alaor Siqueira – integrante do coral Nossa Senhora do Rosário/Pastorinhas
- Alexandre Pompêo de Pina – maestro da Banda Phoenix
- André Abadias de Fontes – preparador de pólvora
- Antônio Roberto Machado (Toninho da Babilônia) – rei mouro das cavalhadas
- Benedita D’Abadia Lopes Siqueira (dona Ita) – integrante do coral Nossa Senhora do Rosário/Pastorinhas
- Célio Antônio Pompeu de Pina (Bala) – participante da cavalhadinha/Banda do Reinado
- Cirilo Rodrigues Vidal (Chico Pedruca) – cavaleiro cristão das cavalhadas/preparador de pólvora/coroa do Divino
- Divina Marques Ferreira – participante da cavalhadinha/pouso de folia
- Eduardo Tadeu do Nascimento (Dudu) – participante da novena e das missas do Divino/sorteio do novo imperador/cavalhadinha
- Esmeralda Arlinda Ferreira da Costa – preparadora de máscaras e flores de papel
- Geraldo Herculano Oliveira – organizador do Reinado e do juizado
- Gleidys Morgana Gonçalves Jaime – participante do Reinado da cavalhadinha
- Gleyci Patrícia Rosa Pires – participante do Império como cuidador do andor e dos altares
- Inácio Rosicler de Pina – embaixador mouro das cavalhadas
- Itamar Gonçalves de Bastos – funcionário da Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal/camarotes/cavalhadas/cavalhadinha/congada
- João Luiz Pompeu de Pina – participante das cavalhadas/cavalhadinha/preparador de máscaras
- Joel Alves de Oliveira (padre Joel) – participante da novena e das missas na matriz/sorteio do imperador
- José Divino Pereira (seu Zuca) – músico das folias/terço dos cavaleiros
- José Inácio Nascimento (Zé Inácio Santeiro) – artista plástico/Exposição Artes do Divino

MASCARADINHO NO CAMPINHO
DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.

- José Maria de Oliveira – cruzeiro do Reinado
- Laurita Vitoriano da Veiga – participante do Reinado/ rainha de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos
- Lúcio Flávio Abrantes (Lucinho) – preparador de máscaras/Exposição Artes do Divino
- Luís Carlos Basílio de Oliveira (Natureza) – funcionário da prefeitura municipal/ locutor das cavalhadas
- Luiz Pereira da Silva – participante da Folia do Padre/Império do Divino
- Lunildes Oliveira Abreu – artista/Exposição Artes do Divino
- Manoel Inácio D'Abadia Aquino de Sá Filho (Eli de Sá) – participante do juizado de São Benedito (Reinado)/Império

- Maria Adélia Alves de Siqueira – participante da cavalhadinha
- Maria Delma de Melo – preparadora de máscaras, arte de prata/Exposição Artes do Divino
- Maria José Rosa Pires – participante do Império
- Marta Eniza de Oliveira Lôbo – artista/Exposição Artes do Divino
- Natália de Siqueira – participante do auto As pastorinhas/Operetas
- Oscar Vasconcelos de Souza Filho (padre Oscar) – participante da novena e das missas na matriz/ sorteio do novo imperador
- Pompeu Cristóvão de Pina – participante das Alvoradas/ Pastorinhas/Banda Phoenix/ cavalhadas/congo/congada/ contradança/irmandade do Santíssimo Sacramento/novena/ Reinado/terço dos cavaleiros



- Rafael Samuel Nominato – participante da bênção da bandeira do Divino/mordomo da bandeira do Divino
- Rogério Abreu Figueiredo – prefeito municipal/participante das farofadas/folias/cavalhadas
- Ronaldo Rodrigues da Cunha – integrante do campo das cavalhadas
- Roque Alves de Fontes – alferes da Folia da Roça

CORTEJO DO REIS E RAINHAS.
FOTO: CRISTOPHE SCIANNI, 2008.

- Sebastião da Veiga (Tião Russo) – funcionário da prefeitura municipal/camarotes/levantamento do mastro
- Sebastião Profeta do Amaral (Sebastião de Chica) – integrante da irmandade de Nossa Senhora do Rosário/Irmandade de São Benedito/Reinado/Tapuia
- Selma D’Abadia de Oliveira – participante da Novena/sorteio do imperador
- Sérgio Pompeu de Pina (seu Cafu) – integrante da Banda Phoenix
- Suelene Aquino Afonso Gonçalves – participante da cavalhadinha
- Telma Lopes Machado – participante das cavalhadas/mascarados/culinária da festa

- Terezinha de Arruda Camargo (dona Terezinha de Salvador) – preparadora de verônicas/folias/cozinha da casa do imperador/cruzeiro de tronco de bananeira/vestimentas de mascarados
- Uirá Ayer – participante das folias/Camarotes
- Valdo Lúcio Cardozo – integrante do coral Nossa Senhora do Rosário/Repique de sinos/Império

- Vanderlei da Costa (Delei) – armeiro/cavalhadas
- Vicente Sebastião de Pina (Vicente Melani) – integrante da Banda de Couro
- Victor Bruno Gomes de Araujo (Vitão ou Vitinho) – participante do Império/cavalhadas/Reinado/cavalhadinha
- Wilno Luiz Pompeu de Pina – ex-imperador



ANEXO 2 PARECER DO RELATOR

Processo:

01450.000715/2010-15

Assunto:

Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – Goiás

1. RELATÓRIO

O presente pedido de registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, GO, como patrimônio cultural brasileiro foi encaminhado pelos Imperadores do Divino de 1970-2009 (série quase completa), pelo Instituto Cultural “Cavalcadas de Pirenópolis”, pelo Prefeito Municipal e pela Irmandade do Santíssimo Sacramento, com apoio da AGEPEL – Agência Goiana de Cultura “Pedro Ludovico” e da Câmara Municipal de Pirenópolis. A instrução técnica, iniciada em 2007, comportou a execução de uma pesquisa de campo (2008) e bibliográfica, sob responsabilidade de Restarq – Arquitetura, Restauração e Arte Ltda., coordenada pela antropóloga Marina A. M. de Macedo Soares e que resultou num *Dossiê Descritivo* de 125 páginas, com texto competente, boa ilustração e bibliografia adequada. A documentação audiovisual foi realizada por Set Filmagens.

O material que instruiu o processo (relatórios do INRC, DVDs de fotos digitalizadas, programas das festas entre 1991-2007, cartazes, vídeos, autorizações do uso de imagem, um livro sobre a Festa, um catálogo de exposição com texto de síntese e duas dissertações de Mestrado)

encontra-se listado às fls. 157/158. A instrução incluiu audiência da comunidade. A 14ª SR/IPHAN esteve sempre presente, assim como a supervisão do DPI/IPHAN (com o acompanhamento da Câmara do Patrimônio Material).

O bem elaborado Parecer Técnico de Ana Cláudia Lima e Alves, de 27.10.2009 (fls. 154 a 172) conclui pela procedência do pedido. Parecer do Procurador Chefe da PF/IPHAN, Antônio Fernando Leal Neri (fls. 178 a 194), datado de 12.03.2010, reconhece a legalidade do pedido e a observância de todas as normas processuais pertinentes.

Está assim o processo em condições de ser submetido ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, para decisão.

É o que cumpria relatar.

2. ANÁLISE DE MÉRITO DO PEDIDO DE REGISTRO

A) FESTAS: RELEVÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL

Faz pouco mais de duas décadas, apenas, que o tema das festas passou a despertar a atenção como objeto cultural de pesquisa histórica ou sociológica. A meu ver, duas razões explicam essa marginalização. Antes de mais nada, contavam os compromissos

assumidos pelos pesquisadores com macroquestões, como produção, organização do trabalho, estruturas e relações sociais, que pareciam carecer de vinculação com um tema à primeira vista incapaz de motivar ultrapassagem do nível das abordagens folclóricas. Contudo, as sucessivas contribuições da antropologia à história e à sociologia mudaram tal panorama e demonstraram que a festa é um lugar estratégico para o conhecimento de toda uma sociedade. Por outro lado, os cientistas sociais, vivendo em sociedades cada vez mais fragmentadas e conflituosas, olhavam com desconfiança para o que parecia essencialmente um instrumento de integração e coesão social. A percepção de que, na festa, integração e coesão não significam forçosamente superação dos conflitos e segmentações, abriu novos horizontes.

Estas considerações não são gratuitas, pois explicam por que, depois do Modernismo, as políticas culturais não trataram o fenômeno como dotado de potencial merecedor de interesse – potencial que, no entanto, logo a indústria do turismo percebeu e explorou, ao constatar sua crescente vitalidade.

O historiador francês Michel Vovelle, quando fala da

“festa redescoberta”, trata-a como “maravilhoso campo de observação” de atitudes e comportamentos coletivos, reflexos inconscientes das sensibilidades e expressões do imaginário, das ideologias e identidades.

“Com efeito, as festas são eventos especiais criados por toda uma comunidade de forma simbólica e ativa, para exibir a vida essencial dessa comunidade – de um só golpe destilação e tipificação de sua existência coletiva”. Estas são as expressões da antropóloga Edith Turner (*Feasts and Festivals*, in: David Levinson & Melvin Ember, eds., *Encyclopedia of Cultural Anthropology*. New York, Holt, 1996, v.2: p. 484); ela vai além com uma metáfora sugestiva, ao identificar na festa um ato primordial de reflexividade, pelo qual a sociedade projeta para fora um braço por assim dizer dotado de um olho e se contempla a si própria.

B) A FESTA DO DIVINO/A FESTA DE PIRENÓPOLIS

Os especialistas acreditam que celebrações em honra do Divino Espírito Santo sejam de remota origem medieval. Em Portugal, teriam surgido no século XIII, instituídas por Dona Isabel, mulher de D. Diniz,

em pagamento de promessa atendida. É plausível que elas tenham chegado a nossas terras nos primórdios da colonização, embora a atestação mais antiga se encontre na Bahia, 1765, pela intermediação de açorianos. A difusão do culto ao Espírito Santo e respectiva festa pelo território colonial foi muito rápida e extensa e, além disso, com notável manutenção de elementos comuns e muita repercussão. No Rio de Janeiro, até meados do século XIX, nenhuma festa a superava em importância e brilho. Presença significativa ela também teve (e ainda em muitos casos continua a ter) em São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais, Pará, Amapá, Rondônia, Piauí, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso e Goiás – tendo chegado ao Centro-Oeste quando já se espalhara por todo o país.

Cumprir notar que tal presença e seu peso vêm suscitando uma leva de bons trabalhos de documentação e pesquisa (focados na festa ou indiretamente iluminando aspectos centrais), merecendo citação, entre outros, os nomes de Rita Amaral, Léa Freitas Perez, Carlos Rodrigues Brandão, Martha Abreu, Beatriz Ricardina de Magalhães, Ana Cláudia

Lima e Alves, Maria Cristina
Bohn Martins, Maria Isaura
Pereira de Queiroz, Roberto
da Matta, Mary Del Priore.

Pirenópolis se localiza numa das três zonas povoadas durante o século XVIII, que tiveram seu período áureo na segunda metade desse mesmo século) graças ao garimpo de aluvião. Fundada como Arraial de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte em 7 de outubro de 1727, teve seu nome mudado para o atual em 1890. Hoje, cidade com cerca de 20.000 habitantes, conta com um perímetro urbano já configurado em 1750 e tombado pelo IPHAN em 1990, como conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico. Conta, ainda, com áreas naturais protegidas. Da exploração de quartzito a cidade retira 60% de sua renda; do restante, uma boa parte se deve à movimentação econômica de toda ordem produzida pelo renome e interesse despertado pela celebração do Divino Espírito Santo. Movimentação que, a rigor, se processa ao longo do ano inteiro, embora seus momentos de condensação se situem no Domingo de Pentecostes (prolongando-se nos dois dias imediatamente seguintes) e no período anterior, dos 50 dias depois da Páscoa.

É possível que a Festa do Divino tenha sido adotada no arraial de Meia Ponte desde seus primórdios, mas o primeiro registro disponível data de 1819.

A pesquisa coordenada por Marina A. M. de Macedo Soares produziu uma descrição bastante minuciosa das celebrações, identificando as diversas unidades, os agentes e suas ações, os espaços e temporalidades, os cenários e a cultura material, os recursos, comportamentos, transformações, etc. Para fins de minha análise e para caracterizar a festa nos seus componentes essenciais, ao invés de seguir passo a passo seu desenvolvimento por unidades, preferi reproduzir a síntese que consta do *Dossiê Descritivo* (fls. 30 e 31):

“A festa é composta por um grande número de eventos e celebrações. As folias da Roça, da Rua e do Padre, que ‘giram’ os bairros da cidade e a zona rural do município, recolhendo donativos para a festa. As celebrações do Império, com os cortejos do Imperador, jantares, novena, missas cantadas, alvoradas, levantamento do mastro e queima de fogos. As Cavalhadas, encenação de batalhas medievais entre mouros e cristãos. Os mascarados

que, a pé ou a cavalo, circulam irreverentes pelas ruas e no Campo das Cavalhadas. A encenação de dramas e operetas e do auto ‘As Pastorinhas’, além de ranchões, bailões sertanejos e outras formas de expressão associadas à festa. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito (deslocados de suas datas originais, outubro e abril respectivamente), antigas festas de pretos, com seus congos e congadas e suas tradicionais distribuições de doces. A Cavalhadinha complementa a festa: realizada essencialmente por crianças, é a reprodução-mirim dos festejos...”

À primeira vista, a complexidade da festa parece expressar mera multiplicação e superposição de elementos, sem que se possa distinguir claramente algum eixo de ordenação. Valeria a pena, portanto, situar tais componentes em relação a categorias que se costuma apontar como definidoras da festa tratada na sua dimensão de fenômeno sociocultural.

Antes de mais nada duas categorias simbioticamente presentes são seminais aqui: o jogo e o rito.

Começamos pelo jogo. A conceituação de Johan Huizinga continua luminosa:

“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da ‘vida cotidiana’.” (*Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva, 1996: p. 33). O jogo, portanto, institui “um outro caminho” – do latim “di-vertō”, participio passado “diversus”, é o que quer dizer o termo “diversão”: significa mudança de direção, busca de um atalho *diverso* da estrada rotineira. Isto abre espaço para as brincadeiras, para as competições, mas também para as transgressões e os excessos. O objetivo intrínseco do jogo é o próprio jogo: as folias do Divino, por exemplo, se destinam a coletar recursos para a própria festa, mas se realizam como parte dela mesma – e em meio a situações prazerosas. Comida e bebida comparecem com abundância nos jantares, almoços, farofadas, mesas de doces, bebidas, em vários momentos – há quem fale em desperdício, mas na verdade se trata de contraponto

à frugalidade do cotidiano. Contraponto patrocinado por recursos comunitários ou, quando bancado pelo Imperador, pela troca de patrimônio por prestígio. Ou então, como uma responsabilidade coletiva em relação às centenas de pessoas que por 30 ou 40 dias precisam renunciar às atividades com que normalmente se sustentam. Tirando as brincadeiras e deboches dos mascarados, que se metamorfoseiam em onças, bois, capetas, caveiras ou monstros, as regras sempre se fazem valer nas demais circunstâncias e são sempre respeitadas, pois decorrem de consenso entre os interessados, e não de uma autoridade externa. Não se pode deixar de observar que os mecanismos de inversão (de papéis, comportamentos), tão presentes em certas festas populares como o carnaval, não deixaram traços relevantes no núcleo mais remoto da festa do Divino (em torno do Imperador), autorizando a suposição de uma origem clerical e dinástica.

Para que a flexibilidade do jogo não provoque dispersão e garanta permanência, o *rito* fornece os elementos formais de controle e as prescrições dos modos de fazer. As cavalhadas,

por exemplo, requerem disciplina corporal e ensaios extenuantes, porque os combates a cavalo obedecem a coreografias precisas e minuciosas. As folias, ao se aproximarem dos pousos, precisam evoluir em “S” e têm que chegar atravessando o arco de entrada, todo decorado; o petitório, a seguir, deve cumprir uma etiqueta bem definida.

As coroações, o levantamento do mastro, os diversos cortejos, as esmoladas, as missas cantadas, etc., também vão nesse rumo. O rito, principalmente na festa barroca como a nossa, assegura a visibilidade que o torna eficaz: ele estabelece, assim, uma mediação estética, que exige uma pletora de objetos e atributos funcionais ou simbólicos para singularizar a festa e suas unidades e contingências: cores, vestes e adereços, insígnias e brasões, bandeiras (a do Divino, com a pombinha branca, é a mais vistosa), as coroas, o cetro, armaduras, capas bordadas, elmos, arreios das montarias, flores de papel, as asas dos anjos das procissões, o palanque, o “quadrado”, o andor e por aí vai. Foguetórios, músicas (inclusive o Hino do Divino, composto em 1899) e o repicar de sinos e sons de todo tipo juntam-se

ao cheiro dos alimentos e da pólvora, para alimentar uma memória sinestésica. O papel das corporações musicais e, principalmente, da Banda Phoenix (a mais antiga delas, criada em 1893) é vital. A cidade inteira (e muitos espaços rurais) também se torna mais visível, com adornos nas ruas, praças e nas fachadas, assim como no interior das casas dos principais atores e nas igrejas. A relevância do rito obriga a conhecer os códigos que se espalham por toda parte: se as folias encontrarem no arco decorado dos pousos uma xícara, devem saber que não poderão prosseguir antes de localizar o presente que ela indica. (A xícara, aliás, é depois utilizada no ritual da “dança do chá”.) O rito é importante mesmo quando os significados originais se perderam: as cavalhadas seguem o roteiro previsto, ainda que se tenham transformado numa exibição de destreza e virilidade, e não mais legitimação da “imposição da fé pela espada” (fórmula, aliás, mencionada pelos cavaleiros); o que importa agora, porém, é a heroificação dos combates entre cristãos e mouros, ainda que culminem com a conversão compulsória destes últimos. Outro caso sintomático da tendência ritual

conservadora: há rezas em latim, nas novenas, que permitem supor uma reificação do rito, reduzido essencialmente à forma sonora, cujos significados podem ser dispensados por escaparem talvez à totalidade dos orantes.

A necessidade de conhecer (e respeitar) os ritos tem a ver com uma outra categoria que define a festa: a *agregação*, o estar junto, que faz dela um potenciador de energias coletivas, em “estado de efervescência” (como dizia Durkheim), canalizando-as para ações coletivas. Ações em que o protagonismo não é mais da Igreja, nem do poder civil, nem de outras esferas de poder, mas do povo comum sem distinções – embora as tensões políticas, religiosas, econômicas e outras possam atuar nos bastidores. O estar junto não elimina as diferenças, mas não impede o agir junto. Já se propôs (Carlos R. Brandão) uma dicotomia, em que o Reinado de Nossa Senhora do Rosário (na origem, “festa dos pretos”) constituiria a celebração dos escravos e, a seguir, de brancos pobres, opondo-se à festa dos ricos, da “corte imperial”. Todavia, a homogeneização hoje é completa. As diversas funções e encargos estão subordinados a

rígidas hierarquias (as diversas categorias de mordomo, mordomo da novena, das velas, da bandeira, do mastro, da fogueira; nas folias, os alferes, embaixadores, regentes, procuradores, salveiros) – mas sem conotação de classe ou patrimônio. A própria disponibilidade de recursos, de que o Imperador é responsável, não constitui obstáculo para aqueles de condição mais modesta. As diferenciações principais, porém (sobretudo nas candidaturas), são determinadas pelas relações das famílias nos seus compromissos tradicionais com a festa. Por outro lado, há outros conflitos manifestos.

Os mais importantes no presente são entre festeiros e a Igreja, motivando, por exemplo, o aparecimento da Folia do Padre, que arrecada recursos que não passam pela contabilidade do Imperador; além disso, a Igreja gostaria de ter meios de coibir “excessos” e “grosserias” nas celebrações e, mais ainda, a oportunidade de interferir na escolha (por sorteio) do Imperador do Divino, exigindo que seja sempre “católico de vida exemplar”. Também se tem manifestado conflitos de gênero: numa celebração por excelência masculina, as mulheres vêm

procurando infiltrar-se (p. ex., entre os mascarados, desde 1970, e em outros eventos, como em 2008, até no terço dos cavaleiros! – não sem provocar contrariedade e escândalo nos homens).

A festa é, também, uma plataforma do *imaginário* e na do Divino as oportunidades são múltiplas, a começar pela construção de uma ordem social imaginária, que dispensa a presença da Igreja e da autoridade civil, e reitera os arquétipos monárquicos de nossa formação social, com o Imperador do Divino e sua corte, ou com os componentes do Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito. O imaginário se realiza, também, nos “dramas” e operetas, nos autos (Pastorinhas), representados desde 1837.

A festa é ainda vetor de *comunicações materiais e simbólicas*. Por intermédio dela se reforçam laços de vizinhança, de parentesco ou compadrio, e se estabelecem redes de redistribuição de recursos, de apoio mútuo e solidariedade. A hospitalidade se erige como obrigação, virtude e prazer. Não se pode esquecer de incluir nas comunicações os objetivos de enculturação das novas

gerações com as cavalhadinhas, o imperadorzinho, os mascaradinhos etc., festa-mirim incorporada em 1989. Da mesma forma deve ser considerada a participação de crianças e adolescentes, como em certos cortejos, manifestações teatrais ou musicais.

Finalmente, a festa é também um *espaço de misturas*, hibridações – e mediações. Antes de mais nada, de sagrado e de profano. Nada de estranho, pois o sagrado é a marca absoluta da alteridade na quebra do cotidiano, da rotina – quebra que também distingue a festa. Orações, benditos, louvados, terços, novenas e missas cantadas se combinam com rituais de “petitório” ou as alvoradas e catiras, forrós, ranchões, bailões sertanejos, jogos de argolinha... A coroa do Imperador fica exposta à visitação – no altar montado na casa do Imperador. Privado e público não são mais categorias excludentes. A casa do Imperador, as casas urbanas e as de fazendas e chácaras visitadas no “giro” das folias, assim como as igrejas, as ruas, as praças, se transfiguram em espaços de festa. A exceção é o único espaço especializado: o campo da cavalhada que, por ter suas arquibancadas e camarotes muito acima da arena, transforma

os participantes em espectadores. De notar, igualmente, a transformação ou incorporação de componentes ao longo do tempo: as cavalhadas foram revitalizadas a partir de 1960; as folias da roça têm 140 anos, as folias de rua, 50 e as folias do padre são recentes. O Reinado (ou “Festa dos Pretos”) desenvolvido por irmandades de negros, escravos e forros, se incorporou há mais de um século e hoje desenvolveu trânsito livre entre personagens do Divino e os seus. Em suma, a festa é um poderoso mecanismo de interação, diálogo, comunicação, em que as singularidades se mantêm em fecunda e permanente interlocução.

C) PREMISSAS/MÉRITO

A Festa do Divino em Pirenópolis é parte de um amplo sistema de celebrações populares que tem merecido atenção especial da Câmara do Patrimônio Imaterial – inclusive pelo número de propostas de registro recebidas – e motivado ações de documentação e estudo. Mais precisamente, a Festa de Pirenópolis é modalidade de uma celebração que, como se viu, ocorre há muito tempo em amplas áreas do território

nacional. Por isso mesmo, estão em debate na Câmara – além, é claro, dos requisitos exigidos pela Resolução 001/2006 – critérios de amostragem ou representação, de prioridades e de hierarquias, etc., para selecionar candidatos ao registro.

No entanto, independentemente de eventuais extensões ou inclusões futuras, a proposta de Pirenópolis, pela sua consistência, amplitude e irradiação, pode ser examinada à parte. Aliás, até o presente, uma única celebração foi registrada como patrimônio cultural brasileiro, o Círio de Nazaré, em Belém, em 2004, que também se fazia notar pela manifesta relevância, dispensando o apoio de um quadro de referência que permitisse situá-lo dentro de escalas de interesse.

Com efeito, as informações e análises acima expostas permitem fundamentar essa proposta. Podemos resumir tais fundamentos em apenas quatro tópicos:

i) Para o art. 216 da Constituição Federal de 1988 um bem integra o patrimônio cultural brasileiro – sem necessidade, para tanto, aliás, da homologação pelo poder público – quando representa referência de memória, ação e identidade coletivas. A mobilização de uma cidade inteira (incluindo sua área rural e comunidades

vizinhas), com líderes civis e religiosos, associações e entidades de todo tipo, a população em geral e em particular os responsáveis pela festa, seus patrocinadores e colaboradores, etc. – tal mobilização é de altíssima escala. Embora haja alguns bolsões de espetacularização, os participantes externos não são meros espectadores, mas sujeitos ativos e afetivamente envolvidos. Apesar dos momentos de maior e menor intensidade, a mobilização é permanente, pois a preparação da festa seguinte começa apenas se encerra a edição do ano. Os 64 dias que vão da Páscoa a Pentecostes (incluindo a 2ª e 3ª-feiras imediatas), estendendo-se até *Corpus Christi*, são inteiramente dominados pelo Divino (ensaios, organização, rituais específicos).

ii) A Festa do Divino em Pirenópolis constitui um verdadeiro sistema complexo, que articula elementos religiosos e profanos, cria ou recicla sentidos, valores, expectativas, aspirações e os faz circular intensamente. Intervém na produção, na organização do trabalho, na economia, no imaginário e assim por diante. Intervém profundamente nas relações intersubjetivas (encargos, hierarquias, vizinhança, família, etc.). Cria ou reforça redes

de ações e trocas de serviço. “Pode-se dizer que é sobre estas trocas simbólicas de modos de participação que se constitui, na prática, a Festa do Divino. Ela instaura uma transformação não apenas na vida da sociedade local, como também na vida pessoal dos participantes, como de resto acontece com todas as festas, mas especialmente com as festas devocionais (Rita Amaral, *Festa à brasileira*. São Paulo, Departamento de Antropologia/USP, 1998: p. 203/tese de doutorado).

iii) A Festa conta com antiguidade respeitável – quase 200 anos e talvez mais –, o que significa consistência que passou pelo teste do tempo, isto é, demonstra solidez capaz de assegurar identidade na mudança. Há razão para crer que a Festa existe desde os primeiros tempos do arraial primitivo (1727). De notar a preocupação dos festeiros com manter registros, como a Lista dos Imperadores do Divino e outros documentos, a começar pelos programas anuais e cartazes. A “consciência da tradição” é uma referência frequentemente lembrada. Enfim, não se pode esquecer que as “cavalladinhas” são uma forma de garantir a reprodução das celebrações no futuro.

iv) Há uma forte e evidente singularidade local que dá a personalidade própria à Festa do

Divino de Pirenópolis e fomenta as demandas de identidade e pertencimento e justifica, por acréscimo, sua irradiação regional. Mais que isso, a ressonância da festa diz respeito a uma multiplicidade de interesses que se estende muito além dos horizontes regionais e atrai a atenção dos múltiplos segmentos que compõem nossa sociedade. Onde o foco de tal atração? Sem dúvida, contam, e muito, as ofertas de beleza, assim como as ofertas lúdicas e gastronômicas. Acredito, porém, que essa raiz deva ser mais profunda e se localize na oportunidade rara de uma experiência de vida representada pelo agir junto e pela “efervescência da ação”. Em outras palavras, trata-se da oportunidade de viver, numa sociedade complexa e desarticulada como a nossa, uma experiência de totalização da vida social: uma cidade inteira – seus habitantes, seu espaço físico, sua energia e capacidade de ação – tudo convergentemente mobilizado numa celebração multiforme.

D) OBJETO DO REGISTRO

Dada a complexidade da Festa do Divino de Pirenópolis impõe-se explicitar os componentes do objeto cujo registro está sendo proposto. Tomando como ponto de partida as propostas do *Dossiê Descritivo* e

do Parecer de Ana Cláudia Lima e Alves (fls.166-167), componho a seguinte lista de atributos:

- i) As folias da roça e as da rua, rituais “petitórios” que percorrem com a bandeira do Divino, a pé e a cavalo, o território urbano e rural;
- ii) As cerimônias do Império do Divino, com os rituais da coroa, alvoradas, cortejos do Imperador, novenas, terços, jantares, cafés, missas cantadas, levantamento do mastro, queima de fogos, jogos, distribuição de “verônicas” e doces, sorteios e coroação do novo Imperador;
- iii) As cerimônias das cavalhadas;
- iv) As estripulias dos mascarados que circulam em bandos, a pé ou a cavalo pela cidade e no Campo das Cavalhadas;
- v) As manifestações musicais, o Hino do Divino, a Banda de Música Phoenix, o Coral de Nossa Senhora do Rosário, as Bandas de Couro ou Zabumba, e a Banda do Reinado;
- vi) As celebrações das antigas “festas de pretos”, incorporadas como Reinado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito;
- vii) A encenação de dramas e operetas, do auto natalino das Pastorinhas, assim como os ranchões, os bailões e similares;
- viii) As “cavalhadinhas” (“imperadorzinhos”, “mascaradinhos”).

E) SALVAGUARDAS

A curto prazo, a Festa do Divino em Pirenópolis está com sua cadeia de transmissão garantida e não corre riscos de extinção, como afirmam o *Dossiê Descritivo* (fls. 115-120) e o Parecer Técnico de Ana Cláudia Lima e Alves, que retomo aqui no essencial, com algumas alterações. De passagem, cumpre lembrar que as autoridades municipais têm desenvolvido políticas públicas de preservação do núcleo tombado, comportando investimentos na restauração de edifícios históricos e na preservação do meio ambiente. No entanto, durante a pesquisa foram observados alguns conflitos pontuais, quase sempre constitutivos da festa, mas cujas soluções são continuamente negociadas no âmbito da própria festa. Infelizmente, tais conflitos me parecem sintomas de riscos maiores, a longo prazo. Entre estes foram apontados no *Dossiê* e no mencionado Parecer Técnico, as tentativas de manipulação do sorteio do Imperador, por parte da Igreja, que desejaria preservar a dimensão religiosa do evento; a escala de massa que vem adquirindo a Folia da Roça, com impactos negativos sobre a estrutura física dos pousos e sobre a expressão cultural e a devoção religiosa;

as crescentes dificuldades de acesso dos mascarados e dos cavaleiros ao público das cavalhadas, causadas pelo projeto do novo campo, popularmente denominado *cavalcadrome*; a *espetacularização* das cavalhadas e o impacto negativo da utilização da Festa como atrativo turístico de massa.

Se reconhecida a Festa do Divino Espírito Santo como um patrimônio cultural brasileiro, por meio do seu registro no Livro das Celebrações, as medidas de salvaguarda, de curto, médio e longo prazos seriam as seguintes:

- fomentar nas iniciativas públicas e empresariais de Pirenópolis o compromisso permanente como respeito à cultura local e com a garantia dos espaços de expressão da Festa do Divino;
- realizar a documentação dos repertórios musicais das Folias – benditos, cantorias, repentes e catiras; dos rituais religiosos do Império, especialmente da Orquestra e do Coral de Nossa Senhora do Rosário e da Banda Phoenix;
- estudar e documentar os ofícios e modos de fazer aplicados na preparação de personagens e atividades da festa, considerando a história de envolvimento familiar que dá forma à produção destes saberes: fundição de armas e acessórios para cavalos e cavaleiros;

preparação da pólvora e dos tiros de toco; levantamento do mastro do Divino; confecção de flores, máscaras, bordados, bandeiras e adereços, entre outras habilidades e expressões;

- estudar e descrever a história das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e de São Benedito de Pirenópolis, que remontam ao período da mineração e há muito tempo desapareceram;

- estudar e descrever a história da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, demolida na década de 1940 e cujo local é hoje considerado “Território Afro-Brasileiro” pela Fundação Cultural Palmares;

- estudar a história da Banda de Couro, a Zabumba, a primeira banda da cidade, e recuperar alguns toques de percussão que não são mais executados;

- publicar glossário da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, com base na descrição dos Bens Culturais no INRC, para ser distribuído às escolas, bibliotecas e centros de atendimento ao turista;

- realizar exposições das fotografias e exibir os vídeos produzidos para a instrução do processo de Registro, como forma de devolução, à população, do conhecimento produzido durante a pesquisa;

- criar mecanismos de consulta à população, para que esta se manifeste a respeito dos modos de proteção e manutenção da festa que considerem adequados, orientando e fortalecendo a construção de políticas de proteção e medidas de salvaguarda;

- regular as atividades turísticas no município de modo a promover o turismo cultural e o respeito à natureza e significados da festa;

- implantar uma Escola Superior ou Conservatório de Música, para fortalecer a vocação musical da cidade e apoiar os talentos locais;

- lutar, junto às autoridades competentes e à sociedade local, pela implantação de políticas públicas de infraestrutura, saúde e educação.

3. CONCLUSÃO

Por todo o exposto, convictamente sou de parecer que deva ser aceito o pedido de registro da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, GO, no Livro das Celebrações, como patrimônio cultural brasileiro.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 2010
Ulpiano T. Bezerra de Menezes
Conselheiro

ANEXO 3

CERTIDÃO DE REGISTRO

Serviço Público Federal
Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio
Histórico e Artístico
Nacional – IPHAN

CERTIFICO que do Livro de Registro das Celebrações, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número três mil quinhentos e cinquenta e um, de quatro de agosto de dois mil, consta à folha dois, verso, o seguinte: “Registro número dois. Bem cultural: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, no Estado de Goiás. Descrição: É uma celebração de origem portuguesa, disseminada no período colonial pelo território brasileiro, com variações em torno de uma estrutura básica e dos símbolos principais do ritual –

as folias, a coroação de um imperador e o império. A esta estrutura básica, os agentes da Festa do Divino de Pirenópolis vêm incorporando outros ritos e representações, como as encenações de mascarados e cavalcadas, responsáveis pela grande notoriedade da festa, que se realiza nesta cidade a cada ano, desde 1819, durante cerca de 60 dias, com clímax no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias após a Páscoa. Constituída por vários rituais religiosos e expressões culturais, a Festa do Divino é uma celebração profundamente enraizada no cotidiano dos moradores de Pirenópolis e determinante dos padrões de sociabilidade local. Seus elementos essenciais, por ordem de ocorrência, são: as Folias “da Roça” e “da Rua”, que “giram” pela zona rural e pela

cidade, levando as bandeiras do Divino e angariando donativos para a festa; a coroa, a figura do Imperador, as cerimônias e rituais do Império, com alvoradas, cortejos, novena, jantares e outras refeições coletivas, missas cantadas, levantamento do mastro, queima de fogos, distribuição de “verônicas”, sorteio e coroação do Imperador; as Cavalcadas, encenações de batalhas medievais entre mouros e cristãos, em honra do Imperador e do Espírito Santo; os Mascarados com máscaras de papel pintado, que circulam a pé e a cavalo pela cidade e pelo Campo das Cavalcadas; o Hino do Divino; o Coral de Nossa Senhora do Rosário; a Banda de Música Phoenix e a Banda de Couro ou Zabumba, que marcam os diversos rituais e

cerimônias da celebração. Além destas, também constituem a Festa do Divino de Pirenópolis outras expressões e rituais agregados – desde seu início ou há várias décadas – e constantes da programação oficial, como a encenação de dramas, operetas e do auto natalino “As Pastorinhas”; o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, com seus Congos e Congadas, realizados na segunda e terça-feira seguintes ao Domingo de Pentecostes; os ranchões dançantes; a feira livre e a Cavalhadinha, que é a reprodução-mirim dos rituais da festa. Realizada no feriado de *Corpus Christi* por crianças de até 12 anos, a Cavalhadinha busca transmitir para as novas gerações os valores e referências da identidade cultural da sociedade de Pirenópolis, de modo a estimular a continuidade da Festa do Divino. Esta descrição

corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.000715/2010-15 e Anexos, no qual se encontra reunido o mais completo conhecimento sobre esta celebração, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 63ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada em quinze de abril de dois mil e dez. Data do Registro: 13 de maio de 2010. E por ser verdade, eu, Márcia Genesis de Sant’Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada.

Brasília, Distrito Federal,
14 de maio de 2010.



JOGOS DA CAVALHADINHA.
FOTO: SAULO CRUZ, 2008.



Este livro foi produzido na primavera de 2017 para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Foi composto nas tipografias Rosewood (títulos) e MrsEaves (textos), corpo 12/14.4, em papel couché matte 150 g/m (miolo).

F418 Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - Goiás /
Coordenação, Yêda Barbosa. - Brasília, DF : Iphan,
2017.
157 p. : il. color. ; 25 cm. - (Dossiê Iphan ; 17)

ISBN: 978-85-7334-285-7

1. Festa religiosa. 2. Festa do divino - Pirenópolis (GO).
3. Patrimônio Imaterial - Pirenópolis (GO). I. Barbosa,
Yêda. II. Série.

CDD 394.2

